

Patricia Duarte Silva da Natividade

**COMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE:
O CASO DA RÁDIO ESCOLA MDP**

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-Graduação em Educação da
Universidade Federal de Santa
Catarina.

Orientador: Dr. Wladimir Antônio da
Costa Garcia.

Florianópolis
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Natividade, Patricia Duarte Silva da
COMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE : O CASO DA
RÁDIO ESCOLA MDP / Patricia Duarte Silva da Natividade ;
orientador, Wladimir Antônio da Costa Garcia -
Florianópolis, SC, 2013.
205 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-
Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Rádio. 3. Rádio Escola. 4. Micropolítica.
5. Educação. I. Garcia, Wladimir Antônio da Costa. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Educação. III. Título.

Patricia Duarte Silva da Natividade

COMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE: O CASO DA RÁDIO ESCOLA MDP

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Educação”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 5 de agosto de 2013.

Prof.^a Rosalba Maria Cardoso Garcia, Dr.^a
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação

Banca Examinadora:

Prof. Wladimir Antônio da Costa Garcia, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof.^a Gilka Elvira P. Girardello, Dr.^a
Examinadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Aglair Maria Bernardo, Dr.^a
Examinadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Elisa Maria Quartiero, Dr.^a
Suplente
Universidade do Estado de Santa Catarina

A Bobó dedica este trabalho ao amor
da minha vida: meu neto João Vitor.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por permitir-me estar aqui hoje escrevendo essas pequenas palavras de agradecimentos a várias pessoas especiais que com suas vozes tocaram profundamente meu coração e sustentaram meu esqueleto. Não foi nada fácil chegar até aqui! Meu caminho foi árduo e longo. Minha luta foi diária e difícil. Tive muitas vezes vontade de desistir, mas meus compromissos, com a Universidade e com meu orientador, me impediram de fazê-lo.

Agradeço ao meu querido amigo, orientador, prof. Dr. Wladimir Garcia, por ter me aceitado como sua orientanda e ter compartilhado tanto os saberes como os sabores, experimentados durante nossos encontros de orientação, nas tardes de 6ª feira, regados a café e muitas gargalhadas.

Agradeço à professora Dr^a Gilka E. P. Girardello por sua delicadeza, carinho e ternura, permitido minha participação como aluna convidada na disciplina obrigatória da ECO, e bem como aos demais professores dessa linha, e ali também fui acolhida pelos alunos dessa disciplina (Patricia Biegging, Sandra Eckschmidt, Lenice Cauduro, Leopoldo Nogueira, Camila Teixeira Saldanha, Victor de Abreu Azevedo, Gilmar Almeida de Azeredo, Sara Melo e Gabriela Nigra Salgado), eu não havia passado na primeira etapa do processo seletivo mestrado 2009. Gilka, seu carinho e conhecimento foram essenciais para eu tecer meu caminho.

Agradeço também pelas contribuições da professora Dr^a Aglair Maria Bernardo a esta pesquisa, durante minha qualificação. Saiba Aglair que seu sorriso e simpatia me conquistaram, fui a campo com suas palavras e sorriso em meu pensamento.

Agradeço à Leyli Abdala, que com seu carinho e bondade, estendeu sua mão na hora que eu mais precisava, nossas discussões me ajudaram a elaborar meu anteprojeto de pesquisa.

Agradeço à minha irmã do coração, Luciene Tavares Elias, por ter me cedido sua sala e sua *internet* para que eu pudesse montar meu anteprojeto de pesquisa, assim como outras pesquisas que precisei realizar para compor este trabalho.

Agradeço à minha irmã Soraia Duarte Silva Mafra, por ter me cedido o quarto do meu afilhado Henrique, para estudar e assim me preparar para a prova do mestrado.

Agradeço à minha irmã Adriana Duarte Silva que também cedeu sua sala para realizar pesquisas.

Agradeço à minha sobrinha amada do meu coração Gabriela Natacha Bechara por ter cedido seu precioso tempo, para me ajudar a organizar meu material de qualificação e posterior defesa.

Agradeço à minha irmã Eliana Darella, que gentilmente, cedeu seu apartamento para que eu pudesse finalizar essa pesquisa. A paz que eu encontrei nesse ambiente, ajudou-me a pensar e a redigir esta dissertação, bem como aumentou meu tempo de estudo pela curta distância da UFSC.

Agradeço à Bethania Negreiros, Sonia Quintino e agora Gustavo, por assumirem minhas atividades administrativas durante meu afastamento, assim como também, a força que me deram desde o processo seletivo.

Agradeço às professoras Doutoras, Célia Regina Vendramini, Rosalba Garcia, Luciane Maria Schlindwein, por aprovarem meu afastamento e pelo carinho.

Agradeço à direção e todos os funcionários da EBMJAC, principalmente Luciano, Gisely, Débora Aguiar e a Sainara Matos. Aos alunos da Oficina de Rádio e Beth (EBMDLS) pela acolhida.

Agradeço aos professores do PPGE, principalmente, a professora, Eneida Oto Shiroma, Lucidio Bianchetti, Vânia Beatriz Monteiro da Silva, Valeska Nahas Guimarães, Diana Carvalho de Carvalho, Maria Isabel Serrão, Mônica Fantin, Ida Mara Freire, Araci Hack Catapan, Dulce Marcia Cruz, Leandro Belinaso Guimarães, João Josué da Silva Filho, Eloisa Acires Candal da Rocha, Maria Helena Michels, Paulo Sergio Tumolo, Claricia Otto, Nelita Bortolotto, pela torcida.

Agradeço aos alunos da linha ECO/2010, principalmente, Juliana Aschar, Alessandra Collaço, Rosangela Mees, Gilson Cruz, Gabriela Falcão Klein, Lucila Abreu, Maíra Tonelli, Ana Alonso, Tim, Ricardo Casarini Muzy e de outras linhas, como Mara Schneider, Paula Rotelli, Joice Guimarães, Leila Procópio do Nascimento, Irma Iaczinski, Katarina Grubisic, Iracema Munarim, Célia Ratusniak, Evellyn Ledur da Silva, Eduardo Silveira, Ana Paola Sganderla, Raquel de Abreu, Vanessa Lyra, Renata Ferreira da Silva, Amanda Pereira Leite, Mônica Grumiché, Samya Campana, Fernando Pereira Cândido, Patricia Guerrero, Josinei Martins, Kátia de Carvalho Lopes, Getúlio dos Santos Soares, Amália Catharina Santos Cruz, Lucimara Domingues, Santiago Siqueira, Fabíola Cirimbelli, Elizabeth A. Antunes, João Fernando Silva de Souza e Lyana Virginia Thediga de Miranda, que sempre me apoiaram e estenderam a mão.

Agradeço aos funcionários da Prefeitura Municipal de Florianópolis, especialmente Deisi Cord, Suleica Fernanda Biesdorf, Patricia Cunha Costa Vieira e Carolina B. S. Guntzel que possibilitaram a realização da oficina de Rádio Escola e *Radiotube*.

Agradeço às ex-bolsistas do PPGE, Clarice Raulino (2010 e 2011) e Lilian Donel (2012) que me auxiliaram na coleta CAPES.

Agradeço aos profissionais da área radiofônica pelas trocas de experiências realizadas com os alunos da escola, Naval Toledo, Leandro Brazuna, Helton Luiz, André Oliveira, Pedro Leite, Paulo Roberto Santhias e Nilo Aguiar.

Agradeço aos amigos, que torceram e torcem por mim, muito tempo tive que ficar ausente, mas era preciso, Rogeria Del Rei da Silva Souza Martins, Sergio Martins, Mara Cristina Casarotto Salles, Claudia Zeferino e Ledair Terezinha Petry.

Agradeço a Stéphanie Luiza Elias e Haroldo Elias por permitirem minha presença em sua residência para realizar pesquisas na *internet*.

Agradeço Marjorie Lazo Rejano pela tradução de meu resumo.

Agradeço Cledisom A. Marques pela edição dos vídeos.

Agradeço Adriano por ter aceitado realizar revisão e formatação num curto espaço de tempo.

Agradeço aos servidores do CED, Elizabete Paulina Gomes, Valcir, Dirce, Adirte, Sabrina, Lucia Lenzi, Amabile, Eloisa Fortkamp, Madalena, Rafael, Tatiana e Luis Fernando pelo apoio.

Agradeço aos familiares, Pedro Paulo da Natividade, Monique da Natividade, Sophia da Natividade, Henrique Duarte Silva, Juliana Mafra, Sabrina Hanich, Elizabeth Hanich, Shayene Duarte Silva e Silva pela força e paciência.

E por último, a aquele que dedico este trabalho, meu neto João Vitor, a bobó te ama de montão! A todos, muito Obrigada! (Espero não ter esquecido alguém).

RESUMO

Esta pesquisa objetiva analisar a experiência da Rádio Morro das Pedras, em Florianópolis, à luz do conceito de Rádio Escola, considerando a potência política envolvida no acesso aos meios de produção midiática. Relaciona, assim, as diferentes vivências de recepção pelos sujeitos da comunidade escolar, ao migrar os conceitos de micropolítica e agenciamento coletivo de desejo como hipóteses teóricas ou dispositivos. Desloca, assim, o rádio como operação pedagógica alternativa, numa linha de fuga dos clichês didáticos curriculares. A abordagem teórico-metodológica adotada foi a análise qualitativa, a partir do método de estudo de caso. A pesquisa conclui com a caracterização de uma experiência contraditória na criação e desenvolvimento de uma rádio escola.

Palavras-Chave: Rádio. Rádio Escola. Micropolítica e Educação.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo analizar la experiencia de Radio Morro das Pedras, de Florianópolis, a la luz del concepto de la Radio escolar, teniendo en cuenta el poder político involucrado en el acceso a los medios de comunicación. Relaciona así, las distintas experiencias recogidas por los miembros de la comunidad escolar, al trasladar los conceptos de micropolítica y agenciamiento colectivo del deseo como hipótesis teóricas. Transformando así la radio en una estrategia pedagógica alternativa, una vía de escape a los clichés didácticos curriculares convencionales. El enfoque teórico metodológico utilizado fue el análisis cualitativo, a partir del método de estudio de caso. La investigación concluye con la caracterización de una experiencia contradictoria en la creación y desarrollo de una radio escolar.

Palabras-Clave: Radio. Escuela. Micropolítica y Educación.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Capa da radiocartilha do projeto Sirena	49
Imagem 2 – Espaço físico da EBMJAC – Parte externa	106
Imagem 3 – Logotipo da Rádio MDP	109
Imagem 4 – Equipamentos comprados para gravar os programas	113
Imagem 5 – Sala da Rádio MDP – Parte externa	113
Imagens 6 – Sala da Rádio MDP – Parte interna	113
Imagens 7 – Caixas de som distribuídas na EBMJAC	114
Imagens 8 – Sala informatizada da EBMJAC.....	151
Imagens 9 – Espaço físico da EBMJAC – Parte interna	151
Imagem 10 – Sala informatizada.....	159
Imagem 11 – Gravador de voz	161
Imagens 12 – Realizando pesquisas na <i>Internet</i>	164
Imagem 13 – Pesquisa de temas para a realização dos programas.....	164
Imagens 14 – Atividades em sala de aula.....	168
Imagens 15 – Reinauguração da Rádio MDP – Agosto 2012	169
Imagem 16 – organizando os trabalhos em equipe	170
Imagens 17 – Edição de programa	171
Imagens 18 – Atividades em sala	171
Imagem 19 – Pesquisando conteúdos na <i>internet</i>	174
Imagem 20 – Apresentação do primeiro programa ao vivo	175
Imagem 21 – Apresentação do segundo programa ao vivo.....	177
Imagem 22 – Apresentação do terceiro programa ao vivo.....	178
Imagem 23 – Apresentação do quarto programa ao vivo.....	179
Imagem 24 – Apresentação do quinto programa ao vivo.....	179
Imagem 25 – Apresentação do sexto programa ao vivo.....	179
Imagem 26 – Apresentação do oitavo programa ao vivo	180
Imagem 27 – Apresentação do nono programa ao vivo	180
Imagens 28 – Elaborando <i>Spots</i>	181
Imagem 29 – Apresentação do décimo grupo ao vivo	181
Imagem 30 – Chegada à Rádio Comunitária do Campeche.....	183
Imagem 31 – Apresentação da Rádio Comunitária do Campeche	183
Imagem 32 – Espaço físico da Rádio Comunitária do Campeche	184
Imagens 33 – Aguardando ser chamado.....	184
Imagem 34 – Conhecendo a Rádio Comunitária do Campeche por dentro	184
Imagens 35 – Demonstração do programa	185
Imagem 36 – Parada para o lanche.....	186
Imagens 37 – Visita da Dona Passa na EBMJAC	187

Imagem 38 – Momentos de perguntas	188
Imagem 39 – Visita a RBS TV	189
Imagem 40 – Conversa com os alunos.....	189
Imagem 41 – Conversa com o funcionário da Rádio Itapema FM	190
Imagens 42 – Estúdio Itapema FM e Atlântida FM.....	190
Imagem 43 – Estúdio CBN diário.....	191
Imagem 44 – Helton Luiz com os alunos.....	191
Imagem 45 – Demonstração de <i>sites</i> de rádio <i>Web</i> realizada por Helton Luiz	193
Imagem 46 – Demonstração <i>sites</i>	194
Imagem 47 – Exibição de filme	195
Imagens 48 – Palestra Rádio Educativo.....	197
Imagem 49 – Demonstração <i>site</i> rádio educativo	197
Imagens 50 – Vídeo sobre a história do rádio.....	198
Imagem 51 – Sala informatizada da escola EBMDLS.....	199
Imagem 52 – Espaço físico da rádio Onda Jovem	199

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Levantamento bibliográfico CAPES – 2000 a 2011.....	54
Tabela 2 – Levantamento bibliográfico PPGE – 2000 a 2011	58
Tabela 3 – Rádio Escola – Situação por escola/2013.....	89
Tabela 4 – Questionário respondido por professores/servidores da EBMJAC, em: 14/12/2012.....	119
Tabela 5 – Cronograma das vivências no campo	126
Tabela 6 – Quantidade de alunos que participaram das vivências no campo	127
Tabela 7 – Questionário aplicado aos alunos antes/depois das vivências no Campo	128
Tabela 8 – Entrevista realizada com os alunos da educação infantil e séries iniciais em, 21/11/2012.....	131
Tabela 9 – Entrevista realizada com os alunos da educação infantil e séries iniciais em, 21/11/2012	132
Tabela 10 – Grupos da Rádio MDP	132
Tabela 11 – Horários de aula das oficinas de informática, rádio e sala informatizada	150

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Perguntas antes e depois sobre as tipologias de rádio 129

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Abert – Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão
Abraço – Associação Brasileira
ACT's – Admissão em Caráter Temporário
Anatel – Agência Nacional de Telecomunicações
Amarc – Associação Mundial das Rádios Comunitárias
AM – Amplitude Moderada
BBC – British Broadcasting Corporation
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPG – Controle Acadêmico da Pós-Graduação
CBN – Central Brasileira de Notícias
Dentel – Departamento Nacional de Telecomunicações
DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda
DJ – Disk Jockey
DOP – Departamento Oficial de Propaganda
EBMBP – Escola Básica Municipal Batista Pereira
EBMDLS – Escola Básica Municipal Dilma Lucia dos Santos
EBMBEG – Escola Básica Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes
EBMJAC – Escola Básica Municipal José Amaro Cordeiro
ECO – Educação e Comunicação
ES – Espírito Santo
FUNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
FM – Frequência Moderada
KDKA – É o prefixo da primeira radiodifusora comercial, em Pittsburgh, Estados Unidos.
MDP – Morro das Pedras
MEB – Movimento de Educação de Base
MEC – Ministério da Educação
MG – Minas Gerais
MP3 – MPEG-1/2 Audio Layer 3
MP4 – MPEG-4 Part 14
NTE – Núcleo de Tecnologia Educacional
NTM – Núcleo de Tecnologia Municipal
ONG – Organização Não Governamental
PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola
PMF – Prefeitura Municipal de Florianópolis
PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação
PRD5 – É a sigla da Rádio Escola Municipal do Distrito Federal

PROINFO – Programa Nacional de Informática na Educação
PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RFI – Radio France Internationale
RAI – Radiotelevisione Itália
RBSTV – Rede Brasil Sul de Televisão
RME – Rede Municipal de Ensino
RJ – Rio de Janeiro
SC – Santa Catarina
SEB – Secretaria Educação Básica
SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade
SP – São Paulo
SRE – Serviço de Radiodifusão Educativa
Sesc – Serviço Social do Comércio
Senac – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Sirena – Sistema de Rádio Educativo Nacional
TVBV – TV Barriga Verde
TOPAS – Todos Podem Aprender Sempre
UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
Unar – Universidade do Ar
UNE – União Nacional dos Estudantes
USP – Universidade de São Paulo
WEAF – Sigla da Emissora de rádio, de Nova York

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	25
2 O RÁDIO: DIMENSÃO HISTÓRICA, POTENCIAL EDUCATIVO E A PESQUISA ACADÊMICA.....	31
2.1 BREVE HISTÓRIA DO RÁDIO.....	31
2.2 O RÁDIO NO BRASIL	34
2.3 POTENCIAL EDUCATIVO DO RÁDIO	47
2.4 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	53
3 TIPOLOGIA DE RÁDIOS NÃO COMERCIAIS.....	63
3.1 RÁDIOS LIVRES	64
3.1.1 Rádios Livres no Brasil.....	70
3.2 RÁDIO COMUNITÁRIA	74
3.3 RÁDIO <i>WEB</i>	81
3.4 RÁDIO ESCOLA.....	85
4 REVOLUÇÃO MOLECULAR E EDUCAÇÃO.....	91
4.1 REVOLUÇÃO MOLECULAR	91
4.2 GUATTARI E A MICROPOLÍTICA PELA PRODUÇÃO RADIOFÔNICA	96
5 O CASO DA RÁDIO ESCOLA MDP	101
5.1 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	101
5.2 A CONSTITUIÇÃO DA EXPERIÊNCIA (HISTÓRIA DA RÁDIO MDP).....	105
5.3 LIMITES E POSSIBILIDADES	114
5.3.1 Limites	115
5.3.2 Possibilidades	124
6 CONSIDERAÇÕES (SEMI)FINAIS.....	137
REFERÊNCIAS	141
APÊNDICE A – Descrição da Experiência (Diário de Campo)	149
APÊNDICE B – Documentos	201
APÊNDICE C – DVD	205

1 INTRODUÇÃO

Foi amor “à primeira ouvida”... A escolha do rádio como objeto de pesquisa vai ao encontro de lembranças vividas na infância, quando o rádio era o único veículo midiático que tínhamos à disposição, responsável por nos trazer informação e entretenimento. Naquela época¹, além de aguçar nossa imaginação (as palavras e os sons solicitam-nos a criação de imagens polissêmicas), o rádio nos forçava a uma maior concentração e também promovia a união familiar, uma vez que nos reuníamos ao redor do fogão a lenha ou em algum outro cômodo da casa, seja em tardes ensolaradas ou chuvosas, todos para ouvir músicas, noticiários e novelas. Trata-se, em última análise, a contrapelo da história, da possibilidade de retomar certa aura da experiência². Lembro-me com saudade de algumas situações: todas as vezes que o rádio tocava uma determinada música³, que tinha uma melodia suave, parava com minhas atividades e sentava na sua frente e ficava ouvindo e aprendendo a cantá-la, mesmo sem compreender o significado da letra: a melodia me atraía e fascinava, proporcionava tranquilidade, sensação de conforto, paz, desejo, segurança, que conduziam meus pensamentos, transportando-me a muitos lugares, reais ou imaginários. O olhar perdido no horizonte tecendo figuras numa espécie de tradução intersemiótica. Essas experiências foram tão marcantes e significativas que mesmo na fase adulta ainda guardo na memória não apenas a música, mas também o entorno ligado aos meus mais preciosos momentos, os sentimentos, as sensações experimentadas na época, tornando vívidos em minha memória os fatos ocorridos, algumas das notícias veiculadas, eventos familiares, ocorrências entre amigos e demais acontecimentos.

Estreitando e atualizando este convívio, ouvir o rádio todos os dias pela manhã quando saio de casa para trabalhar e levar e buscar

¹ Década de 70, cidade de Florianópolis, Praia dos Ingleses.

² BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. P. 197-221.

³ Te amo eternamente. Trechos da música: “[...] ai que bom que eu te encontrei, parece aquela vez, porque eu te amo, mais uma vez, agora compreendi, que a vida para mim é feita só pra nós dois, não, não deixe pra depois, o mundo é de nós dois, te amo eternamente [...]”. Esta música fez parte da trilha sonora da novela “Mulheres de Areia” da TV Tupi em 1973. <<http://www.youtube.com/watch?v=oqJVEbHBa2M&feature=related>>. Acesso em: 10 set. 2012.

minhas filhas⁴ no colégio tornou-se um hábito familiar e prazeroso, remetendo-me aos bons momentos vividos com meus pais a frente do rádio. Dentro dessa rotina, durante um de meus trajetos casa – escola – trabalho – escola – casa, o rádio do carro estava sintonizado na estação Atlântida FM (100.9 MHz), que passava a veicular seu programa Rádio Kzuka⁵, onde a repórter começou a entrevistar alguns estudantes antes deles entrarem para a sala de aula, lançando a pergunta do dia: qual a sua opinião sobre a reserva de cotas das universidades públicas? Chamou-me a atenção as respostas, ao seu modo, críticas, que aqueles alunos davam para a pergunta. Por exemplo, um deles respondeu dizendo que “não concordava, todos deveriam concorrer igual, que fazendo isso estariam privilegiando pessoas, que não era justo com os demais”, outro respondeu “isso não deveria ter sido aprovado, isso é um absurdo, agora só falta eles criarem cotas para os pobres”.

Saliento que senti um grande desconforto ao ouvir algumas das respostas, que chegavam a ser ignorantes no sentido literal da palavra, uma vez que ao responderem ficava patente a falta de informação ao opinar a respeito do assunto questionado, deixavam também transparecer um conhecimento condicionado acerca do tema, influenciado claramente pela mídia a que tinham acesso. Isso me levou a pensar e questionar-me a respeito da qualidade da informação que chega a esses alunos, uma realidade preocupante e para a qual poucos se atentam. Lembro ainda que me perguntei sobre qual seria o posicionamento das inúmeras pessoas que estavam ouvindo aquelas respostas, e se as pessoas que faziam as perguntas possuíam alguma formação pedagógica ou sequer refletiam a respeito do impacto que tais opiniões teriam no imaginário de seus crédulos ouvintes. Essa inquietação emergiu e atingiu maior amplitude quando passei a questionar os discursos elaborados por essa emissora e refletir sobre o potencial que a mídia rádio ainda possui para afetar seus ouvintes e suas possíveis repercussões.

A partir daí, pensei em algumas questões, tais como, se a escola desses alunos havia feito alguma discussão sobre cotas; se as perguntas tinham algum cunho pedagógico; se eram elaboradas aleatoriamente ou elaboradas por um educador; se existiam profissionais da educação vinculados com profissionais da comunicação envolvidos na elaboração

⁴ Na época, ambas cursavam o ensino fundamental e o ensino médio numa escola estadual localizada no centro de Florianópolis/SC.

⁵ Rádio Kzuka – Os Drops Kzuka, na Rádio Atlântida, são intervenções de 1 minuto onde o apresentador faz a festa com a galera dos colégios e cursinhos, com enquetes sobre comportamento e tudo que faz parte do universo jovem.

desse programa. Dentro dessa onda de indagações e dúvidas, lembro que entrei em contato com a redação do programa para obter mais informações que satisfizessem um pouco minha ansiedade⁶. Entretanto, o que obtive⁷ foi um aumento das minhas inquietações, já que não havia qualquer acompanhamento pedagógico no programa. Assim, nesse momento, cheguei à conclusão que a falta de informação e, principalmente, a falta de uma responsabilidade formativa, prejudica a compreensão contextual dos fatos sociais, políticos econômicos engendrados em nossa sociedade.

Essas questões me impulsionaram e motivaram a pesquisar se existia algum trabalho nas escolas com rádio no Município de Florianópolis. Por intermédio de uma amiga, descobri que uma comunidade situada no bairro Campeche, em Florianópolis, possui, desde 2005, a Rádio Comunitária Campeche, que vem desenvolvendo uma espécie de parceria com a Escola Básica Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes, resultando no projeto Rádio Brigadeiro⁸.

Desejosa de obter mais informações, pesquisei na *internet* sobre o assunto e descobri a existência do Núcleo de Tecnologia Municipal – NTM⁹ da Prefeitura de Florianópolis. Assim, entrei em contato pessoalmente com os responsáveis do núcleo para saber mais acerca do trabalho desenvolvido por eles. Muito bem recebida, obtive a confirmação de que existiam projetos de implantação de rádio nas escolas municipais em diferentes estágios de desenvolvimento. Na mesma oportunidade, recebi o convite para participar do Curso de

⁶ E-mail enviado para marketing@kzuka.com.br , no dia 28/03/10, com as seguintes perguntas: Qual é o público alvo; Qual é a série dos alunos entrevistados; Horário que ia ao ar; Quem elaborava as perguntas; Qual é o nome correto do programa e Objetivo(s).

⁷ Resposta enviada por sarah.liz@kazuka.com.br , no dia 07/04/10: “Público alvo de 15 a 17 anos de idade; Alunos entrevistados de 1º, 2º e 3º série do ensino médio; No ar de 2ª a sábado, nos seguintes horários: 07h30min – 12h30min – 17h30min – 22h; Quem elabora os textos é Sarah de Liz; O Programa é Rádio Kazuka-drops; Objetivo: são perguntas sobre atualidades, variadas, todas relacionadas aos jovens” (Sic).

⁸ A Rádio Brigadeiro é um projeto permanente da escola, voltado para crianças e adolescentes com defasagem idade-série que compõe o programa de aceleração escolar da Prefeitura Municipal de Florianópolis TOPAS (Todos Podem Aprender Sempre).

Para mais informações acesse o endereço:

<http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/29_10_2009_8.30.59.b19c68c0ce5b8c53e36c7331100cd6f5.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2011.

⁹ NTM, responsável pela implantação, supervisão e orientação do projeto Rádio Escola, bem como pela formação continuada, pelos docentes e auxiliares de ensino das salas informatizadas da Rede Municipal de Ensino (RME), através de cursos, oficinas, eventos e assessoramento pedagógico presencial ou *online*.

Rádio¹⁰ promovida pelo NTM, que contou, principalmente, com funcionários das salas informatizadas das escolas municipais de Florianópolis. Este curso teve como principal objetivo deixar clara a importância do rádio nas escolas e os fundamentos da implantação de uma rádio no ambiente escolar.

Dentro desse contexto e universo de possibilidades tão intrigantes quanto estimulantes, decidi lançar-me de coração na pesquisa sobre essas experiências produzidas com a mídia rádio dentro do ambiente escolar, mesmo ciente dos obstáculos à minha frente, principalmente os relativos às limitações inerentes à minha formação universitária¹¹.

Assim, com o objetivo de delimitar a pesquisa e tendo em mente os diferentes estágios de desenvolvimento dos projetos nas escolas, optei por realizar a pesquisa na Escola Básica Municipal José Amaro Cordeiro, localizada no bairro Morro das Pedras, no sul da ilha de Florianópolis/SC. A opção deu-se por motivos de ordem organizacional -estrutural-funcional e com a finalidade de acompanhar os processos básicos de criação de conteúdos, produção, veiculação e recepção dos programas pela comunidade escolar.

Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo analisar a experiência da Rádio Morro das Pedras – MDP à luz do conceito de Rádio Escola, considerando a potência política e desejante da experiência de acesso aos meios de produção midiática, relacionando as diferentes vivências de recepção pelos sujeitos da comunidade escolar, ao migrar os conceitos de micropolítica do desejo e agenciamento coletivo de desejo como hipóteses teóricas ou dispositivos do trabalho. Como referencial teórico, a pesquisa conta com os estudos de Felix Guattari, que considerava o rádio um grande potencial como forma de acesso aos meios de produção da informação. Conta ainda com os

¹⁰ Intitulado Rádio na/da Escola, o curso contou com atividades presenciais e a distância, sendo 07 encontros presenciais de três horas aula cada mais 19hs a distância, entre os meses de abril a outubro/2011. No total foram 24 participantes, na maioria Auxiliares de Ensino de Tecnologia das escolas da RME. As atividades desenvolvidas foram: Análise do filme "Uma onda no ar"; criação de Projeto para a implantação da rádio na ou da escola; Leitura de capítulo do livro do professor Marcos Baltar sobre Gêneros Textuais (A oralidade como gênero textual); Palestra do jornalista e repórter da RBS TV Helton Luiz; Criação, Gravação e Edição de Programa como forma de apresentar o editor de áudio Audacity, bem como a Construção de *blog* coletivo.

¹¹ Minha graduação é na área da saúde, mais especificamente no curso de enfermagem. Uma das formas encontradas para minimizar esses obstáculos foi o ingresso no curso de Pedagogia (EAD-Ulbra), realizado concomitantemente ao mestrado, com a abertura, uma via de mão dupla, para o contágio teórico e prático de um curso no outro. Além disso, participei em eventos: seminários de pesquisa (3º Seminário de Pesquisa Mídia-Educação e 9ª Anped Sul) e oficinas (Radiotube Região Sul e Rádio Escola).

conceitos desenvolvidos por Guattari em conjunto com Gilles Deleuze a respeito da revolução molecular e do desejo, aplicados quando da análise da experiência desenvolvida na rádio. Por exemplo, o conceito de transversalidade, que implica num deslocamento de um problema atravessando várias séries sociais (escola-sociedade-esfera ético/política).

Para auxiliar na construção de elementos à análise do material empírico, foi realizada investigação bibliográfica, no banco de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com intuito de pesquisar o que a comunidade científica da área da educação já possui em termos de acúmulo teórico acerca desta temática. Estes elementos foram buscados com o intento de que possam sustentar de um lado o processo e de outro os resultados por ventura encontrados, bem como para que venham a ampliar os horizontes teóricos para o desenvolvimento da pesquisa. A realização deste levantamento bibliográfico abarcou as dissertações defendidas entre os anos de 2000 a 2011. Para separar desse *corpus* teórico o que nos interessava, utilizou-se como critério de seleção, a busca através de palavras-chave, como: Educação, Rádio, Mídia, Mídia-Educação, Estudos Culturais¹² e Recepção.

Durante a pesquisa foram abordadas temáticas que contemplam aspectos de cunho social, político, educacional, psicológico, questões de ordem ética e/ou cultural, que contribuam para uma maior compreensão e uma ampliação das práticas relacionadas à cidadania midiática.

Para tanto, no primeiro momento, contextualizo o surgimento do Rádio, destacando sua história e sua função social, cultural, política e econômica na realidade brasileira. Em seguida, contextualizo historicamente o uso dessa mídia como importante ferramenta no processo educacional brasileiro, evidenciando seu potencial educativo, explicitando as experiências desenvolvidas pelo governo e por particulares, abordando seus pontos fortes e suas limitações. Logo após, com a finalidade de se conhecer o que a comunidade acadêmica vem produzindo a respeito, realizo a análise do *corpus* teórico selecionado através do levantamento bibliográfico das dissertações.

No capítulo seguinte, trato dos diferentes modos de expressão que a rádio, desobrigada de compromissos comerciais, adota, ou seja: as rádios *Web*, *Livre*, *Comunitária* e *Escola*, com especial ênfase nesta última, a qual é o objeto desta pesquisa.

¹² A pesquisa da palavra-chave “Estudos Culturais” retornou alguns termos correlatos como “Identidade Cultural”, “Cultura Popular” e “Identidade”.

Num quarto momento, desenvolvo o fundamento teórico do trabalho, relacionando à Revolução Molecular com a educação, acionando a ideia do acesso aos meios de produção como constituição de cidadania e do rádio como operação pedagógica alternativa, fugindo desta forma dos clichês didáticos curriculares. Dando continuidade ao trabalho, apresento o estudo de caso realizado na Escola Básica Municipal José Amaro Cordeiro – EBMJAC. Realizo esta apresentação descrevendo as várias etapas que estruturaram a experiência, incluindo a recepção da comunidade escolar acerca dos programas veiculados na Rádio MDP, no sentido de identificar a imagem que os alunos, no caso, os próprios produtores, apresentadores e receptores, formam quando eles mesmos estão envolvidos na construção e prática do processo pedagógico, através de uma análise dos resultados alcançados, apresentando os dados quantitativos e qualitativos obtidos; e, a partir do referencial teórico adotado, verifico os prós e contras da economia do desejo na experiência em curso, bem como em que medida há fluxo de desejo.

Por último, apresento as considerações finais, retomando a importância histórica do rádio, suas formas alternativas, sua potência política e a experiência contraditória da criação e desenvolvimento de uma rádio escola.

2 O RÁDIO: DIMENSÃO HISTÓRICA, POTENCIAL EDUCATIVO E A PESQUISA ACADÊMICA

2.1 BREVE HISTÓRIA DO RÁDIO

Ao longo dos anos, foram sendo desenvolvidos e inventados produtos tecnológicos para atender as necessidades e exigências do homem. O rádio foi um dos frutos dessa busca tecnológica. A respeito de seu surgimento, tem-se que muitos foram os cientistas que contribuíram para a criação do rádio. Diferentes teorias e inventos, desenvolvidos em diferentes partes do mundo, possibilitaram o surgimento e a consolidação dessa nova tecnologia, verdadeira revolução na comunicação. A tecnologia surge, portanto, para atender necessidades na área da comunicação, fruto do desenvolvimento do telégrafo e do telefone (MEDITSCH, 2007, p. 32).

Considerado um marco inicial na série de progressos na área da comunicação, o telégrafo, sistema de envio de mensagens baseados em um sistema de pontos e traços, é criado por Samuel F. B. Morse. (MOTA FILHO, 2007, p. 32). Dando continuidade aos avanços tecnológicos da época, em 1864, o físico escocês James Clerk Maxwell teoriza a existência das ondas eletromagnéticas¹³, ondas luminosas que se propagam no espaço (TAVARES, 1999, p. 19). Alexander Graham Bell, em 1876, transmite, por meio de fios elétricos, a voz humana, criando o telefone (MANASSÉS *et al*, 1980, p. 26).

Apesar de configurada matematicamente por Maxwell, a teoria das ondas eletromagnéticas só foi comprovada em campo, através de experimentos, em 1887, pelo alemão Henrich Rudolph Hertz. Pela comprovação da teoria, Henrich foi homenageado, sendo que as ondas de rádio passaram a ser chamadas de *Hertz* (TAVARES, 1999, p. 19).

O cientista italiano Guglielmo Marconi passa a realizar diversos experimentos relacionados à aplicação prática das ondas eletromagnéticas no envio de mensagens, criando, em 1896, o primeiro telégrafo sem fio, inaugurando a radiocomunicação (MANASSÉS *et al*, 1980, p. 26).

Dada a possibilidade do envio de mensagens sem fio, a transmissão da voz passa a ser almejada. Atribui-se ao canadense Reginald Aubrey Fessenden a primeira transmissão da voz por ondas

¹³ “As ondas eletromagnéticas também são usadas nas transmissões de telefone, de televisão, de radar, nos sistemas de navegação e nas telecomunicações” (CÉSAR, 2005, p. 190).

eletromagnéticas. No natal de 1906, Fessenden realiza com sucesso a transmissão de discursos e música (MEDITSCH, 2007, p. 32).

A partir de 1908, Fleming e Lee de Forest revolucionam a radiofonia, introduzindo a válvula termiônica nos aparelhos. A válvula permite a ampliação dos sinais elétricos, dando ocasião, junto com os demais avanços, à melhoria dos equipamentos de rádio (MANASSÉS *et al*, 1980, p. 26).

Apesar de seu surgimento, a utilização do rádio como meio de comunicação de massa demorou um pouco a ser concebida, enfrentando resistência por ser considerada um tipo de comunicação que não oferecia privacidade. Foi a partir da criação de um determinado uso social que a tecnologia foi popularizada.

No ano de 1916, David Daniel Sarnof sugere à Companhia Marconi a utilização doméstica de aparelhos de rádio, o que foi rechaçado. Sua sugestão revelava possibilidades quanto à expansão das funções do rádio, bem como ampliação do público alvo (*Ibid*; TAVARES, 1999, p. 39).

Já na década de 20, o americano Frank Conrad, funcionário da Companhia Westinghouse Electric Corporation, através de um equipamento experimental de transmissão criado por ele mesmo, inicia a transmissão amadora de músicas, leitura de notícias e livros, intitulada Westinghouse Station, dando origem a primeira programação radiofônica (MANASSÉS *et al*, 1980, p. 27; TAVARES, 1999, p. 39).

A popularidade do programa aumentou, influenciando a procura de aparelhos receptores. Reconhecendo o potencial de vendas dos aparelhos de recepção doméstica gerado pela iniciativa, a Westinghouse aceita a sugestão de seu funcionário Frank Conrad e cria, em 2 de novembro de 1920, na cidade de Pittsburgh, a primeira emissora radiofônica profissional do mundo a KDKA, com programação jornalística (CALABRE, 2002, p. 8; *Ibid*; MEDITSCH, 2007, p. 34).

O público encoraja a iniciativa, cujo sucesso enseja a criação de outras estações de rádio. A ideia de meio de transmissão e consumo de massa se configura. Outro fator potencializante no crescimento do rádio como veículo de comunicação foi a receita gerada pela veiculação de anúncios comerciais, garantindo a sobrevivência do rádio nos períodos de estabilização da tecnologia (MANASSÉS *et al*, 1980, p. 27). Neste caso, é o traço “comercial” que é definido. Comercial e de massa parecem ser os pilares que sustentam as estações de rádio, acompanhando o processo de sua institucionalização.

A alta demanda por aparelhos de rádio a partir da década de 20 popularizou o rádio como meio de comunicação de massa, sendo que em

1921 os Estados Unidos contavam com quatro emissoras, em 1922 com vinte e nove, em 1923 com trezentas e oitenta e duas emissoras, para, no final de 1924, atingir quinhentas e trinta emissoras de rádio, sendo que, no polo da recepção, em 1927, mais de sete milhões de aparelhos haviam sido vendidos no país (CALABRE, 2002, p. 9; CÉSAR, 2005, p. 181; TAVARES, 1999, p. 40).

A emissora WEAF, de Nova York, surge em 2 de novembro de 1922 como a primeira emissora comercial a ser criada no mundo. A emissora pertencia à companhia *Telephone and Telegraph Company*, e transmitiu, em 1923, a primeira transmissão de rádio em cadeia. No final de 1926, ela foi vendida à *Radio Corporation of America*, passando a denominar-se *National Broadcasting Co* (TAVARES, 1999, p. 40).

O rádio conquistou as pessoas, popularizou-se, passou a ocupar o lugar central na sala de estar, desenvolveu suas potencialidades e foi “considerado a oitava arte”¹⁴, nas décadas de 30 e 40 (MEDITSCH, 2007, p. 35). Ele revolucionou a relação do indivíduo com a informação, proporcionando nova velocidade e significado aos acontecimentos, uma vez que é o primeiro meio de comunicação a falar individualmente com as pessoas (CALABRE, 2002, p. 9).

As empresas que produziam os equipamentos e aparelhos de rádio dão início à expansão do mercado para outros países, que também começam a fazer uso da nova tecnologia de comunicação (*Ibid*). Países como a Argentina, Inglaterra, Holanda, França, Polônia, Japão, Canadá, Austrália, União Soviética e Alemanha, entre outros, passaram também a fazer uso regular das transmissões via rádio, transmitindo músicas, notícias etc.

Diferentemente do modelo adotado nos Estados Unidos, cujas rádios são exploradas por iniciativa privada, muitos governos europeus mantêm controle estatal sobre as rádios. Cita-se como exemplo a inglesa *British Broadcasting Corporation* (BBC), a francesa *Radio France Internationale* (RFI) e a italiana *Radiotelevisione Itália* (RAI) (TAVARES, 1999, p. 41).

Alguns países também começam a utilizar o rádio para a veiculação de propagandas políticas. Como exemplo mais funesto, pode-se citar a Alemanha nazista de Hitler, que empreendeu, com sucesso, acirrada campanha no sentido de fazer arraigar sua propaganda política nas mentes e corações dos cidadãos alemães que deram posterior suporte

¹⁴ Dando prosseguimento à classificação das artes através do uso da numeração, como, por exemplo, no caso do cinema, consolidado como a “Sétima Arte”.

às suas ações de conquista na Europa e mudanças radicais na política do país.

“A propaganda nazista fazia uso da tecnologia de ponta da época, como o gramofone, permitindo que discursos musicais marciais fossem ouvidos em locais públicos.” (JORGE, 2012, p. 162). Em um desses discursos, Hitler assevera que “Já não se trata de saber se a guerra atual manterá o antigo equilíbrio de forças ou se o restabelecerá, e sim quem predominará no final desta luta, [...]. Nesta guerra só pode haver um vencedor.” (*Ibid*, p. 267)

Sobre o assunto, MANASSÉS *et al* (1980, p. 28) afirmam que todos os alemães eram obrigados a ouvir em volume alto seus discursos e cantos marciais. A eficiência do rádio como um instrumento de persuasão e mobilização popular, durante o nazismo na Alemanha foi comprovada por vários autores (MEDITSCH, 2007, p. 124). Afinal, ao contrário do ditado popular, surge sempre um ou mais venenos para cada remédio criado.

2.2 O RÁDIO NO BRASIL

A tecnologia da radiodifusão¹⁵ não era novidade no país. O padre gaúcho Roberto Landell de Moura realizava experiências parecidas as do italiano Guglielmo Marconi (HAUSSEN, 2004, p. 53). Em 1893, o padre teria demonstrado um telégrafo e telefone sem fios, transmitindo mensagens em até oito quilômetros de distância. Incompreendido e sem apoio local, o padre teve seus equipamentos destruídos por seus fiéis, não obtendo o devido reconhecimento com sua pesquisa (MEDITSCH, 2007, p. 33).

Tem-se notícias que as primeiras transmissões de rádio no Brasil aconteceram na cidade de Recife, em 6 de abril de 1919, de forma amadora pela Rádio Clube de Pernambuco, criada por Oscar Moreira Pinto e usando transmissor importado da França (ORTRIWANO, 1985, p. 13).

Vários movimentos de cunho cultural, político e social antecederam ao surgimento do Rádio no Brasil em 1922, dentre eles: a I Semana de Arte Moderna¹⁶, a qual aconteceu em fevereiro daquele ano na cidade de São Paulo, apresentando novas ideias e conceitos artísticos,

¹⁵ A palavra é a tradução do inglês “Broadcasting, que significa ‘transmitir, emitir, difundir’ através do rádio. Cf. **Dicionário Oxford escolar**: para estudantes brasileiros de inglês: português-inglês, inglês-português. 3. Ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.

¹⁶ A I Semana de Arte Moderna aconteceu nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922.

tendo como participantes nomes como: Tarsila do Amaral, Manuel Bandeira, Mario de Andrade, Villa-Lobos e outros; a campanha eleitoral para sucessão do presidente Epitácio Pessoa que engendrou verdadeiro tumulto, criando ondas de inconformismo pelos quartéis, imprensa, Congresso e ainda a emoção do povo brasileiro pelo incidente conhecido como “Os Dezoito do Forte”¹⁷ (TAVARES, 1999, p. 47-48).

Portanto, dentro de uma conjuntura político-social efervescente, o Rádio nasce no Brasil, de forma oficial, em 7 de setembro de 1922, como parte das comemorações do centenário da independência brasileira na Praia Vermelha no Rio de Janeiro¹⁸, dando seus passos iniciais com a realização de sua primeira transmissão radiofônica oficial, que consistiu no discurso do então Presidente da República Epitácio Pessoa (HAUSSEN, 2004, p. 53; MOREIRA, 2000, p. 21; ORTRIWANO, 1985, p. 13; PRATA, 2009, p. 17; CÉSAR, 2005, p. 193, TAVARES, 1999, p. 193).

O discurso foi ouvido por meio de alto-falantes espalhados nos pavilhões onde ocorreu a comemoração e em pontos estratégicos da cidade do Rio de Janeiro. A fala do Presidente também foi ouvida em São Paulo, Petrópolis e Niterói. A transmissão só foi possível graças à instalação de uma verdadeira estação transmissora no alto do morro do Corcovado, que contava com oitenta transmissores, torres, alto-falantes e receptores nas supracitadas cidades, e graças aos esforços conjuntos da *Rio de Janeiro and São Paulo Telephone Company*, da *Westinghouse Internacional Company* e da *Western Electric Company*. A estação transmissora montada por ocasião da comemoração do centenário brasileiro da independência foi mantida por algum tempo pelos Correios e Telégrafos, e regularmente transmitia músicas, declamações e cotações da bolsa de valores (TAVARES, 1999, p. 50).

Pioneiro do rádio no Brasil, o médico, professor e antropólogo Edgard Roquette-Pinto já era conhecido como intelectual entusiasta da utilização de livros, jornais e revistas para a popularização do conhecimento. Sua atuação ganhou novo impulso com a vinda do rádio para o Brasil (MOREIRA, 2000, p. 22).

Roquette-Pinto possuía a convicção de que o rádio como meio de comunicação teria um grande valor informativo e cultural para a sociedade, principalmente para os que não tinham acesso à educação.

¹⁷ O episódio conhecido como “Os Dezoito do Forte” ocorrido em 5 de julho de 1922, tratou-se de uma insurreição por parte de dezoito militares e um civil, ocorrida no Forte de Copacabana, Rio de Janeiro (TAVARES, 1999, p. 48).

¹⁸ Estabelecendo um paralelo com o desenvolvimento do rádio no exterior, tem-se que em 1922, nos Estados Unidos o número de aparelhos de rádio já ultrapassava os cinquenta mil.

Poderia vir também a contribuir com o fim do analfabetismo, o qual era imenso no Brasil, chegando a regiões consideradas de difícil acesso. Para Roquette-Pinto:

O rádio é a escola dos que não têm escola. É o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças, o consolador dos enfermos e o guia dos sãos – desde que o realizem com espírito altruísta e elevado (ROQUETTE-PINTO *apud* BLÓIS, 2004, p. 147).

Seu desejo era transformar o rádio em uma potente ferramenta de educação, contribuindo para a reflexão sobre a construção de um projeto cultural nacional e de um pensamento social brasileiro, fazendo com que, através do rádio, a educação se popularizasse.

Dentro dessa perspectiva, Roquette-Pinto, juntamente com o presidente da Academia Brasileira de Ciências¹⁹, Henrique Morize e outros membros da academia, inauguram a radiodifusão no país com a criação da primeira estação de rádio do Brasil, em 20 de abril de 1923, a chamada Rádio Sociedade do Rio de Janeiro²⁰ (TAVARES, 1999, p. 50; ORTRIWANO, 1985, p. 13).

Assim, nasce o rádio no país, com função cultural e educativa. Mas nesse primeiro momento nasce também elitista, uma vez que apenas aqueles que tivessem condições financeiras de mandar buscar o aparelho receptor no exterior tinham acesso à programação veiculada (ORTRIWANO, 1985, p. 14).

Com exclusiva função educativa e cultural, o rádio não tinha fins comerciais, funcionava como uma rádio clube e era mantida por doações eventuais e mediante o pagamento de mensalidades por parte dos membros sócios (TAVARES, 1999, p. 52). Nos anos seguintes da década de 20, o rádio se espalha pelo território nacional, ainda que timidamente, dado o elevado valor que a montagem de uma estação e a compra dos aparelhos receptores representava (ORTRIWANO, 1985, p.

¹⁹ Roquette-Pinto possuía o cargo de secretário na direção da Academia Brasileira de Letras.

²⁰ A rádio foi instalada inicialmente no antigo prédio da Escola Politécnica e realizou sua primeira transmissão em 1º de maio de 1923, consistindo no discurso de seu fundador a respeito do alcance do rádio no país (PIMENTEL, 2004, p. 23-24). A emissora tinha como *slogan* a frase de Roquette-Pinto: “Pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil” (FERRARETTO, 2008, p. 30).

14). Nesse sentido, a programação veiculada era concebida de acordo com o gosto cultural de seus ouvintes, ou seja, mais erudita, pois pertencentes a classes sociais mais elevadas.

Os rádios de galena foram os primeiros aparelhos de rádio a serem utilizados. Eram de escuta individual e havia a necessidade de se escutar a transmissão através de fones de ouvido. Podia-se comprá-lo já montado ou adquirir suas peças em separado, para depois montar o equipamento. Esses rádios iniciais eram caros e sua qualidade de recepção era ruim. A partir da década de 20, equipamentos de rádio com autofalantes começam a chegar ao Brasil. Os rádios vinham montados e eles possibilitavam a escuta coletiva (CALABRE, 2002, p. 22).

A lógica educativa também é adotada pelas rádios que se seguem. Pode-se citar as rádios Clube do Brasil, Educadora e Mayrink Veiga no Rio de Janeiro, bem como a Rádio Educadora Paulista, em São Paulo (MOREIRA, 2000, p. 22).

A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro recebeu como doação do Governo Tcheco, em 1924, o pavilhão utilizado pelo país durante a sua participação no centenário da independência, passando a contar com um transmissor de 2.000 *watts* na antena²¹ (TAVARES, 1999, p. 51).

Nos anos em que Roquette-Pinto esteve à frente da Rádio Sociedade, a programação veiculada era eminentemente erudita, com transmissão de óperas, conferências e música clássica, vindo posteriormente a transmitir programas populares, com a apresentação de compositores e músicos de sucesso (MOREIRA, 2000, p. 22).

A rádio teve alguns programas de grande repercussão, como o “Jornal da Manhã” e os quartos de hora. A Rádio Sociedade também transmitia cursos de literatura francesa e inglesa, cursos de línguas e aulas de história, geografia, física e química, entre outros (PIMENTEL, 2004, p. 28-29).

A respeito dos ideais defendidos por Roquette-Pinto e a penetração do rádio no território nacional, tem-se que:

o rádio deveria ser colocado a serviço da transmissão de programas educativos e culturais, a fim de reduzir os elevados índices de analfabetismo do país. Contudo, não atingiu seu objetivo, pois a popularização do conhecimento não se difundiu, muito por conta da complexidade das palestras científicas e literárias, acessíveis

²¹ A rádio teve como último endereço o sobrado nº. 45 da Rua da Carioca, no Centro do Rio de Janeiro.

apenas a um público seletivo, que dispunha de recursos para adquirir um aparelho receptor importado (CÉSAR, 2005, p. 195).

O uso da válvula, na produção do aparelho aumentava seu custo, ocasionando uma redução na procura pelo ouvinte (MANASSÉS, 1980, p. 31). Na época, o rádio ainda era incipiente, carecia de mão-de-obra especializada e não havia uma preocupação com a qualidade e o profissionalismo. Ainda, como um dos maiores entraves a uma maior expansão do rádio, tinha-se a questão da manutenção financeira das estações, pois a legislação brasileira da época não permitia a veiculação de publicidade, retirando das estações uma possível receita.

A partir da década de 30, há uma mudança de finalidade primeiramente pensada para o rádio, com veiculação exclusiva de cultura e educação. O presidente da época, Getúlio Vargas, regulamenta o rádio, que se expandia em escala cada vez maior. Por meio de decretos²², autoriza a veiculação da publicidade, o que desencadeou uma onda de popularização do rádio (TAVEIRA CABRAL; CABRAL FILHO, 2004, p. 179).

Portanto, a conjuntura nacional vivida pelo país enseja o favorecimento da expansão da radiodifusão do país. Comerciantes e industriais percebem a eficiência comunicativa do rádio em todas as camadas sociais, atingindo, inclusive, como mídia auditiva, o expressivo número de brasileiros analfabetos que existiam na época. Com a veiculação de comerciais, o rádio demonstra sua capacidade manipulativa e formadora de opiniões, criando desejos de consumo até então inexistentes, os quais não eram explorados.

O Brasil também adota o modelo norte-americano de concessões de canais de rádio a particulares, que aliado à permissão da publicidade no rádio, impulsiona a exploração econômica da radiodifusão. A programação, que antes era mais simples, passa a se tornar mais aprimorada e diversificada (MOREIRA, 2000, p. 28-29).

Com o novo aporte financeiro, o rádio estrutura-se como empresa, profissionalizando-se e deixando o amadorismo para trás. Contratam-se especialistas, artistas, produtores etc. A programação é

²² Decreto-Lei 20.047 de 27 de maio de 1931 regula a execução dos serviços de radiocomunicação no território nacional e o Decreto-Lei n. 21.111 de 1º de março de 1932 autoriza a veiculação de propaganda e publicidade no rádio.

Fontes: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-20047-27-maio-1931-519074-publicacaooriginal-1-pe.html>> e <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21111-1-marco-1932-498282-norma-pe.html>>. Acessos em: 1 set 2011.

preparada com antecedência e voltada ao aumento da audiência e veiculação de propaganda.

Surgem os grandes empresários da área da comunicação, como Assis Chateaubriand, Paulo Machado de Carvalho e Maurício Sirotsky Sobrinho (HAUSSEN, 2004, p. 57).

Compreendendo a importância política e social do rádio, Getúlio Vargas²³ foi o primeiro governante do país a perceber o potencial do uso desse meio de comunicação para a disseminação de ideias e passou a empreender esforços para regulamentar a mídia no Brasil, criando após a Revolução de 30, o Departamento Oficial de Propaganda – DOP, responsável por um programa de rádio que deu origem à “Hora do Brasil” (ORTRIWANO, 1985, p. 17).

Em 1934, o DOP foi transformado em Departamento de Propaganda e Difusão Cultural pelo Decreto 24.651, surgindo o programa a “Voz do Brasil”. O Decreto-Lei 1.915 de 1939 cria o Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, ligado à Presidência da República, responsável pela censura e imagem do presidente junto à população (ORTRIWANO, p. 17. TAVEIRA CABRAL; CABRAL FILHO, 2004, p. 179-180).

A veiculação de propagandas comerciais muda o perfil de muitas rádios. Em 1936, Roquette-Pinto, radicalmente contra a veiculação de publicidade e propaganda e com dificuldades para manter sua estação, doa sua rádio ao Ministério da Educação e da Cultura, vindo a se chamar Rádio do MEC, com a condição que se mantivesse o mesmo ideário educacional e cultural (MOREIRA, 2000, p. 23, TAVARES, 1999, p. 55).

Fica evidente a tristeza de Roquete ao entregar sua rádio quando compara o ato ao de entregar sua filha. Ao despedir-se, diz, chorando, à sua filha Beatriz: “Entrego esta rádio com a mesma emoção com que se casa uma filha” (TAVARES, 1999, p. 6).

No mesmo ano, no dia 12 de setembro, entra no ar a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, que obtém grande sucesso junto ao público em geral, tornando-se referência em todo o país.

Em março de 1940, devido às dívidas acumuladas junto ao governo federal, a Rádio Nacional é estatizada, pois interessava ao

²³ A exemplo de Vargas, outros governantes mais recentes fizeram uso desse instrumento para fins políticos, como Figueiredo, José Sarney, Fernando Collor e Leonel Brizola. A partir das modificações legais realizadas, a mídia passou a ter um grande número de políticos controlando suas concessões. “Um em cada seis integrantes do Congresso Nacional possuíam pelo menos uma concessão de rádio ou TV” (FERRARETTO, 2001, p. 181).

populista Getúlio Vargas a divulgação de suas ideias, utilizando o rádio como instrumento político e ideológico, fortalecendo uma imagem positiva do Estado Novo perante a população (MEDEIROS; VIEIRA, 1999, p. 20).

Nesse sentido, observa-se uma utilização histórica do rádio por grandes líderes políticos, como um exímio meio de propaganda ideológica. Isso porque o rádio revela-se um veículo de comunicação muito eficaz, dado seu alcance e rapidez na divulgação das notícias (CALABRE, 2002, p. 19).

Empresas americanas como *Coca-Cola*, *General Electric*, *Kolynos*, *Johnson & Johnson*, entre outros, entram no mercado brasileiro, ajudando a alterar a radiodifusão no Brasil. Tendo o rádio como poderoso veículo de comunicação, essas empresas começam a veiculação de propaganda em massa de seus produtos, criando e patrocinando recitais, teatros, calendários, bem como programas de auditório e, posteriormente, radionovelas, no intuito de popularizar novos hábitos de consumo (MOREIRA, 2000, p. 30). Dando prosseguimento às mudanças ocorridas na programação das estações de rádio, nos ecos de uma programação mais popular, surgem, em 1941, a radionovela²⁴ e o radiojornalismo²⁵ (*Ibid*, p. 31-32). Em seguida, surgiram as revistas²⁶ do rádio que tinham como objetivo relatar e mostrar imagens sobre a vida pessoal, dos atores, dos cantores e dos apresentadores do rádio (CHAVES, 2007, p. 36).

Com a mudança de foco das estações de rádio, a nova programação das rádios passa a ser alvo de críticas por parte dos intelectuais, pois o rádio como veículo de educação havia sido substituído pelo rádio como veículo de entretenimento, rompendo com o ideal pensado por Roquete-Pinto.

²⁴ A primeira radionovela brasileira estreou em 5 de junho de 1941 e se chamava *Em Busca da Felicidade*, escrita pelo cubano Leandro Blanco, adaptada pelo escritor Gilberto Martins e patrocinada pela pasta dental Colgate, com duração de dois anos e meio e transmitida pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Dez anos depois, estreia na Rádio Nacional outra novela de grande sucesso, *Direito de Nascer*, que ficou no ar quase três anos e foi a radionovela de maior sucesso do país.

²⁵ Foi na Rádio Tupi e na Rádio Nacional que o Radiojornalismo começou a se desenvolver. Nos anos 40, entra no ar o primeiro jornal falado do Brasil: *Grande Jornal Falado Tupi*, de São Paulo. A Rádio nacional lança, em 28 de agosto de 1941, o *Repórter Esso*, com a última transmissão no dia 31 de dezembro de 1968. A primeira transmissão do noticiário anunciava o ataque de aviões da Alemanha à Normandia, durante a II Guerra Mundial. Fonte: <<http://www.convergencia.jor.br/bancomonos/2006/luana.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2011.

²⁶ São elas: *Revista do Rádio*, *Radiolândia*, *A Voz do Rádio*, *Cine – Rádio Jornal*, *Carioca*, *Cinelândia Alô e Rádio Romance*, *Guia Azul e Radar* (CHAVES, 2007, p. 37).

Nessa época muitos talentos musicais foram consagrados, dentre eles destacaram-se: Carmem Miranda, Cauby Peixoto, Dalva de Oliveira, Emilinha Borba, Francisco Alves e Nelson Gonçalves. É nessa época também, que surge o termo “radialista”, inventado por Nicolau Tuma²⁷ (HAUSSEN, 2004, p. 56; TAVARES, 1999, p. 79-80).

“Entre os anos de 1920 e 1960, o rádio foi o principal veículo de comunicação de massa do Brasil” (CÉSAR, 2005, p. 200). O período que compreende as décadas de 30 a 50, ficou conhecido como a Era do Ouro em decorrência da expansão do rádio em todo o país, a qual foi alavancada com o avanço de novas tecnologias e a mudança da legislação.

A partir da década de 50, o rádio entra em fase de declínio com o surgimento da televisão, o que, aliado à baixa qualidade técnica das rádios AM, fez com que vários patrocinadores e talentos do rádio migrassem para a nova mídia, contudo a uma extensão do paradigma dos programas de rádio para a nova mídia televisiva. Apesar do alto custo que a compra dos aparelhos de televisão representavam, a população estava fascinada por esse novo meio de comunicação. Os primeiros programas apresentados foram trazidos do rádio, repetindo as fórmulas que haviam garantido o sucesso, cujas fórmulas de programas passaram a ser repetidas na televisão (MOREIRA, 2000, p. 40).

O avanço da televisão causou grandes prejuízos às rádios do país, pois esta substituiu o lugar de destaque nos lares brasileiros antes ocupado pelo rádio e leva consigo muito das publicidades, dos profissionais e do público.

Com a invenção do transistor²⁸, o rádio ganhou novo impulso, uma vez que adquiriu mobilidade e velocidade ao livrar os aparelhos de fios e tomadas, permitindo a criação do rádio portátil (ORTRIWANO, 1985, p. 22). Além disso, proporciona uma redução nos custos de

²⁷ Filho de libaneses, ele nasceu em Jundiá, estado de São Paulo, em 19 de janeiro de 1911. Sempre continuou na carreira jornalística, trabalhando em jornais grandes, como repórter policial. Conheceu então pessoas ligadas à Rádio Educadora Paulista e em 1929 entrou para o rádio. Em seguida, ele passou para o jornalismo esportivo. Foi ele o primeiro locutor de uma partida de futebol (ORTRIWANO, 1985, p. 27). Esteve na Rádio Record, na Rádio Cultura, e na Rádio difusora como apresentador de programas. Sempre na capital Paulista. Em 1945 era o diretor comercial da Rádio Bandeirantes. Foi para o Rio de Janeiro dirigir a Rádio Tamoio. Foi ele quem Criou o termo “Radialista”, quando foi fundada a Associação Brasileira de Rádio, com sede no Rio. “Radialista é a soma de rádio com idealista, pois trabalhávamos muito e não ganhávamos nada”, diz Nicolau Tuma sorrindo. Fonte:

<http://biografias.netsaber.com.br/ver_biografia_c_4585.html>. Acesso em: set. 2011.

²⁸ O transistor foi apresentado pela primeira vez em dezembro de 1947, criado pelos norte-americanos John Bardeen, Walter Brattain e William Schocley, estes anos mais tarde receberam o Prêmio Nobel por sua invenção (ORTRIWANO, 1985, p. 22).

fabricação comparados ao da válvula, tornando acessível a aquisição do aparelho pelos ouvintes (MANASSÉS, 1980, p. 31). A comunicação fica mais rápida, possibilitando realizar programas ao vivo da rua, ou seja, era possível realizar as reportagens em unidades móveis. Aos poucos, com o aperfeiçoamento eletrônico, vão surgindo novos equipamentos e em tamanho menores, apresentando melhor qualidade de transmissão e mais agilidade (ORTRIWANO, 1985, p. 22).

Assim, a partir da invenção do transistor, o rádio ganha mobilidade e transcende para lugares móveis, pois a nova tecnologia permite ouvir o rádio a qualquer hora e lugar, acompanhando as pessoas em suas atividades, seja no carro, nos estádios de futebol ou nas atividades corriqueiras diárias das pessoas.

Nesse sentido, vale salientar que apesar do surgimento da televisão na década de 50, sua popularização só se deu na década de 60, com o aumento do número de aparelhos televisivos. Portanto, mesmo dentro de um cenário em que perdia espaço para a televisão, a utilização do rádio ainda era eficiente na divulgação de informações e programas políticos, dada a expressiva presença do equipamento na maioria das casas brasileiras, constituindo-se num meio fundamental para a formação de hábitos na sociedade da época. Dentro desse contexto, pode-se citar como exemplo a utilização político/ideológica do rádio em 1961 por Leonel Brizola, então governador do Rio Grande do Sul, para divulgação da Rede da Legalidade²⁹ que usava o rádio para defender a posse de João Goulart, vice-presidente, após a renúncia do presidente Jânio Quadros.

Ao ter em vista as mudanças ocorridas no cenário das comunicações no Brasil, tem-se que embora o surgimento do transistor tenha garantido novo fôlego ao rádio, a programação das estações passa a sofrer com a falta de opção dada pelas readaptações e reformulações de sua grade de programação. A perda do *status* do rádio para a televisão leva à necessidade de uma reformulação da programação veiculada pelo rádio muito mais profunda do que uma simples readaptação ou reformulação de suas radionovelas e do radiojornalismo.

À luz desse novo cenário, o rádio inicia, já na década de 50, importante processo de reformulação de sua grade de programação, pois

²⁹ Em 1961, Leonel Brizola criou a Rede da Legalidade no Rio Grande do Sul, para defender seu cunhado, o vice-presidente João Goulart que estava impedido de assumir a Presidência após a renúncia de Jânio Quadros. Brizola teve o apoio da Rádio Guaíba AM de Porto Alegre e das demais emissoras gaúchas, responsáveis pela transmissão diária de boletins de resistência e marchas militares. Fonte: BIANCO, Nelia R. Del; MOREIRA, Sonia Virginia (Orgs.). **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas**. Rio de Janeiro: Eduerj UnB, 1999.

o modelo que conquistou o país foi transferido com sucesso para a televisão, em função da sedução da imagem, aliada ao som. É nesse momento que começa a se delinear a função contemporânea do rádio, que passa a buscar novos caminhos, a estabelecer uma linguagem específica (PRATA, 2009, p. 20).

Dentro de uma nova perspectiva de programação e dando prosseguimento às modificações tão necessárias para a sua reformulação, as estações de rádio diminuíram o investimento em suas produções, tornando-as mais econômicas. Passa-se a transmitir fitas gravadas, as novelas são substituídas pelas notícias, as brincadeiras de auditório são abandonadas. A programação dá espaço a uma comunicação ágil, baseada na veiculação de notícias e serviços (ORTRIWANO, 1985, p. 21-22).

Os programas de rádio vão ganhando novos formatos, com a participação do público e serviços de utilidade pública, causando disputa entre as emissoras de radiodifusão, sendo que algumas se especializavam e começavam a apresentar programas para determinada faixa etária e público.

Ainda na década de 60, o golpe militar também representa um momento decisivo de ruptura, pois muitos astros do rádio são investigados e cassados, além de acontecer o fechamento de rádios populares (CALABRE, 2002, p. 49-50).

Para Moreira (2000, p. 40), novas formas de identificar o ouvinte com a programação do rádio são perseguidas, e a função contemporânea do rádio surge com o fato de que este passa agora a se caracterizar como o companheiro de qualquer pessoa, tendo como função primordial informar.

A respeito dessa nova função Marshal McLuhan ensina que

Um dos muitos efeitos da televisão sobre o rádio foi o de transformá-lo de um meio de entretenimento numa espécie de sistema nervoso da informação. Notícias, hora certa, informações sobre o tráfego e, acima de tudo, informações sobre o tempo agora servem para enfatizar o poder nativo do rádio de envolver as pessoas umas com as outras (MCLUHLAN, 2007, p. 335).

Por conseguinte, em sua grade de programação e de acordo com o momento vivido pela comunicação de massa, as rádios AM³⁰ adotam o modelo de transmissão de uma programação baseada na prestação de serviços, no jornalismo e na música. Surgem programas personalistas, que tornam poderosa a figura do locutor do rádio, que geralmente levavam o nome do apresentador. Tem começo uma padronização da programação veiculada pelas rádios AM, onde esportes e assuntos policiais são os assuntos preferidos, além da rádio contar, em sua grande maioria, com a participação direta do ouvinte. Com uma melhor qualidade de transmissão, parte desse modelo vem sendo adotado também pelas rádios FM³¹ (MOREIRA, 2000, p. 43-46).

A respeito das rádios FM no Brasil, temos que a temática carece de material bibliográfico acerca de sua história, desenvolvimento e importância (MOREIRA, 2000, p. 46).

No entanto, estudos apontam para alguns aspectos de seu desenvolvimento e suas raízes históricas. Segundo Ortriwano (1985, p. 23), as primeiras rádios FM começaram a aparecer na década de 60, fornecendo música ambiente aos seus assinantes. Por possuírem frequência limitada, alcançavam um público muito pequeno, provocando descontentamento dos empresários de comunicação. Posteriormente, passou-se a utilizar canais abertos para a transmissão da rádio, fazendo com que surgissem novas emissoras FM.

A introdução do FM representa a segmentação da programação do setor, permitindo a ampliação do número de canais, que até então era baseado na transmissão de ondas curtas e na frequência AM (HAUSSEN, 2004, p. 54).

A partir da década de 70, as rádios FM adotam uma programação com manifesta influência norte-americana, consistindo em priorização na veiculação de músicas, alternadas com programas de humor e brincadeiras. A pioneira nesse tipo de programação foi a Rádio Cidade do Rio de Janeiro, configurando primeiro grande sucesso das rádios FM no Brasil (MOREIRA, 2000, p. 47). Segundo mencionam CABRAL e CABRAL FILHO (2004, p. 189), a pesquisadora Marisa Meliani Nunes

³⁰ Amplitude Modulada refere-se à “Transmissão de sinais pela modulação da amplitude das ondas, em frequências que variam de 525 a 1720 KHz. Caracteriza-se por uma qualidade de som inferior à das emissões em FM, porque os receptores AM sofrem interferência de fenômenos naturais, como raios, ou artificiais, como as provocadas por motores. As transmissões podem ser realizadas em ondas médias e curtas (FERRARETTO, 2001, p. 66).

³¹ Frequência Modulada diz respeito à “Transmissão de sinais pela modulação da frequência das ondas. Permite a emissão e a recepção de som em qualidade muito superior às AM, por não sofrer interferências. As FMs operam em frequências que variam de 87,5 a 108 MHz. Seu alcance, no entanto, é limitado a um raio máximo de 150 Km (FERRARETTO, 2001, p. 67).

(1995) sustenta que em meados dessa mesma década “começam a aparecer no Brasil” as rádios livres. Conforme os autores, a primeira rádio comunitária do Brasil foi no ano de 1990, chamada de Rádio Novos Rumos. Sobre essas duas modalidades de rádios (Livre e Comunitária), que tratarei mais especificamente em capítulos posteriores.

Cyro César (2005, p. 208) salienta que é na década de 80 que acontece a grande revolução do rádio brasileiro. Com a adesão dos jovens à frequência modulada há um aumento significativo na comercialização publicitária, que investe em propagandas direcionadas a esse público. Na década de 90, o surgimento de novos veículos tecnológicos colaborou para o avanço da informática e os rádios passaram a ser gerenciados por *softwares* específicos que transmitiam sua programação em rede nacional via Satélite, possibilitando uma maior exatidão da programação, suprimindo também a precariedade de mão-de-obra nessa mídia. No ano de 2000, os programas se transformam em *megaeventos*, fortalecendo a emissora e seus patrocinadores. A distribuição de brindes continua, porém, passam a conter uma logomarca.

Nessa mesma época, começa a comercialização de espaços e o surgimento de *parcerias*. Com o surgimento da *internet*, o rádio se transforma ao incorporar as mudanças sociais e a mais recente tecnologia, fazendo com que se delineassem novos contornos e tornando-se capaz de seguir por diferentes caminhos, ganhando um fôlego que não era visto desde a década de 1950. A respeito dessa transformação da qual a mídia foi objeto e o surgimento de outros cenários para a sua utilização, tem-se que “nem a TV nem a internet acabaram com o rádio, que se acomodou à primeira e se acoplou à segunda [...]” (GIRARDELLO, 2011, p. 75).

Sobre o panorama atual do rádio no Brasil, temos que em 2010 foi realizado um levantamento do número de rádios existentes nas regiões metropolitanas brasileiras pelo Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), composto em grande parte por pesquisadores pertencentes à comunidade analisada por cada um. Segundo PRATA (2011), apesar das dificuldades encontradas, conseguiu-se montar uma grande equipe de 53 pesquisadores. Ao todo foram “27 cidades e suas regiões Metropolitanas: Aracaju, Belém, Belo Horizonte, Boa Vista, Brasília, Campo Grande, Cuiabá, Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, João Pessoa, Macapá, Maceió, Manaus, Natal, Palmas, Porto Alegre, Porto Velho, Recife, Rio Branco, Rio de Janeiro, Salvador, São

Luís, São Paulo, Teresina e Vitória”. O principal objetivo deste levantamento segundo Prata foi “contribuir para o avanço dos estudos e das pesquisas sobre a radiofonia no Brasil” (PRATA, 2011, p. 12).

Apesar das diferentes finalidades, a diversidade de estilo e a linguagem adotada, as rádios mantêm inegáveis índices de sucesso nos dias atuais. Santos relata que existem 3.988 emissoras de rádio em funcionamento no Brasil hoje, sendo 1.707 em Amplitude Média (AM) e 2.281 Frequência Modulada (FM) e que 91,5% da população brasileira possuem no mínimo um aparelho de rádio (SANTOS, 2011, p. 21).

O breve retrospecto feito neste capítulo a respeito da história do rádio no Brasil mostra sua importância na formação de opiniões, hábitos e ao indicar novos desejos de consumo na sociedade brasileira. O rádio esteve presente e foi de fundamental importância na divulgação dos fatos mais importantes que aconteceram nos séculos XX e XXI. Fez parte de grandes momentos da história recente do país, divulgando à população informações referentes à Revolução Constitucionalista de 1932, ao Movimento Integralista de 1936, ao Estado Novo em 1937, à deposição de Vargas em 1945, às posses e renúncias presidenciais, à Rede Legalista, aos Governos Militares e ao fluxo informativo da ditadura e à posse e morte de Tancredo Neves. Nestes primeiros anos do século XXI, o rádio continuou a demonstrar a sua importância e abrangência ao ser largamente utilizado pela população como meio de comunicação quando da divulgação de determinadas catástrofes naturais e outros acontecimentos, a exemplo das enchentes ocorridas em 2011 no estado de Santa Catarina, onde foi feito monitoramento da situação dos desabrigados das enchentes através do rádio.

Nesse sentido, o rádio continua a ser um forte veículo de comunicação, informação e educação. Características como a proximidade do rádio com a comunidade local e o seu papel na divulgação de informações e cultura tem sido fundamentais para a sobrevivência dessa mídia. Considerado o ancião dos meios eletrônicos e o primeiro veículo de comunicação de massa do país, o rádio foi o companheiro contemporâneo do homem no avanço e consolidação de suas experiências e desejos por mais conhecimento e educação. Doravante, faz-se necessário destacar o papel educativo do rádio, que vem se consolidando ao longo das últimas décadas no Brasil.

2.3 POTENCIAL EDUCATIVO DO RÁDIO

Dado os objetivos iniciais da criação das estações de rádio no país, fica claro que a história da rádio educativa brasileira confunde-se com a da própria história do rádio no Brasil. A respeito da necessidade humana de transmitir o conhecimento, César assim se manifesta:

Desde as conquistas mais antigas até as mais modernas (imprensa, telégrafo, cinema, rádio, televisão), o que se depreende é que em toda e qualquer época o ser humano tem como característica essencial para a sua sobrevivência a necessidade de transmitir conhecimento” (César, 2005, p. 178).

Uma conquista nesse processo foi a utilização do rádio, ela mostra-se eficiente e inovadora na divulgação e troca de conhecimentos, revolucionando a troca de informações no início do século XX, pois no país ainda havia uma grande dificuldade na obtenção de informações, grandes distâncias a serem percorridas, elevado índice de analfabetismo e a concentração de educadores nas áreas mais desenvolvidas, com grande parte dos ouvintes distribuídos nas regiões rurais.

O processo se inicia em 1933, quando é idealizada a primeira Rádio Escola do país, a Rádio Escola Municipal do Rio de Janeiro sob a iniciativa de Anísio Teixeira³² e com a colaboração de Roquette-Pinto. Sua primeira transmissão experimental ocorreu em 31 de dezembro de 1933 e foi inaugurada oficialmente em 6 de janeiro de 1934. A rádio iniciou o contato direto da emissora com os ouvintes e enviava por correio às pessoas inscritas folhetos e esquemas de lições. Estas, por sua vez, enviavam de volta à rádio os exercícios respondidos. A rádio atingiu seu ápice em 1941, mas sem estrutura, alterou-se seu propósito inicial, passando a se chamar Rádio Difusora. Em 1945, o nome da rádio mudou para Roquette-Pinto e hoje pertence ao governo do estado do Rio de Janeiro (PIMENTEL, 2004, p. 30-31).

A propósito, Ferraretto (2008) assevera que o projeto já havia sido descrito por Roquette-Pinto em seu livro *Seixos Rolados*, mas toma impulso com a mudança dos parâmetros educacionais adotados pelo Distrito Federal. Isso faz com que Anísio Teixeira apoie o projeto de

³² Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal, que na época era na cidade do Rio de Janeiro.

Roquette-Pinto, criando o empreendimento pioneiro na educação a distância do país (FERRARETTO, 2008, p. 32).

Conforme Moreira (2000, p. 24), a doação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro ao Ministério da Educação e Cultura em setembro de 1936 ensejou a criação do Serviço de Radiodifusão Educativa³³ – SRE, “destinado a promover, permanentemente, a irradiação de programas educativos”. O órgão também sofreu interferência direta do DIP, fazendo surgir conflitos de interesse e de áreas de atuação, pois este estava mais preocupado no uso do rádio para veiculação de propaganda política do governo do que para a disseminação da educação.

Alternativamente ao programa governamental, começam a despontar iniciativas particulares relacionadas ao uso educativo do rádio. Neste diapasão, surge, em 1941, a Universidade do Ar, transmitida pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, voltada para a transmissão de novas metodologias de ensino aos professores secundaristas do país. O programa foi criado pelo diretor da rádio, Gilberto de Andrade, e em seu primeiro ano chegou a contar com cerca de cinco mil matriculados, distribuídos entre suas diversas disciplinas. A iniciativa, apesar de começar a esmorecer nos anos seguintes, revelou que a programação educativa é possível até mesmo em rádios comerciais (PIMENTEL, 2004, p. 36-37).

Experiência semelhante é a iniciativa criada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, criado em 1946, em conjunto com o Serviço Social do Comércio – Sesc, ambos de São Paulo, também denominada genericamente de Universidade do Ar – Unar³⁴. A partir de 1947, a Unar passa a transmitir cursos aos comerciários, cujo conteúdo abrangia 96 aulas, compostas por disciplinas básicas como português, história e ciências, assim como disciplinas mais técnicas como técnicas de venda, noções de comércio etc. O curso é complementado com o fornecimento de apostilas e exercícios (CORDÃO, 2004, p. 224-225).

A Universidade do Ar de São Paulo diferencia-se da Universidade do Rio de Janeiro pela implantação de núcleos de recepção organizados, que ouviam as aulas em grupos e debatiam os assuntos orientados pelo professor (MOREIRA, 2000, p. 25).

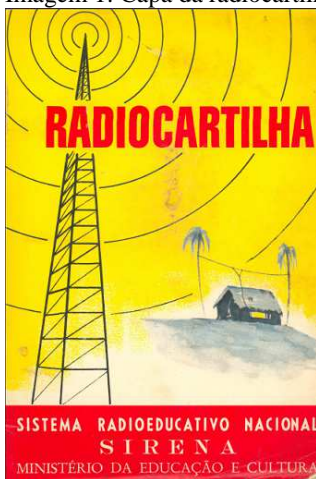
³³ Lei nº. 378 de 13 de janeiro de 1937. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102716>>. Acesso em: 30 out. 2011.

³⁴ O projeto foi transmitido de 1947 a 1962. Disponível em: <<http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?tab=00002&newsID=a7409.htm&subTab=00200&uf=&local=&testeira=453&l=&template=&unit=ANY>>. Acesso em: 10 abr. 2013.

A partir das experiências supracitadas, Pimentel (2004, p. 38) aduz que educadores iniciam avaliação do uso do rádio como meio de difusão do conhecimento, chegando a algumas conclusões como a necessidade da recepção organizada para o bom aprendizado. Benjamin do Lago formula o primeiro plano para educação popular pelo rádio³⁵. Em seguida, Geraldo Januzzi lança, em Valença no Rio de Janeiro, o primeiro programa brasileiro de alfabetização de adultos pelo rádio.

Ao ter em vista as experiências realizadas, João Ribas da Costa apresenta em seu livro de 1956, *Educação fundamental pelo rádio Alfabetização de adultos e cultura popular por meio de sistemas radiofônicos com recepção organizada*, um programa a respeito da utilização do rádio em prol da educação. A propósito do plano desenvolvido, Ribas da Costa foi convidado, em 1957, pelo Ministério da Educação para desenvolver um sistema de rádio nacional de rádio educativo. Aceito o convite, o pesquisador apresentou em 20 de maio de 1957 o projeto do Sistema de Rádio Educativo Nacional – SIRENA, que seria oficialmente instalado em junho de 1958. Irradiado de 1958 a 1963, seus principais objetivos diziam respeito à distribuição de cursos básicos e o fomento à criação de rádios educativas (PIMENTEL, 2004, p. 41).

Imagem 1: Capa da radiocartilha do projeto Sirena.



³⁵ Seu plano foi apresentado em maio de 1950 no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro e consistia, basicamente, na articulação do ensino tradicional com o rádio.

Apesar de seu relativo sucesso, o Sirena foi extinto em 1963 devido, principalmente, à preocupação excessiva com os recursos materiais e com as mudanças políticas (MOREIRA, 2000, p. 26).

Ainda assim, o Sirena foi de fundamental importância para o surgimento do Movimento de Educação de Base – MEB, na década de 60, que utilizou o “rádio como meio e instrumento para sua atuação educativa e pedagógica”, trazendo para a educação brasileira “contribuições para a utilização do rádio como instrumento didático e pedagógico para a Educação popular em geral e para a alfabetização de adultos” (PEIXOTO FILHO, 2010, p. 19-20).

O Movimento de Educação de Base surge como iniciativa da Igreja Católica³⁶ e foi criado oficialmente pelo decreto 50.370³⁷, de 21 de março de 1961, concentrando suas atividades em regiões mais pobres do país, como o Norte e o Nordeste. O MEB, através de suas escolas radiofônicas, combinava objetivos educacionais mais básicos, como o relativo à alfabetização, com o diferencial da inclusão de aspectos relacionados à conscientização e à mudança de atitude nas comunidades alcançadas.

O MEB atuou no período de 1961 a 1969, avançando no número de camponeses alfabetizados no país, além de ser considerado uma experiência inovadora por também conscientizar. Por ironia do destino, foi justamente essa característica que levou o projeto ao fim, pois a ditadura militar, em sua luta contra os possíveis inimigos internos no país, passa a encarar o caráter conscientizador/libertador do programa como uma ameaça ao regime (MOREIRA, 2000, p. 26-27; PIMENTEL, 2004, p. 50).

De forma que promova uma reação governamental ante as iniciativas populares de educação como o MEB, o governo militar criou, através do Ministério da Educação e Cultura, em 1 de setembro de 1970, o projeto Minerva³⁸. O projeto consistia na veiculação de um programa de 30 minutos de cunho educacional, com transmissão obrigatória por todas as 1.200 emissoras existentes na época, constituindo-se na primeira grande iniciativa de nível nacional de ensino a distância, com a veiculação de cursos e disciplinas. Apesar da intenção de promover a

³⁶ Criado por Dom Eugênio Salles e a ser desenvolvido sob a supervisão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB (MOREIRA, 2000, p. 26).

³⁷ Fonte: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-50370-21-marco-1961-390046-retificacao-41381-pe.html>>. Acesso em: 30 out. 2011.

³⁸ Minerva é a deusa romana da sabedoria.

cultura e a informação, o projeto careceu de adesão popular, ganhando o apelido de “Projeto Me Enerva”, enfrentando grande resistência³⁹.

Com o fim da ditadura militar e o surgimento de iniciativas de educação a distância na televisão, o Projeto Minerva foi perdendo força, até que, segundo pesquisa realizada por Castro (2007), o projeto teve seu fim em abril de 1991 e “representou laboratório de experimentação que permitiu avaliar as possibilidades do uso do rádio educativo” (CASTRO, 2007, p. 56).

Ainda segundo Castro, o projeto de educação a distância pelo rádio teve continuidade com assinatura de Acordo do Ministério da Educação com a Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão – Abert, que obrigava as emissoras associadas a transmitir em certos dias da semana programas de curta duração com cunho educativo.

No presente trabalho, procurei destacar alguns dos programas mais importantes de educação pelo rádio no Brasil, tanto referentes à iniciativa privada quanto à governamental. Vale ressaltar que não foram os únicos, mas sim os de maior relevância para um melhor entendimento da contribuição da utilização do rádio como meio de comunicação de massa e seu importante papel na distribuição do conhecimento.

Esses e outros projetos influenciaram a formação do cenário do rádio educativo no país, e são imprescindíveis para o correto entendimento dos limites e das possibilidades da utilização molar⁴⁰ da mídia como difusora do conhecimento.

Um grande instrumento potencial de educação e cultura populares; e como todo instrumento, exige conhecê-lo, saber manejá-lo, adaptar-se a suas limitações e a suas possibilidades. Usar bem o rádio é uma técnica e uma arte. (KAPLÚN, 2008, p. 83)

Com efeito, o rádio surge como uma mídia de característica multifacetada, cumprindo diversos papéis. Assim, Kaplún defende que o rádio é um veículo massivo, destacando suas seguintes vantagens:

³⁹ Reportagem do Repórter Rio exibida em 20/04/2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Mz0gtsk0gCs>>. Acesso em: 22 set. 2012.

⁴⁰ Conceito usado por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia*, formando par com molecular, para indicar a organização dos elementos segundo os modos de agenciamento. A ordem molar corresponde às estratificações que delimitam objetos, sujeitos, representações e seus sistemas de referência. A ordem molecular, ao contrário, é a dos fluxos, dos devires, das transições de fases, de intensidades. Confira DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro (RJ): Editora 34, 1995. V. 5.

[...] ampla difusão popular [...]; simultaneidade [...]; instantaneidade [...]; largo alcance [...]; baixo custo per capita [...]; acesso direto às casas dos destinatários [...], sem que estes tenham que se deslocar para a recepção. (*Ibid*)

É considerado uma ferramenta de inclusão social, não fazendo distinções de classes, transmitindo sua mensagem a todos, independentemente do nível cultural do ouvinte, atingindo, com sua linguagem informal, especialmente aqueles sem acesso à educação formal e os analfabetos.

Como possibilidades temos que, por ser uma mídia exclusivamente auditiva, a ausência de imagens auxilia na construção do imaginário e permite a realização de diferentes tarefas, à medida que a fala é ouvida e penetra no consciente e inconsciente das pessoas. O rádio emociona, entretém, informa e mobiliza. Facilita a integração do homem com a tecnologia, pois está presente no cotidiano e em grande parte dos lares brasileiros. É onipresente, uma vez que atinge todos os cantos do país. Influencia a todos que lhe ouvem e mostra-se importante fator na elevação do nível cultural da população.

Limitações existem, como o fato de não se poder repetir a informação veiculada, exigindo a atenção do público; a informação atinge o público de forma genérica e não específica ou pelo fato de que determinadas matérias, que exigem o uso da imagem para uma maior compreensão, são impossíveis no rádio. Essas limitações, no entanto, devem ser relativizadas, tendo em vista os amplos benefícios e possibilidades compensatórios.

Ainda, vale lembrar que o uso do rádio na educação insere-se dentro da perspectiva da Rádio Educativa, cujo objetivo maior é a veiculação de programas educativos. A propósito dessa tipologia, Marcos Baltar esclarece que nela, a programação é feita por educadores e a execução por comunicadores, sendo que não possuem fins lucrativos e são mantidas pelos diferentes entes estatais, fundações e universidades, com foco na divulgação do conhecimento e formação de opinião (BALTAR *et al.*, 2009, p. 30).

Feito essa abordagem do uso molar da rádio, deslocaremos a atenção para as demais tipologias, moleculares, existentes do rádio. Ou seja, rádios livres, comunitárias, *web* e rádio escola serão exploradas com a devida atenção no próximo capítulo deste trabalho.

2.4 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Para compor este trabalho foi realizado em dezembro de 2011 um levantamento bibliográfico com o intuito de verificar o saber acadêmico produzido pelos alunos de mestrado a respeito da temática rádio escola na área da educação. O período a ser pesquisado compreendeu a busca por dissertações e teses defendidas entre os anos de 2000 a 2011, sendo que o recorte temporal escolhido perfaz um total de 12 anos. Com relação à apuração do resultado obtido na pesquisa, optou-se por priorizar os objetivos constantes no escopo (potência política e vivência) deste trabalho. Assim sendo, uma vez digitados os termos-chave da pesquisa, parti para um refinamento do resultado obtido, que se deu através da leitura dos resumos correspondentes.

A primeira base de dados escolhida para a pesquisa foi a do Banco de Teses do Portal de Periódicos da Capes/MEC⁴¹, que disponibiliza teses e dissertações defendidas junto aos programas de pós-graduação em educação de todo o Brasil. Em seguida, a pesquisa focalizou os trabalhos defendidos apenas no Programa de Pós-Graduação em Educação/UFSC no mesmo período⁴².

Dessa maneira, o levantamento bibliográfico realizado foi dividido em duas tabelas. A primeira tabela mostra as informações coletadas através da ferramenta de busca e consulta da CAPES, trazendo o número total de pesquisas realizadas inicialmente com a “palavra do assunto” Rádio e também o número total de trabalhos encontrados na área do conhecimento Educação com a expressão Rádio Escola. A segunda tabela traz os resultados obtidos nas linhas de pesquisa⁴³ do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC. Aqui as “palavras-chave” Rádio e Rádio Escola revelaram-se insuficientes, sendo necessário um desdobramento dos termos pelas expressões Radiodifusão, Estudos Culturais, Recepção, Mídia-Educação. Ainda assim, foram encontradas somente duas produções.

⁴¹ Fonte: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

⁴² Sugestão da banca de qualificação.

⁴³ As linhas de investigação do Programa de Pós-Graduação em Educação/UFSC são: Educação e Comunicação – ECO, Educação e Infância – EI, Ensino e Formação de Educadores – EFE, Educação e Movimentos Sociais – EMS, Educação, História e Política – EHP, Educação, Estado e Políticas Públicas – EEPP, Filosofia da Educação – Fil, Sociologia e História da Educação – SHE, Trabalho e Educação – TE.

Tabela 1 – Levantamento bibliográfico CAPES – 2000 a 2011

Palavra do Assunto	Ano	Nº Trabalhos	Área do conhecimento Educação	Palavra Refinada: Rádio Escola
	2000	112	2	0
	2001	103	3	0
	2002	134	3	0
	2003	139	5	0
	2004	144	10	0
	2005	151	9	2
	2006	159	10	0
	2007	165	10	1
	2008	182	12	1
	2009	181	14	2
	2010	189	10	0
	2011	195	14	0

Fonte: Banco de Teses da Capes.

Da pesquisa realizada no banco de dados da Capes com a palavra do assunto Rádio, obtive uma quantidade expressiva de trabalhos desenvolvidos sobre o tema, nas mais diversas áreas do conhecimento. Desses trabalhos, apenas alguns diziam respeito à área de conhecimento em educação. No entanto, apenas seis trabalhos estão relacionados com a temática Rádio Escola.

Em 2005, Robson Terra Silva realizou a pesquisa *A Rádio Na Escola e a Escola Na Rádio*, no Colégio Estadual Ary Parreiras, em Laje do Muriaé, Estado do Rio de Janeiro, onde relata que “a experiência de Rádio Escola Comunitária, se transforma em ferramenta indispensável para integração escola-comunidade, principalmente porque surge como iniciativa da própria Comunidade Escolar.” Sendo assim, transforma a Escola em espaço da Comunidade, derruba os muros, dá voz a alunos e pais, exercita a cidadania, possibilita a integração, a maior participação, dá sabor às relações escola-comunidade e consolida-se como uma experiência instituinte de autonomia administrativo-pedagógica, sem romper com o sistema da qual está inserida.

No mesmo ano, Gláucio Rodrigues Motta apresentou o trabalho *Nas ondas da inclusão: as vozes escutadas das experiências sentidas por educandos de um projeto de rádio escola*, onde buscou “desvelar as experiências sentidas por um grupo de dez crianças e adolescentes participantes de um projeto de rádio-escola (...)” em uma escola pública municipal na periferia de Vitória, no Estado do Espírito Santo “que se encontrava em vias de extinção (...)”. Ele propôs à direção da escola uma intervenção que dinamizasse o projeto, possibilitando investigar a percepção que os educandos teriam em participar da rádio. O autor observou que “o espaço da rádio-escola possibilita mudanças significativas e ampliação da percepção dos educandos”, concluindo que “através da identificação entre os membros, os participantes do grupo desenvolvem habilidades cognitivas e afetivas, o que revela o alcance que a experiência da rádio escola propicia.”

Já em 2007, Gilda Soares Miranda, em sua pesquisa intitulada *Currículo e cotidiano: os usos dos sujeitos praticantes na Rádio Escola Clóvis Borges Miguel*, em que aborda as práticas de uma rádio do Município da Serra, estado do Espírito Santo, instalada no interior da Escola Estadual de Ensino Médio Clóvis Borges Miguel. A autora “verifica que os jovens se identificam com as possibilidades variadas de comunicação, no contexto da escola, e melhoram a auto-estima, na medida em que se relacionam num grupo coeso na produção da programação.”

No ano seguinte, em 2008, Alessandra Oliveira Araújo apresenta a dissertação *Trajetórias Juvenis nas Ondas da Rádio Escola*, em que buscou analisar a experiência de jovens moradores do Mucuripe – Fortaleza, quando da formação de uma rádio escola pela ONG Catavento Comunicação e Educação, em 2006. Durante o desenvolvimento da dissertação, a pesquisadora percebeu “que os programas produzidos pelos jovens participantes da formação em Rádio Escola eram relatos de suas vidas, de seus contextos, de seus sonhos e medos”.

Em 2009, Ana Elisa de Oliveira em sua pesquisa *Rádio Escola: uma sintonia no ar...* buscou compreender o sentido da rádio escola para os alunos que dela participaram e o impacto percebido por eles na aprendizagem escolar. A autora constatou que a produção dos programas estimulou o trabalho em equipe, a autonomia, o respeito à diversidade cultural, potencializando o protagonismo adolescente e ressaltou a importância da educomunicação no ambiente escolar, entendendo-se por tal a ênfase no uso de recursos tecnológicos e comunicativos na aprendizagem escolar.

Por fim, a pesquisa intitulada *Vontade de educar: entre a ciência e a política: A PRD5 – Rádio Escola Municipal do Distrito Federal, seu contexto e sua história*, da acadêmica Adriana Gomes Ribeiro, desenvolvida também no ano de 2009, teve como meta “mapear o contexto e os principais fatos ligados à história da Rádio Escola Municipal do Distrito Federal, fundada em 1934”. O trabalho analisou a atuação da referida emissora até 1945.

Conforme já mencionado, os trabalhos acima trazem um resultado refinado, ou seja, dos trabalhos encontrados sobre rádio, apenas esses seis possuíam relação com a temática objeto desta pesquisa – Rádio Escola. Alguns trabalhos, levando em conta os objetivos presentes da pesquisa se sobressaíram:

1. Em 2008, Oswaldo Miguel realizou pesquisa intitulada *Rádio comunitária: seu papel social e seu uso como instrumento de educação*, nas instalações da Rádio *Blackout*, na Rádio Nova Cidade, em Piracicaba, e na Rádio Comunitária Heliópolis, em São Paulo. O pesquisador relata que “as rádios comunitárias instaladas nos bairros periféricos (...)” desempenham um papel importante para a sociedade à medida que atua na formação de cidadãos por meio da sua programação, que veicula educação, notícias, cultura, esporte, políticas públicas e, principalmente, dá oportunidade para membros da comunidade se manifestarem.

2. Reforçando a importância das rádios comunitárias, Maristela de Oliveira Franco (2009), em sua pesquisa intitulada *O Papel Educativo das Rádios Comunitárias: a vez da comunidade*, relata que

as Rádios Comunitárias exercem um papel importante nas comunidades em que estão inseridas. Além de ser um canal de expressão aberto à população local, permitem ao cidadão e à cidadã da periferia, excluídos digitalmente, culturalmente e socialmente utilizar as ondas hertzianas para se expressarem. [...] No âmbito da educação informal, as rádios comunitárias contribuem no processo da conquista da cidadania a partir da reflexão e da conscientização dos problemas e dos interesses coletivos.

3. Tatiane Chagas Lemos (2011), em sua pesquisa intitulada *Nas Ondas da Rádio Juventude*, “buscou analisar o potencial educativo/subversivo das rádios comunitárias (...)”.

Através do diálogo com os autores pós-estruturalistas Deleuze, Guattari, Negri, dentre outros, e utilizando-se dos conceitos de Singularidade, Linhas de fuga e Império tentou esboçar as possibilidades de enfrentamento existentes na contemporaneidade. Tal potencialidade, nos ajuda a entender por que desde o movimento das primeiras rádios livres na Itália, até os dias atuais, as rádios comunitárias representam uma ameaça às mídias de massa, a medida que potencializa e possibilita novos agenciamentos coletivos de produção de subjetividade sendo seu produto resultante de processos de cooperação.

4. Valéria Márcia de Mendonça (2008), em sua pesquisa intitulada *Educação nas Ondas do Rádio: uma análise de programas radiofônicas de educação para a cidadania*, tem como foco “apresentar experiências de radiodifusão educativa, buscando ressaltar a importância desse meio de comunicação na história da educação brasileira, no período entre 1922 e o final dos anos 1960, respectivamente”. Em sua pesquisa, Valéria Márcia concluiu a importância que teve a radiodifusão educativa para os estudos e processos de mídia-educação. Refere que apesar das várias iniciativas de rádio educação, os resultados foram muito abaixo do esperado porque necessitavam de uma melhor definição. Dentre os problemas encontrados, destaca: a falta de interação entre os projetos ou diretrizes que os nortegassem, embora tivessem respaldo das políticas e órgãos públicos; a preocupação dos educadores quanto à qualidade dos cursos de curta duração oferecidos; a recepção dos cursos organizados nos centros que deveriam estar equipados com aparelhados para orientação dos alunos ouvintes; e a preocupação com a linguagem radiofônica.

5. Por sua vez, o trabalho de Viviani Rios Kwecko (2009), em sua pesquisa intitulada *Educação e Comunicação: a experiência no desenvolvimento de um programa de rádio*, “encontra-se circunscrito no campo da mídia-educação e buscou investigar uma prática de mídia-educativa com rádio, inserida no âmbito da educação não-formal, desenvolvida com um grupo de jovens adolescentes.” O principal objetivo dessa investigação foi delinear como os jovens participantes desse programa constroem processos de apropriação crítica da informação e quais os significados atribuídos pelo grupo para essa experiência com uma mídia educativa.

A seguir, apresento a tabela do resultante da pesquisa referente apenas aos trabalhos desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC:

Tabela 2 – Levantamento bibliográfico PPGE – 2000 a 2011

Programa de Pós-Graduação em Educação/UFSC (2000-2011)												
Palavra-Chave	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Cultura Popular	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Estudos Culturais	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	0	1
Identidade	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Identidade Cultural	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
Mídia(s)	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	2	2
Mídia-Educação	0	0	1	2	0	0	0	0	1	1	0	5
Rádio / Radiodifusão	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Rádio Comunitária	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Rádio Escola	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Recepção	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1

Fonte: Controle Acadêmico da Pós-Graduação – CAPG da Pós-Graduação em Educação/UFSC.

Conforme se observa na leitura da tabela 1 e 2, poucas são as pesquisas relacionadas às rádios no ambiente da educação. Nesse cenário incipiente, é flagrante a inexistência de dissertações a respeito de rádio escola no PPGE durante o intervalo de tempo pesquisado. Por isso, optei por ampliar os termos a serem pesquisados, partindo da hipótese que a problemática do rádio encontra-se absorvida por temáticas mais amplas, para que o resultado obtido retratasse o melhor possível o saber produzido sobre o problema no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC. Assim acrescentei outros termos, que evidenciaram uma crescente preocupação com a área da utilização da mídia na educação. Dos resultados obtidos, alguns se encontram sombreados, apontando que tais trabalhos compartilhavam mais de uma

das palavras-chave pesquisadas. Cabe salientar ainda que a maioria dessas pesquisas pertencem à linha de pesquisa Educação e Comunicação – ECO, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC. Abaixo, das poucas pesquisas encontradas, refiro-me as que considerei mais relevantes para a realização deste trabalho:

1. A pesquisa intitulada *Vozes do Pântano: estudo sobre a presença e as possibilidades do rádio no Pântano do Sul, na perspectiva do sujeito-receptor*, nela Jársom Elberto Frank (2004) tinha como objetivo principal “verificar junto à comunidade do Pântano do Sul em Florianópolis as relações construídas com os meios de comunicação, especialmente o rádio, visando a identificar as possibilidades de implantação de uma rádio comunitária naquela localidade”. Neste sentido, Bordenave argumenta que “pela comunicação as pessoas compartilham experiências, ideias e sentimentos” (2006, p. 36). Ao se relacionarem, modificam-se reciprocamente e bem como a realidade a sua volta. Em sua pesquisa, Jársom concluiu “que as emissoras tradicionais, pelo seu caráter hegemônico e concentrador, inerente ao capital, não conseguem contemplar o receptor como sujeito e esta realidade abre espaço para a criação e atuação de uma rádio comunitária, capaz de propiciar novos modos de estar juntos no social”. O trabalho pertence à linha de pesquisa Educação e Movimentos Sociais.

2. No ano seguinte, em 2005, Maria Terezinha da Silva, em sua pesquisa intitulada *Gestão e Mediações nas Rádios Comunitárias de Santa Catarina – Limites e Possibilidades Educativas*, traça “um panorama do estado atual (2003-2004) de desenvolvimento das rádios comunitárias no Estado de Santa Catarina, com o objetivo de “identificar se e como essas emissoras têm sido experiências locais de aprendizado para o exercício da cidadania.” Como resultado de sua pesquisa foram apontados “vários obstáculos de ordem econômica, política, normativa e organizativa, que impedem que as rádios comunitárias contribuam à formação da cidadania por meio da programação”. A autora indica ainda “que uma minoria delas tem conseguido diversificar os conteúdos e que o aprendizado para o exercício da cidadania ocorre mais pela ação coletiva no processo de gestão da emissora.” A linha de pesquisa é Educação e Comunicação.

3. Por fim, Silvio da Costa Pereira, em 2008, realizou pesquisa intitulada *Mídia-educação no Contexto Escolar: mapeamento crítico dos trabalhos realizados nas escolas de ensino fundamental em Florianópolis*, nela ele mapeia “atividades de mídia-educação feitas em escolas de Ensino Fundamental de Florianópolis.” Sua pesquisa mostrou “a importância dos professores e gestores em compreender os processos

de mídia-educação, levando em conta o uso (consumo), análise crítica (leitura) e seu uso como meio de expressão (produção) dos meios de comunicação, ressaltando a necessidade de formação-prática dos professores”. A linha de pesquisa é Educação e Comunicação.

As demais pesquisas⁴⁴ encontradas no PPGE relacionam mídia e educação, destacando o uso da primeira por professores e alunos quando do ensino/aprendizado, assim como a recepção pelos alunos do conteúdo disponibilizado pela mídia analisada. Em 2008, Charles da Silva abordou os estudos de recepção a partir de um enfoque de cenas de telenovela voltada para o público jovem. Já em 2009, Fabio Lessa Peres buscou refletir sobre novas formas de utilizar a ferramenta vídeo e sua apropriação por crianças. No ano seguinte, Gislene Natera Azor, analisou as potencialidades e limites na aprendizagem de pré-adolescente e adolescentes a partir de *videogames* com enfoque no imaginário e influências no aprendizado cultural. Pode-se citar ainda a pesquisa de Fernanda da Silva Lino, de 2010, que teve por objetivo investigar a prática pedagógica com as mídias na escola pelos professores, bem como o trabalho de Lenice Lucia Cauduro da Silva, de 2011, no qual procura verificar em que medida a representação que os professores têm das mídias como recurso de motivação e interesse pode se transformar em propostas de usos diferenciados das TIC em sala de

⁴⁴ AZOR, Gislene Natera. Música nos anos iniciais do ensino fundamental: perspectivas para os trabalhos em parceria na rede municipal de Florianópolis.

<<http://capedw.capes.gov.br/capedw/resumo.html?idtese=20102741001010015P7>>. Acesso em: 14 dez. 2011.

BIEGING, Patricia. Da busca de popularidade às práticas de Bullying: crianças e produção de sentidos a partir de artefatos midiáticos.

<<http://capedw.capes.gov.br/capedw/resumo.html?idtese=20114841001010015P7>>. Acesso em: 13 dez. 2011.

LINO, Fernanda da Silva. Além da sala informatizada: a prática pedagógica com as mídias na escola.

<<http://capedw.capes.gov.br/capedw/resumo.html?idtese=20102741001010015P7>>. Acesso em: 13 dez. 2011.

SILVA, Charles da. O amor em cena: um estudo sobre o consumo da telenovela Malhação por jovens educandos das redes de ensino pública e privada.

<<http://capedw.capes.gov.br/capedw/resumo.html?idtese=20082041001010015P7>>. Acesso em: 14 dez. 2011.

SILVA, Lenice Lucia Cauduro da. Representações e usos das mídias na escola: de ferramentas para aumentar a motivação à possibilidade de produção crítica e criativa em mídia-educação.

<<http://capedw.capes.gov.br/capedw/resumo.html?idtese=20114841001010015P7>>. Acesso em: 13 dez. 2011.

PERES, Fabio Lessa. Rolando o engenho: reflexões sobre a brincadeira de fazer vídeo, na perspectiva da mídia-educação.

<<http://capedw.capes.gov.br/capedw/resumo.html?idtese=20094241001010015P7>>. Acesso em: 14 dez. 2011.

aula. Por fim, Patricia Bieging, em 2011, buscou entender como as crianças se relacionam com as representações identitárias produzidas pelas mídias. Estes últimos trabalhos citados são todos pertencentes à linha de pesquisa Educação e Comunicação, com enfoque em mídia, mídia-educação e recepção.

Ao realizar o levantamento bibliográfico e considerando a importância da temática para a área da educação, tentei demonstrar que o número de pesquisas desenvolvidas com Rádio Escola na prática educacional é escasso. Ainda assim, serão levados em consideração como contribuição e informação para a presente pesquisa. Os trabalhos encontrados concentram-se, em sua maioria, em Mídia-Educação pelos estudantes enquanto sujeitos do discurso. Tal conclusão aponta para uma pertinência do recorte que desenvolvo a seguir, particularmente quanto à análise de um estudo de caso de Rádio Escola, sob uma orientação teórica que associa micropolítica e desejo.

3 TIPOLOGIAS DE RÁDIOS NÃO COMERCIAIS

O desenvolvimento dedutivo da pesquisa leva-nos, no presente capítulo a abordar as diferentes concepções relativas à utilização do rádio, as quais, de alguma forma, possuem influência na formação das rádios escola. Mais do que apenas tipos de rádio, acabam por demonstrar uma opção por diferentes caminhos, que resultam em diferentes experiências, as quais, por sua vez, afetam os aspectos que envolvem o objetivo, a qualidade, o profissionalismo, a linguagem utilizada, a posição da rádio diante do estado e o papel político a ser alcançado pela rádio, entre tantos outros.

Assim, respeitando o escopo do projeto, procuro enfocar os tipos pertinentes a essa conjuntura, destacando a Rádio Livre, a Rádio Comunitária, a Rádio *Web* e a Rádio Escola, abordando seus aspectos históricos e práticos, suas características e consequências específicas. As Rádios Comerciais, como fogem da lógica estritamente educacional, não são objeto de estudo. Por sua vez, as Rádios Educativas, respeitando a ordem cronológica e histórica de acontecimentos da mídia rádio no Brasil, foram abordadas anteriormente.

De antemão, faz-se necessário uma ressalva quanto à dificuldade na obtenção de informações referentes às categorias/tipologias de rádio aqui estudadas. Isso porque, conforme pudemos perceber no item referente ao levantamento bibliográfico de dissertações defendidas na área da educação, essas categorias carecem de trabalhos técnico-científicos, tanto passados quanto presentes. Ou seja, os trabalhos atuais acabam também por ser afetados pela falta de informações e dados fidedignos de experiências realizadas anteriormente, pois as poucas pesquisas, artigos e livros existentes possuem informações na maioria das vezes esparsas e sem conterem informações novas ou inéditas. Lamentavelmente, além do já mencionado, muitas dessas informações possuem dados desconstruídos.

Isto tudo, apesar da expressiva quantidade de rádios livres que o Brasil chegou a ter na década de 80 e do consequente movimento de rádios comunitárias. Uma das possíveis explicações, sustentada pelos simpatizantes das rádios livres/comunitárias/educativas, é a da forte oposição que o movimento enfrentou por parte do governo militar e, principalmente, no tocante aos meios de comunicação comerciais, ligados, em sua maioria, a rádios comerciais específicas, o que desencorajou a realização de pesquisas acadêmicas sobre as tipologias de rádio.

Portanto, de forma que agrave a já crítica situação, além da escassa literatura a respeito do tema, a maioria das experiências realizadas não contou com uma documentação adequada ou permaneceu apenas sob o domínio dos envolvidos, em suas práticas sociais. Além disso, muitas das apropriações do rádio dentro do contexto contemporâneo são tão atuais e contam de tal maneira com uma seletividade de envolvidos, que as experiências e pesquisas sobre o assunto ainda estão em desenvolvimento. O contexto midiático por si só e as experiências são dinâmicas, e na maioria das vezes não seguem um projeto, fazendo parte de um trabalho social essencialmente voluntário, que preza mais a prática do que a documentação e abordagem teórica da experiência. A rádio *web* pode ser citada como exemplo, já que apesar de existirem experiências há algum tempo, está sempre mudando, acompanhando a convergência de tecnologias, e padece com a falta de trabalhos minuciosos sobre o tema. A Rádio Escola, foco desta pesquisa, também pode ser citada como outro grande exemplo, dada a carência de experiências permanentes e documentadas acerca desse tipo de rádio.

3.1 RÁDIOS LIVRES

Rádios Livres são rádios que operam sem concessão governamental, ocupando uma determinada frequência. De acordo com Fred Ghedini, as rádios livres são emissoras de baixa potência e de caráter local, estas:

[...] não reconhecem no governo – ou nas regras legais existentes – legitimidade para lhes fornecer autorização de funcionamento.

[...]

Há também emissoras FM de baixa potência pertencentes a empresários, igrejas ou políticos que, por saberem que não obterão autorização, operam ilegalmente. Por questões ideológicas não se autodominam livres. (GHEDINI, 2009, p. 15)

As rádios livres têm suas origens em experiências desenvolvidas na Áustria em 1925, mas surgiram efetivamente na década de 1950 quando algumas emissoras de rádio começaram a ser montadas em embarcações na Grã-Bretanha, estas emitiam seu sinal fora de suas águas territoriais.

O termo pirata, também utilizado para referir-se a rádios livres, advém do costume que os operadores dessas embarcações tinham de erguer bandeiras negras em seus mastros, como os antigos navios piratas. A primeira rádio pirata foi a Merkur, da Dinamarca, em 1958, seguida por várias outras (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1987, p. 60; GHEDINI, 2009, p. 51).

Em contrapartida, as emissoras estatais como a BBC e a RAI, que na época possuíam programação essencialmente erudita, ao burlarem a legislação estatal, introduziram um novo linguajar, lançando estilos e veiculando uma programação inédita, que consistia em músicas e programas de *disk-jockeys*, os famosos *DJ's*, além de introduzir a publicidade de produtos americanos. Essas rádios acabaram tornando-se extremamente populares em um curto espaço de tempo, introduzindo na Europa o pensamento do rádio fora da tutela estatal, com um viés mais comercial, até então desconhecido para o público do velho continente (NUNES, 1995, p. 16. MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1987, p. 60-62).

Essas rádios não pagavam direitos autorais e não se submetiam aos rígidos regulamentos existentes na época, e sua popularidade fez com que o governo e as emissoras estatais se voltassem contra elas, fazendo com que fossem perseguidas pela polícia e por autoridades, que sustentavam que as rádios interferiam nos serviços da polícia, dos bombeiros e das ambulâncias. Como aspecto positivo, forçam o governo britânico a expandir suas faixas de transmissão, a criar rádios especializados tanto quanto à programação a ser veiculada quanto ao público alvo, dando voz a minorias (NUNES, 1995, p. 16-17).

O surgimento das rádios livres na Europa ocorreu dentro de um contexto de luta dessas rádios contra o monopólio estatal existente. Conforme pesquisadores do assunto, apesar de terem características, ritmos e resultados diferentes, o movimento em prol das rádios livres se expandiu pelo resto do continente europeu (GHEDINI, 2009, p. 47). Duas tendências despontaram: a utilização comercial do rádio e a utilização do rádio aliado aos movimentos sociais, com gestão alternativa da informação e o exercício direto da democracia (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1987, p. 63).

Segundo Marisa Meliani Nunes, foi a partir das manifestações estudantis na Europa no final da década de 60 que a expressão *rádio livre* aparece, alcançando o seu apogeu durante o movimento italiano (NUNES, 1995, p. 17).

Faz-se mister citar o exemplo italiano, onde a luta surgiu a partir da discussão da implantação da TV a cabo no país, onde se começou a

questionar a legitimidade do monopólio estatal. Essas rádios começaram a acontecer na prática, mas de início nada tinham de alternativo, configurando iniciativas de entusiastas da eletrônica. Pode-se citar como exemplo a *Milano Internazionale* e a *Emmanuel de Ancona*. Com relação à perspectiva de utilização da rádio por movimentos sociais, tem-se que em 1975 ocorreu a chamada “primavera das rádios livres”, onde muitas rádios livres de cunho político-social surgiram, dando voz a setores particulares da população. Dentre elas pode-se citar a *Rádio Alice*, mais importante rádio do movimento rádios livres, esta surgiu dentro do núcleo político Gatto Selvaggio de Bolonha e começou sua emissão em janeiro de 1976 (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1987, p. 62-68).

Portanto, dentro desse contexto emancipatório ímpar o que de mais relevante aconteceu na Itália foi o fato da rádio livre inserir-se na luta social, emblemática na *Rádio Alice*, da década de 70, que foi considerada uma rádio no/do Movimento.

A iniciativa da rádio ocorreu em 1974, sendo que suas transmissões começaram em janeiro de 1976. Como bem lembra Guattari, é importante contextualizar o momento histórico para um real entendimento do movimento. Nesse sentido, foi a partir das revoluções sociais ocorridas em 1968 e no contexto da crise da esquerda italiana após 1972 que surgem diferentes segmentos de luta, as autonomias, ou seja, setores particulares (mulheres, jovens, homossexuais, opções religiosas etc.). Na cidade italiana de Bolonha criam-se alguns círculos político-culturais, entre eles o *Gatto Selvaggio*, do qual surgiu a iniciativa de criar a Rádio Alice (GUATTARI, 1981, p. 57).

Alice se caracterizava, antes de tudo, pela recusa de assumir uma postura político-partidária definida nos termos convencionais e por trazer à discussão pública temas malditos como o corpo, o desejo, o prazer e a preguiça. (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1987, p. 69)

Em sua programação, a Rádio trazia temas libertários, que não correspondiam à visão capitalista e burocrática da época. Em sua primeira transmissão, a Rádio Alice assim se manifestava:

Rádio Alice emite: música, notícias, jardins em flor, conversas que não vêm ao caso, inventos, descobrimentos, receitas, horóscopos, filtros mágicos, amor, partes de guerra, fotografias,

mensagens, mensagens e mentiras. (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1987, 69)

Em 1977, a cidade de Bolonha passa a enfrentar crise proveniente das universidades, que resultaram em confrontos violentos com os policiais, os quais passaram a enfrentar a população com tanques e armas, a mando de um prefeito comunista. Veiculando emissões com notícias ao vivo⁴⁵, a Rádio Alice desempenha papel estratégico, incentivando as pessoas a aderirem às manifestações, alertando à população sobre os focos de repressão e os deslocamentos da polícia. No dia 12 de março de 1977, a polícia de Bolonha invade a Rádio Alice por ordem do prefeito Zangheri, por considerar a intervenção da rádio intolerável. A invasão foi transmitida ao vivo até o último momento, tendo seus articuladores sido presos e processados (MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1987, p. 70).

Como já explicitado anteriormente, a Rádio Alice foi a experiência mais importante no âmbito das rádios livres europeias, ensejando novas iniciativas, dando vazão a criação de um mito, além de ter motivado o pensamento de Felix Guattari:

Perigo iminente. Atenção, a menor linha de fuga pode fazer explodir tudo. Vigilância especial aos pequenos grupos perversos propulsando palavras, inventando frases, atitudes suscetíveis de contaminar populações inteiras. Neutralizar, prioritariamente, todos aqueles que poderiam ter acesso a uma antena. Guetos por toda parte – autogeridos, se possível – *microgulags* por toda parte, até mesmo na família, no casal e inclusive na cabeça, de modo a segurar cada indivíduo, dia e noite.

‘Eles falam, eles falam, tudo bem, eles falam o tempo todo. Eles lançam sinais, palavras, pedaços de sinais, pedaços de palavras para nos obrigar a aceitar nosso papel de filho, de mulher, de pai, de operário, de estudante, para nos ensinar a fazer bonito, a ser disciplinado, a obedecer, a trabalhar...

O terror se enraíza no cotidiano, terror da prisão e do asilo da caserna e do desemprego, da família e

⁴⁵ As notícias eram provenientes de ouvintes da própria rádio, que telefonavam e iam para o ar.

do sexismo. Terror contra os desejos para reduzir o cotidiano à forma miserável no qual a Igreja, a família e o Estado o enclausuram desde sempre. Mas a luta de classes rompe com a dominação pelo isolamento, o desejo transforma o cotidiano. E a Escrita percorre transversalmente as ordens recompondo-as de maneira criativa.

Desejo de potência do discurso da ordem ou potência do desejo contra a ordem do discurso...

O ponto de vista da autonomia sobre esta questão dos meios de comunicação de massa é que cem flores desabrochem, que cem rádios transmitam...

A guerrilha da informação, a subversão organizada da circulação das informações, a ruptura da relação entre emissão e circulação de dados... situa-se no interior da luta geral contra a organização e a dominação do trabalho...

A interrupção e a subversão dos fluxos de produção e da circulação de signos emitidos pelo poder são um campo sobre o qual podemos agir diretamente...' (GUATTARI, 1981, p. 56-57)

Tendo em vista a experiência italiana, a partir de 1978, Guattari, em conjunto com François Pain, especialista em rádio, engaja-se na implantação de uma rede alternativa de rádio na França. Ambos criam a Rádio Libre Paris, que no final de 1980 transforma-se na *Rádio Tomate*, onde o filho de Guattari, Bruno, cuida da programação.

Outras iniciativas relacionadas às rádios livres também aconteceram, como a Rádio Campus de Lille, da Universidade de Lille, e a Rádio Verte, do partido Verde francês.

As rádios livres na Europa acabaram por ser legalizadas em dado momento e acabaram desaparecendo. Aliado à institucionalização, a maioria dos movimentos políticos e sociais da época, que haviam dado sustentação à criação das rádios livres, iniciaram período de retração, o que apressou o fim dessas rádios livres europeias.

Com relação à América Latina, com seu enorme campo de desigualdades sociais, tem-se que o continente configura-se como espaço propício à utilização político-social do rádio, onde a população pode manifestar-se a respeito de seus problemas, anseios, inquietações, além de representar oportunidade de educação para boa parte da

população, que possui altíssimo índice de analfabetismo. A propósito desse assunto, Marisa Meliani esclarece:

Na América Latina, a emancipação social é um projeto que encontra no rádio o meio de comunicação mais adequado e eficaz para sua divulgação, utilizando para isso tanto o sistema de radiodifusão quanto o das rádios populares, com sistema de alto-falantes. (NUNES, 1995, p. 26)

Berço favorável para o surgimento das rádios livres, nasce na Bolívia a primeira rádio livre na América Latina, a *Rádio Sucre*, criada em 1947 e utilizada por trabalhadores mineiros como meio de luta, informação e educação. Outro exemplo de iniciativa boliviana é a *Rádio Pio XII*, esta desempenhou importante papel de luta social nesse país. Marisa Meliani Nunes nos traz a respeito do tema que:

É na América Latina, mais precisamente entre os trabalhadores mineiros da Bolívia, um país do Terceiro Mundo, seguidamente violentado por incontáveis golpes militares, intervenções norte-americanas e vítima de uma das mais perversas concentrações de renda, que nasce um movimento de rádios não-autorizadas de grandes proporções. (NUNES, 1995, p. 11)

Dando seguimento à iniciativa boliviana, outras iniciativas surgiram nos demais países da América Latina, podendo-se citar entre elas: Cuba, El Salvador, Nicarágua e Equador, todos dentro de um contexto social, econômico, histórico e políticos próprios, os quais se apropriaram dos benefícios que a mídia rádio lhes proporciona no intuito de lutar em prol de suas bandeiras.

Acerca da apropriação do rádio como ferramenta de luta, Felix Guattari, em seu prefácio no livro “Rádios Livres – A Reforma Agrária no Ar” defende que os milhões latino-americanos marginalizados devem reinventar as formas de luta e de expressão se quiserem afirmar seu direito à existência (MACHADO, MAGRI; MASAGÃO, 1987, p. 10).

Nesse sentido, cabe ressaltar característica importante das rádios livres: todos são iguais, o rádio não faz distinções. Diferentes segmentos da população podem fazer uso do rádio em suas lutas para atingirem os mesmos fins de pacificação social, educação, informação etc. Trabalhadores, rebeldes, guerrilheiros, classe baixa, média ou alta, todos podem ser ouvintes, assim como todos podem ser divulgadores e propulsores da informação, papel potencializado pela experiência das rádios livres.

3.1.1 Rádios Livres no Brasil

Segundo Márcia Detoni, a primeira rádio livre do Brasil iniciou suas transmissões em outubro de 1970, em pleno período da ditadura militar. A Rádio Paranóica (Vitória/ES) foi uma iniciativa de um adolescente de 16 anos, Eduardo Luiz Ferreira Silva, entusiasta da eletrônica, o qual recebia ajuda de seu irmão menor, Joaquim, nas transmissões dos programas (DETONI, 2004, p. 282). A rádio operava na faixa de 1.494kHz, transmitindo em horários alternados, concentrando as transmissões no horário da Voz do Brasil. As transmissões foram interrompidas definitivamente quando em 2 de fevereiro de 1971 a Polícia Federal apreendeu os equipamentos utilizados (FERRARETTO, 2001, p. 187).

Depois disso, outras iniciativas surgiram, como a *Rádio Spectro* de 1976 – em Sorocaba/SP, criada por um adolescente de 14 anos que anos depois transformou sua rádio na mais ouvida da região. A Rádio Globo de Criciúma/SC em 1978, a *Rádio Favela FM*⁴⁶, em 1981 na periferia de Belo Horizonte/MG e a *Rádio Xilik*, em 1985, são outros exemplos.

O surgimento de tantas rádios na cidade de Sorocaba/SP deu origem ao que é conhecido no meio por “verão de 1982”, pois a partir da iniciativa da primeira rádio, a *Spectro*, várias outras surgiram, sendo que a cidade chegou a contar com mais de 100 emissoras de rádio livres, sendo que destas, 43 podem ser efetivamente comprovadas.

A *Rádio Xilik*, cujo *slogan* era “Piratas são eles. Nós não estamos atrás do ouro”, introduz no movimento brasileiro de rádios livres a discussão da democratização das comunicações brasileiras na imprensa, encabeçada por professores e estudantes universitários, que mais do que mero entusiastas da eletrônica, passam a pensar e dialogar sobre uma série de aspectos das rádios livres, como o seu apartidarismo, a sua

⁴⁶ Deu origem ao filme *Uma Onda no Ar*, de 2002.

programação voltada a livre expressão e criatividade, assim como o teor político dos conteúdos veiculados. Arlindo Machado, Caio Magri e Marcelo Masagão, alguns de seus fundadores, lançam ainda, a respeito do tema sobre rádios livres, um dos poucos livros sobre o assunto no país, intitulado “Rádios Livres. A Reforma Agrária no Ar”, de 1986. Ainda segundo Marisa Meliani Nunes, a *Rádio Xilik* foi a responsável por uma das vindas do filósofo francês Felix Guattari ao país:

Em agosto de 1985, os organizadores da rádio, entre eles estudantes e professores da PUC-SP e da USP – Universidade de São Paulo, trazem o psicanalista francês e ideólogo do movimento europeu de rádios livres, Félix Guattari, para uma palestra transmitida ao vivo do Pátio da Cruz, na universidade católica. (NUNES, 1995, p. 42)

Tratava-se da segunda visita do renomado pensador francês ao Brasil, que reuniu pessoas cujo maior interesse era ouvir as experiências de Guattari com as rádios livres na França e na Itália, bem como sua opinião a respeito do movimento que ainda recém iniciava no país.

A respeito da acolhida que as rádios livres tiveram no seio da sociedade brasileira, Felix Guattari, que vislumbrava no Brasil um vasto campo de possibilidades estético-políticas, assim se posiciona:

As primeiras rádios livres do Brasil foram acolhidas com certa reserva. Alguns recearam que sua aparição pudesse servir de pretexto para uma repressão violenta; outros só conseguiram ver nelas um *replay* dos movimentos dos anos 60. É bom que esteja claro, antes de mais nada, que o movimento das rádios livres pertence justamente àqueles que o promovem, isto é, potencialmente, a todos aqueles – e eles são uma legião – que sabem que não poderão jamais se exprimir de maneira convincente nas mídias sociais. Não se trata, portanto, de um movimento esquerdista, mesmo se são os esquerdistas os primeiros a se engajar corajosamente nessa perspectiva. (GUATTARI, 1987 *apud* MACHADO; MAGRI; MASAGÃO, 1987, p. 10)

Sobre o desenvolvimento das rádios livres no Brasil, Marisa Meliani Nunes sustenta que tal fato ocorreu obedecendo a diferentes estágios de desenvolvimento:

O movimento de rádios livres pode ser dividido em três momentos distintos. O Verão de 82, em Sorocaba, onde o fazer rádio virou febre local; o boom de 1985, detonado pela Rádio Xilik, da PUC-SP, quando o ideário europeu toma conta da imprensa escrita; e o terceiro e atual momento, estimulado pelas lutas pela democratização da comunicação e pela apreensão em 1991 da Rádio Reversão, uma das primeiras rádios livres regulares no Brasil. (NUNES, 1995, p. 39).

A respeito do surgimento das rádios livres no Brasil, a pesquisadora Gisela Swetlana Ortriwano sustenta que as emissoras clandestinas sempre existiram, mas ganharam impulso político a partir dos anos 70 quando passaram a ser associadas a movimentos libertários na Itália e na França (ORTRIWANO, 1985, p. 34).

Em dado momento, após o surgimento das rádios livres e depois do sucesso e receptividade obtido por algumas dessas iniciativas, as rádios comerciais e o próprio governo iniciaram campanha contra as rádios livres no país. Os veículos de comunicação, a fim de retomar para si o público perdido e atemorizado de perder parcelas ainda maiores, entraram em cena. Já o governo por sua vez sempre deixou claro o seu receio quanto ao uso do rádio como meio político. Em conjunto, ambos passam a veicular o argumento de que as rádios livres, as “piratas” eram um afronta, representando crime contra a sociedade brasileira, ao empregarem o uso do discurso da interferência radiofônica.

Portanto, corroborando nessa linha de raciocínio, uma das alegações mais recorrentes por parte do governo ou das rádios comerciais contra as rádios livres é a de que estas derrubam aviões, interferem nas comunicações das aeronaves, até da polícia. Segundo Cabral Filho e Taveira Cabral tal fato já foi desmentido pela Anatel – Agência Nacional de Telecomunicações, cujos relatórios já demonstraram que a maior parte das interferências causadas por sinais de rádio foram feitas pelas rádios comerciais (CABRAL FILHO, TAVEIRA CABRAL, 2010).

Observa-se ainda que a utilização recorrente do termo “pirata” para se referir às rádios livres pelos meios de comunicação revela não só

clara tentativa de desqualificar e desmoralizar o movimento, quanto revela também a própria censura de que os meios de comunicação eram vítimas, fruto do governo militar que vigorou no país por longos anos⁴⁷. Tais rádios, mesmo se quisessem, não poderiam veicular opiniões contrárias aos desejos do governo da época.

Tais discursos e argumentações, além de servirem aos propósitos do setor privado através das rádios comerciais e do governo intransigente da época, acabavam por danificar a sociedade como um todo, uma vez que contribuíram para a desinformação e a desaceleração do movimento de rádios livres no país.

É importante lembrar que o serviço de telecomunicações no Brasil era regulamentado pelo Código Brasileiro de Telecomunicações⁴⁸, fazendo com que suas concessões dependessem de vontade estatal. O Código foi instituído pela Lei 4.117, de 27 de agosto de 1962, que previa o monopólio estatal do serviço. O Código ainda criou o Conselho Nacional de Telecomunicações – Contel, que tinha por finalidade fiscalizar, expandir e organizar o serviço no país. O Contel perde suas funções quando em 1967 é criado o Ministério das Comunicações, que atribui ao Departamento Nacional de Telecomunicações – Dentel, muitas de suas funções.

Além disso, o Decreto-Lei 236⁴⁹, de 28 de fevereiro de 1967, que alterou diversos dos dispositivos previstos no Código, tornando-o mais rígido e, no intuito de desestimular qualquer iniciativa a respeito do uso dos meios de telecomunicação sem autorização, prevendo inclusive a criminalização das rádios livres no Brasil:

Art. 70 Constitui crime punível com a pena de detenção de 1 (um) a 2 (dois) anos, aumentada da metade se houver dano a terceiro, a instalação ou utilização de telecomunicações, sem a observância do disposto nesta Lei e nos regulamentos.

Assim, com base na legislação, o Dentel e a Polícia Federal atuavam no sentido de coibir as rádios livres. Recebiam denúncias, perseguiram, prendiam os envolvidos nas transmissões das rádios livres e apreendiam os equipamentos encontrados. Por esse motivo, muitas

⁴⁷ Ditadura militar: 1964 a 1985.

⁴⁸ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/14117.htm>. Acesso em: 12 mar. 2012.

⁴⁹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0236.htm>. Acesso em: 12 mar. 2012.

rádios livres fecharam, fazendo com que o movimento das rádios livres entrasse em refluxo por medo do que poderia acontecer a quem tentasse o novo.

Fica claro que a criação das rádios livres foi uma reação às formas autoritárias e rígidas de controle dos meios de expressão, cujas proibições dão ensejo a esse tipo de iniciativa alternativa de expressão do pensamento popular, que através de sua desobediência civil nega o monopólio das comunicações, que mutila a voz de seus cidadãos.

A respeito, Luiz Artur Ferrareto sustenta que a partir da década de 80, num movimento de máquina de captura, as rádios livres passaram a adquirir contornos políticos, passando a ser utilizadas em eleições, caracterizando em seus programas os candidatos pertencentes à situação, assim como defendendo candidatos e sendo utilizadas por sindicatos de trabalhadores. A União Nacional dos Estudantes (UNE) realizou, em 1989, o I Encontro Nacional sobre as Rádios Livres, este fez parte da formação da Frente Parlamentar, origem do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FERRARETO, 2001, p. 188).

O objetivo da apresentação exaustiva da Rádio Livre é tomar a sua estrutura e objetivação, independentemente das suas características diferenciais, como um paradigma político que vai afetar a concepção das demais tipologias de rádio alternativa, particularmente, no nosso caso, a Rádio Escola.

3.2 RÁDIO COMUNITÁRIA

As rádios comunitárias surgiram com os movimentos populares, ao passo que as rádios livres tiveram uma origem mais espontânea. Pode-se dizer, por outro lado, que o espírito das rádios livres deu origem às rádios comunitárias:

A rádio livre que começou com transmissões isoladas, feitas por jovens, sem nem mesmo possuir as menores pretensões políticas de esquerda, foi apropriada por grupos comunitários que colocaram a tecnologia em benefício das lutas coletivas populares (PERUZZO, 2010, p. 83).

Quando de seu surgimento, as rádios livres eram rádios de baixa potência, cujo público atingido era aquele da comunidade ao seu redor. Foi dessa maneira que se deu o vínculo e a posterior apropriação do

rádio pela comunidade para a comunidade. Nesse aspecto, como as rádios comunitárias surgiram das rádios livres, que não tinham respaldo legal, aquelas se viram afetadas durante muito tempo pelo estereótipo de clandestinas e/ou piratas. As rádios comunitárias, portanto, nasceram e operaram durante um longo período sem a autorização do Ministério das Comunicações.

Com a possibilidade do uso deste tipo de rádio para a promoção de informações locais, pertinentes à vida em comunidade, como saúde, eleições e educação, as rádios livres passam cada vez mais a ser utilizadas pelos movimentos sociais de bairro e ONGs. Temos que o cidadão receptor vira um cidadão produtor, que decide e participa de uma rádio mais aberta e democrática.

Dentro do contexto latino-americano, a *Rádio Sutatenza*, da Colômbia, foi a primeira rádio comunitária da América Latina, surgindo em outubro de 1947 no povoado de Sutatenza, com iniciativa do padre José Joaquim Salcedo, tendo por objetivo atingir 8 mil camponeses que viviam na região. Outras iniciativas surgiram em Honduras, Nicarágua, El Salvador, Peru, Bolívia e Argentina (GHEDINI, 2009, p. 35).

No Brasil, os primeiros registros de rádios operando com caráter comunitário surgem a partir da década de 1990, destacando-se a *Rádio Livre Paulicéia*, de Piracicaba/SP, esta operou de julho de 1990 a abril de 1992 e a *Rádio Novos Rumos*⁵⁰, fundada em 13 de abril de 1991, quando o município de Queimados se emancipou de Nova Iguaçu/RJ.

Na opinião de Sonia Virginia Moreira, as rádios comunitárias são

[...] emissoras que não usam as ondas hertzianas (funcionam como um serviço de alto-falante), com programação elaborada pela comunidade e que geralmente possuem como únicos equipamentos um gravador, um amplificador, um toca-discos e um microfone, além – é claro – dos alto-falantes distribuídos em pontos estratégicos, para que consigam chegar ao maior número possível de ouvintes (MOREIRA, 2000, p. 68-69).

Já Fred Ghedini conceitua a rádio comunitária como “[...] uma FM de baixa potência, de caráter local, voltada para informar, entreter e prestar serviço à população de sua área de atuação” (GHEDINI, 2009, p. 15).

⁵⁰ A Rádio Novos Rumos permanece veiculando programação até os dias de hoje.

Ainda segundo Ghedini, “para ser comunitária, a FM necessita mais do que um transmissor com antena. É preciso ter um grupo de pessoas determinadas a prestar serviço à comunidade. E ser reconhecido por essa comunidade” (GHEDINI, 2009, p. 18).

A pesquisadora Márcia Detoni defende que uma verdadeira rádio comunitária tem algumas características específicas de programação e gerenciamento que a diferenciam das outras emissoras. São elas:

Programação voltada para os problemas e realidades do bairro ou região, que valorize a cultura local e tenha um forte compromisso com a educação para a cidadania;
Participação direta da população ao microfone e na produção dos programas;
Participação da comunidade no gerenciamento e na definição dos programas da emissora por meio de assembleias coletivas;
Finalidade não-lucrativa. Os recursos para o funcionamento da emissora são arrecadados através do apoio cultural e de contribuições da comunidade (DETONI, 2004, p. 279).

Ocorre que, a meu ver, tais características dizem mais a respeito aos quesitos impostos pela legislação brasileira sobre radiodifusão comunitária do que efetivamente com o que vem a ser uma rádio comunitária, considerando a sua plena potencialidade.

A lei foi fruto de debate, intensa mobilização e luta, e até mesmo de muitas prisões. Representa um processo de quase duas décadas onde militantes do movimento exerceram pressão na sociedade e nos parlamentares da época. A Associação Brasileira de Rádios Comunitárias – Abraço⁵¹, criada em 1996, para organizar e representar as comunitárias, também teve importante papel na legalização das rádios comunitárias.

No entanto, as emissoras comerciais, representadas pela Associação Brasileira de Rádio e Televisão – Abert –, apesar de não terem conseguido inviabilizar a criação da Lei regulamentadora das rádios comunitárias, elas conseguiram impor uma série de limitações ao

⁵¹ A Abraço foi criada em 1996, quando 400 representantes de emissoras comunitárias reuniram-se em Praia Grande, no litoral de São Paulo, para a sua fundação. Junto com o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, passou a organizar encontros, exercer pressão e elaborar propostas de lei apresentadas ao Congresso Nacional com o objetivo de legalizar as rádios comunitárias.

escopo da lei. O que na prática resultava na difícil aplicação da legislação, com consequências desastrosas para as rádios comunitárias e para as rádios livres, que continuaram clandestinas, uma vez que sem previsão legal no bojo da nova lei.

A Lei 9.612⁵² de 1998 institui o serviço de radiodifusão comunitária no país, estabelecendo como conceito desta a rádio com frequência modulada, que opera em baixa potência (25 watts) e cobertura restrita (a determinada comunidade de bairro/vila) outorgadas a entidades sem fins lucrativos. Segundo a letra da lei:

Art. 1º Denomina-se Serviço de Radiodifusão Comunitária a radiodifusão sonora, em frequência modulada, operada em baixa potência e cobertura restrita, outorgada a fundações e associações comunitárias, sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação do serviço.

§ 1º Entende-se por baixa potência o serviço de radiodifusão prestado a comunidade, com potência limitada a um máximo de 25 watts ERP e altura do sistema irradiante não superior a trinta metros.

§ 2º Entende-se por cobertura restrita aquela destinada ao atendimento de determinada comunidade de um bairro e/ou vila.

Como se pode observar com a leitura do inteiro teor do dispositivo, a lei acaba restringindo o alcance das rádios comunitárias em áreas de alta densidade urbana ou cercada por montanhas, permitindo apenas uma rádio por bairro, o que não leva em consideração o tamanho da população, além de obrigar as emissoras a operarem na mesma frequência, impedindo a coexistência de rádios comunitárias em bairros próximos, também proibindo a formação de redes e a veiculação de propaganda.

Tais restrições, resultado das pressões exercidas pela Abert, fazem com que as normas sejam por demais rigorosas, inviabilizando em muito a prática das rádios comunitárias. Como se não bastasse, a lei ainda prevê infrações e penalidades aos que excedem os limites estabelecidos.

Em contrapartida à rigidez da norma pátria a respeito do que vem a ser uma rádio comunitária, a Associação Mundial das Rádios

⁵² Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9612.htm>.

Comunitárias (Amarc), com representação no Brasil, a qual participa ativamente no movimento de rádios livres no país possui um conceito diferenciado, que não se amolda à rigidez trazida pela legislação brasileira. A Amarc, em seu endereço eletrônico⁵³, defende como conceito de rádio comunitária uma perspectiva que se adéqua mais a prática de uma verdadeira rádio comunitária:

Quando uma rádio promove a participação dos cidadãos e defende seus interesses; quando responde aos gostos da maioria e faz do bom humor e da esperança sua primeira proposta; quando informa de forma veraz; quando ajuda a resolver os mil e um problemas da vida cotidiana; quando em seus programas se debatem todas as ideias e se respeitam todas as opiniões; quando se estimula a diversidade cultural e não a homogeneização mercantil; quando a mulher protagoniza a comunicação e não é apenas uma simples voz decorativa ou um anúncio publicitário; quando não se tolera nenhuma ditadura, nem sequer a musical imposta pelas gravadoras; quando a palavra de todos voa sem discriminação, sem censuras, essa é uma rádio comunitária.

Fazendo-se uma leve comparação entre os conceitos, percebe-se logo que as restrições às rádios comunitárias acabam por levar a uma desobediência à legislação vigente. Aliado a esse fator, o uso político e religioso das rádios locais são uns dos maiores responsáveis pelas distorções, críticas e descrédito pelos quais a rádio comunitária se vê afetada. Muitas dessas distorções são consequências da apropriação pelo setor privado de um serviço que deveria ser de uso público.

Segundo Leandro Ramires Comassetto, “no Brasil, a preocupação do setor privado com a multiplicação de canais tem se acentuado após a regulamentação da radiodifusão comunitária” (COMASSETTO, 2007, p. 147).

O setor privado preocupa-se com a proliferação dessas emissoras, nem sempre regularizadas, que segundo eles, além de disputar audiência, algumas vezes, de forma completamente ilegal, disputam ainda o saturado mercado publicitário. Nesse sentido a Abert, órgão que

⁵³ O site da Amarc pode ser acessado através do seguinte link: <<http://amarcbrasil.org/>>. Acesso em: 28 maio 2012.

reúne o setor privado, alega que grande parte das emissoras comunitárias tem como ideal o interesse monetário, e ganham competitividade por não pagarem impostos e não precisarem cumprir regras, caracterizando uma concorrência desleal. A Abert ainda pressiona o governo e a Anatel por mudanças na legislação e maior rigor nas fiscalizações.

Com relação às alegações feitas pelo setor privado, tem-se que a respeito das distorções existentes, admitidas muitas vezes pelas próprias rádios comunitárias, essas não têm por objetivo a disputa de mercado com as emissoras comerciais e sim suprir lacunas existentes nas comunicações específicas voltadas para essas comunidades.

As distorções alegadas ocorrem muitas vezes pelo fato de que algumas pessoas acabam por enxergar a rádio comunitária, local, como um negócio que tem todas as probabilidades de ser bem sucedido e lucrativo. Assim, muitas comunidades se veem vítimas do mal de sua rádio, que muitas vezes não dão vazão à utilização social da mídia.

Ocorre também que, percebendo o potencial da mídia, as religiões passaram também a fazer uso dessa ferramenta. As seitas e igrejas evangélicas também viram “no rádio um instrumento de conversão religiosa” (FERRARETTO, 2001, p. 182). Dados apontam “que uma de cada sete rádios existentes no país está vinculada a uma igreja” (FERRARETTO, 2001, p. 184).

Ainda, apesar de algumas permanecerem sem autorização, conforme esclarece Peruzzo, as rádios comunitárias não são ilegais por que o querem ser, e sim devido às circunstâncias que as levam ou as mantêm nessa situação, sendo que a maioria esteve ou está ilegal em decorrência do lento processo de autorização governamental (PERUZZO, 2010, p. 83). Essas rádios, ainda que, bem intencionadas, enfrentam um processo moroso de legalização, onde a emissão das autorizações demanda um processo burocratizado, o qual, em muitos casos, favorece politicamente uns em detrimento de outros.

Também pela proibição legal na obtenção de recursos por parte das rádios comunitárias, estas esgotam muitas de suas possibilidades, pois se veem sem recursos para atualizações, sem capital para investir em programas, afetando até mesmo a sua sobrevivência. É justamente a proibição da captação de recursos uma das maiores razões para o fracasso das rádios comunitárias.

Em levantamento⁵⁴ da Agência Nacional de Telecomunicações – Anatel, responsável, entre outros, pela fiscalização do setor, tem-se que o total de entidades com portaria de autorização no país é de 4.399 rádios comunitárias. Com relação aos processos existentes, a Anatel os divide em entidades que participaram de aviso de habilitação (16.719, sendo que atualmente, apenas 959 processos estão em andamento) e entidades que não participaram (6.738 processos, cuja grande maioria encontra-se arquivado). Com base nesse levantamento, tem-se como exemplo que na cidade de Florianópolis existem apenas 3 rádios comunitárias, estas são: a Associação Comunitária de Comunicação e Cultura de Estreito, no bairro Jardim Atlântico, a Associação Civil Floripa é 10, no bairro Agrônômica e a Associação Rádio Comunitária Campeche, no bairro Campeche. Os números do relatório como um todo, por si só, já demonstram a lentidão existente quanto à obtenção de licença governamental para que essas rádios possam funcionar dentro da lei, o que faz com que muitas permaneçam à margem da legalidade.

A Abraço vem desenvolvendo importante papel na qualificação e se posiciona, devido às distorções existentes, pelo aperfeiçoamento da legislação, para que as rádios comunitárias cumpram de fato o que elas se propõem.

Segundo Detoni, as emissoras comunitárias deram novo impulso ao uso do rádio como meio de comunicação e de democratização da informação, onde a própria população se apodera do rádio como veículo de expressão (DETONI, 2004, p. 278).

O que hoje se faz premente é a necessidade de um Estado que regule essa atividade, mas não a inviabilize. As distorções existentes não invalidam a necessidade de um aperfeiçoamento na legislação existente, uma vez que essas rádios, tanto as comunitárias quanto as livres, ‘esquecidas’ pela legislação, configuram um tipo de rádio mais aberto e democrático, onde o cidadão se torna mais ativo, participando das decisões. Trata-se de uma rádio local, com vozes locais.

Essas rádios constituem impacto positivo nas comunidades que as possuem, fazendo com que as pessoas se sintam representadas, dando início a um processo de transformação, pois a comunidade se sente representada, mais unida e solidária uns com os outros, além de promover o sentimento de pertencimento, servem “para a resolução pacífica de conflitos, [...] recuperar memórias e tecer novos laços”

⁵⁴ Os levantamentos estão atualizados, com data de 01/07/2013 e estão disponíveis em: <http://www.mc.gov.br/editais-e-avisos/cat_view/22-acoes/32-radiodifusao-comunitaria/41-listas-de-entidades>.

(CANCLINI, 2009, p. 21). Por isso, as programações veiculadas devem primar pelo conteúdo popular, que se adequa às preferências da sociedade contemporânea, fugindo do modelo erudito das primeiras estações de rádio, atingindo a todas as camadas da população.

3.3 RÁDIO WEB

A partir dos anos 90 verifica-se um avanço nas tecnologias envolvidas na área da comunicação. Transmissões via satélite resultam na criação e consolidação de redes de transmissão de grande alcance (MOREIRA, 2000, p. 23). Inovações como a TV por assinatura, telefonia móvel e a *internet* constituem fato significativo nos meios de comunicação, passando a englobar experiências comunitárias, *webrádios*, *podcastings*, e rádios *online* em provedores de *internet* (FERRARETO, 2010, p. 39).

Os avanços na área da informática contribuem para uma mudança significativa na mídia, não só em seu aspecto básico de transmissão, mas em outras áreas intrínsecas a ela, conforme Ferraretto:

A revolução tecnológica representada pela Informática atinge, hoje, todos os setores das emissoras de rádio: da administração, passando pela produção, até a transmissão. Trocam-se máquinas de datilografia e calculadoras por computadores e sofisticados programas para redação, roteiro comercial, programação musical ou controle de pessoal e custos. Ao mesmo tempo, nos estúdios e transmissores o áudio analógico dá lugar ao digital (FERRARETO, 2001, p. 73).

Na perspectiva do avanço tecnológico, a partir da segunda metade dos anos 90, a *internet* passa também a dar a sua contribuição para o rádio, pois é “[...] capaz de colocar o mundo em rede e com grande poder de abrangência” (CUNHA, 2004, p. 10).

Segundo Prata, a *webrádio* surge nos Estados Unidos em 1995, e três anos depois, surge no Brasil (PRATA, 2009, p. 26). Trigo-de-Souza afirma que a primeira rádio brasileira 100% virtual apareceu em 1998, a

*Rádio Totem*⁵⁵, cujo projeto não sobreviveu aos dias modernos (Trigo-de-Souza, 2004, p. 290). A respeito do tema, tem-se que:

A primeira experiência de rádio criada exclusivamente para a rede tenha sido empreendida por integrantes do movimento *Mangue Beat*, no Recife, no estado de Pernambuco. O programa *Manguetronic* estreou em abril de 1996 [...]. (PRETTO *et al*, 2010, p. 157)

Segundo Cyro César, a primeira rádio *web* ao vivo brasileira foi a *RádioOficina OnLine*, mantida pela *RádioOficina*, escola técnica de radialismo (CESAR, 2005, p. 217).

Segundo Magnoni e Almeida, o processo de mutação no rádio acentuou-se quando as emissoras convencionais e as virtuais começaram a multiplicar suas páginas eletrônicas na *internet* (ALMEIDA, MAGNONI, 2010, p. 273). A respeito do início da utilização da *internet* pelo rádio tem-se que:

Os primeiros sites de emissoras que surgiram em 1996 mais pareciam folhetos eletrônicos, apresentavam informações sobre a rádio como grade programação, tabela de preço comercial, perfil dos comunicadores e equipe profissionais, lista de músicas mais tocadas, etc. Para as emissoras, o site era mais um canal de divulgação da programação e meio de contato com clientes e ouvintes do que uma nova mídia a ser explorada de forma complementar ao rádio (DEL BIANCO, 2004, p. 23).

Conforme Leandro Ramires Comassetto, já não se concebe a ausência das rádios comerciais bem sucedidas na rede, cuja presença na *internet* caracteriza *status* de certidão de identidade (COMASSETTO, 2007, p. 158).

Com relação à definição de *webradio*, Nair Prata elucida:

⁵⁵ Criada por Eduardo Oliva, em outubro de 1998, a emissora oferecia programação diversificada, com diversos canais de música. Devido à falta de recursos, a emissora saiu do ar em setembro de 2001. Fonte: <<http://www.oparanasondasdoradio.ufpa.br/00radiototem.htm>>.

Por webradio entende-se a emissora radiofônica que pode ser acessada através de uma URL (Uniform Resource Locator), um endereço na internet, não mais por uma frequência sintonizada no dial de um aparelho receptor de ondas hertzianas.

A webradio tem um homepage na internet por meio da qual podem ser acessadas as outras páginas da emissora. Na homepage aparecem o nome da emissora, geralmente um slogan que resume o tipo de programação e vários hiperlinks para os outros sites que abrigam as diversas atividades desenvolvidas pela rádio (PRATA, 2009, p. 59).

Nesse sentido, pode-se dizer que a *webradio* nada mais é do que uma rádio via *internet* que utiliza a tecnologia *streaming*⁵⁶ para transmitir o áudio em tempo real, sendo que a programação veiculada pode ser gravada ou ao vivo.

Com a utilização da *internet*, a abrangência do rádio, antes local, agora rompe barreiras geográficas, podendo alcançar uma esfera de transmissão mundial, onde o ouvinte pode, se quiser, não só receber, mas produzir informação. Como se observa:

Ao convergir para o ciberespaço, o rádio adquire uma interface que inaugura uma remodelação nas suas características conceituais do sistema de rádio tradicional e traz novas possibilidades para atividades comunicacionais, culturais e educacionais. Torna-se um meio de comunicação multidirecional, em que não mais se comunica através do ‘ditado’, e sim do ‘diálogo’, dispondo-se a formar um sistema aberto de interação e construção de conhecimento. A interatividade, o caráter hipertextual, a comunicação multidirecional, a bissensorialidade, entre outros, surgem como estruturantes e redimensionadores dessa mídia que assume novas perspectivas em seu papel social (PRETTO *et al*, 2010, p. 69).

⁵⁶ *Streaming* ou fluxo contínuo é uma tecnologia que diminui o tempo de espera do usuário, pois permite que o *download* do arquivo possa ser feito em partes, enquanto ouve/assiste o programa em questão.

O uso da *internet* pelo rádio amplia suas possibilidades de uso ao aliar ao rádio outras tecnologias. Áudio, texto e imagem agora se misturam, trabalham em conjunto, onde cada tecnologia modifica a outra.

A hipertextualidade da internet permite que o usuário, ao navegar, faça a interligação e o aprofundamento de assuntos, com o uso dos hipervínculos (links). Dessa forma, a estrutura dos textos e das mensagens audiovisuais da rede deixa de ser linear e passa a ser rizomática. Ou seja, o interesse e a percepção do próprio usuário organizam uma teia particular de informações. A multiplicação de programas de buscas com filtros cada vez mais refinados e especializados e de ferramentas de produção e de programação facilita a customização ou a personalização dos conteúdos (ALMEIDA e MAGNONI, 2010, p. 274).

Ainda, algumas das limitações e problemas antes enfrentados deixam de existir, pois não há necessidade de obtenção de concessão de canal pelo governo, sendo, portanto, afastada a existência de rádios ilegais (rádios piratas) e a interferência estatal. Com o surgimento dos *podcasts*⁵⁷, programas que podem ser repetidos a conveniência do ouvinte, pois podem ser baixados da *internet* para aparelhos de MP3 ou MP4 e celulares.

A *internet* amplia possibilidades de interação: onde antes havia apenas cartas, telefonemas e fax, hoje tem-se fóruns, *e-mails*, *chats*. Uma de suas maiores características é a instantaneidade, onde as comunicações e possíveis interferências por parte do público são feitas em tempo real.

Aliado a esses fatores, temos que a *webradio* tem custo muito inferior ao custo de criação de uma rádio tradicional, uma vez que para a sua criação basta apenas a compra de computador e ter acesso à *internet*. Evidencia-se, assim, certo aspecto democrático da rádio *web*, pois por não exigir conhecimentos específicos de radiodifusão é mais fácil de

⁵⁷ “Podcast é o nome dado ao arquivo de áudio digital, frequentemente em formato MP3 ou AAC (este último pode conter imagens estáticas e links), publicado através de podcasting na internet e atualizado via RSS. Também pode se referir a série de episódios de algum programa quanto à forma em que este é distribuído. A palavra é uma junção de Pod-Personal On Demand (numa tradução literal, pessoal sob demanda) retirada de iPod e broadcast (transmissão de rádio ou televisão).” Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Podcast>>. Acesso em: 10 jun 2012.

usar, mais acessível do que as estações de rádio usuais, permitindo que a rádio não seja mais só um domínio de profissionais, e sim um espaço onde amadores possuem o mesmo nível e públicos cativos.

Como podemos observar, a *webrádio* traz novos caminhos, novas possibilidades, todo um novo fôlego na exploração da ferramenta. De acordo com consulta realizada no endereço eletrônico *radios.com.br*, em 26/06/12, existe hoje no Brasil, 2.125 *webrádios*. Apesar do aparente considerável número de *webrádios* e de todas essas características positivas e inovadoras consideramos que a *webrádio* ainda engatinha no Brasil. Isso porque num país de tantos contrastes, muitos não têm acesso à informação, quanto mais à tecnologia necessária para o seu uso. Nesse sentido, segundo Nair Prata, a inclusão digital no Brasil está em seus passos iniciais, pois o uso do computador e da *internet* ainda não é corriqueiro (PRATA, 2009, p. 35).

Mesmo com a grande parcela da população que ainda não tem acesso a esse meio de comunicação, a *webrádio* representa uma potente ferramenta a ser explorada em vários campos, em especial na educação. Inclusive, quando se falava no passado das perspectivas possíveis da união do rádio com as novas tecnologias. Sônia Virgínia Moreira já defendia que a transmissão de rádio *online*, via *internet*, representava esperança a ser trabalhada para que o rádio voltasse a contribuir para a cultura dos brasileiros, deixando de ser ferramenta de interesses particulares ou de grupos (políticos, religiosos) (MOREIRA, 2000, p. 70).

Tal qual o rádio em seus primórdios, a *internet* é uma ferramenta transformadora da sociedade, que aliada ao rádio pode e deve ser explorada na perseguição das finalidades iniciais da mídia rádio, quais sejam, as de extensão de cultura e educação para toda a população brasileira, agora facilitados com a introdução da *internet*. Cabe a nós educadores perseguir e concretizar esse fim.

3.4 RÁDIO ESCOLA

Desde o surgimento do rádio no Brasil, destaca-se a sua veia educativa. Os projetos educacionais citados no primeiro capítulo, como o Sirena e o Minerva, demonstram o potencial do rádio, sua relevância e o seu alcance na promoção da educação num país que ainda possui muitos analfabetos e onde poucas pessoas têm o hábito da leitura, uma vez que o ouvido nunca é analfabeto, sempre entende. Infelizmente,

conforme se demonstrou tais iniciativas sofreram graves reveses históricos e conjunturais.

No cenário contemporâneo, a sociedade vê-se perpassada pelas novas tecnologias, que dominam a vida diária do cidadão comum. Hoje os meios de comunicação são considerados uma parte inerente, indissociável, dessa nova sociedade. Tais meios, pelo seu alcance e penetração, atingem diversos setores da sociedade continuamente, podendo vir a desempenhar papel educativo transformador nesse novo contexto.

Com o surgimento das novas tecnologias, a despeito de muitos terem anunciado o fim do rádio, a produção de radiofonia continua forte e popular. O rádio tem não só acompanhado o surgimento das novas tecnologias, como se inserido nelas, a exemplo da *webradio*.

Nesse sentido, em contrapartida à apropriação comercial, política, partidária, eleitoreira e religiosa do rádio, vem surgindo, ainda que timidamente, uma retomada de sua razão primária, ou seja, da educação. Poderíamos pensar que tem ocorrido uma transformação e uma disseminação no nível molecular das experiências estatais com a rádio escola. Essa reapropriação educativa do rádio vem acontecendo dentro no âmago das escolas, as quais vêm fazendo uso de conceitos de mídias em conjunto com a educação, fazendo surgir assim a Rádio Escola como uma nova ferramenta para auxiliar no ensino e, principalmente, contribuir no processo de cidadania.

No Brasil inteiro existem hoje rádios nas escolas e comunidades, rádios de curto e longo alcance, rádios feitas por crianças, por jovens, por velhos, rádios que falam todas as línguas que se fala no Brasil, muito além do português (GIRARDELLO, 2011, p. 75).

Segundo Pretto *et al*, o “Projeto de rádios nas escolas [...] possibilitam construções de novas possibilidades formativas, centradas na participação ativa e na produção, em vez de no mero consumo de informações” (PRETTO *et al*, 2010, p. 75).

As Rádios Escola procuram trabalhar os conceitos aprendidos em sala de aula de forma lúdica e pedagógica, configurando uma oportunidade de valorização do aluno, instrumento de formação e conscientização, além de facilitar a construção do conhecimento e agregar valor.

A pesquisadora Zeneida Alves de Assumpção assim entende por Rádio escola:

[...] as transmissões radiofônicas em circuito fechado ou semi-aberto no interior das escolas. Suas programações são de cunho pedagógico e produzidas pelos alunos sob a orientação de educadores ou especialistas.

Esta Rádio chega à escola pelo serviço de alto-falantes ou por um sistema de linhas telefônicas privativas. As Rádios que se utilizam de alto-falantes possuem geralmente como equipamentos um gravador, um amplificador, um toca-discos, um microfone e cornetas (alto-falantes). Outra técnica é o sistema de linhas telefônicas privativas (circuito interno). A emissão é distribuída de uma única estação geradora ou estúdio para várias receptoras, instaladas nas dependências escolares. Estas técnicas, além de apresentarem um baixo custo, tornam o meio de comunicação mais simples, podendo ser instalado em qualquer unidade educacional (ASSUMPÇÃO, 1999, p. 47).

Marcos Baltar conceitua rádio escola como “[...] instrumentos de interação sociodiscursiva entre a comunidade escolar” (BALTAR *et al.*, 2009, p. 31). Para o pesquisador, as rádios escolares podem funcionar como recurso ao se ensinar conteúdos, articulando as atividades didático-pedagógicas da escola. Sua concepção e execução ficam sob a responsabilidade da comunidade acadêmica em que a iniciativa está inserida, sofrendo, assim, influências desse contexto.

Dentre os benefícios da utilização do rádio na escola, pode-se citar o de que os alunos envolvidos com os projetos

[...] criam novos interesses, desviando a atenção de possíveis práticas marginais de violência. Na comunidade escolar dá-se entre os alunos a expansão de suas personalidades, a melhoria de suas relações interpessoais, o maior interesse pelo estudo, pois os programas apoiam-se em conteúdos curriculares. Os programas despertam nos estudantes o desejo de se tornarem sujeitos de mudanças sociais (MARTINS, 2010, p. 139).

A programação e a execução da rádio escola levam em conta a personalidade do aluno, seu contexto social, priorizando seus interesses e estimulando-o. Dentro das comunidades mais carentes, a utilização do rádio na escola ainda ajuda no processo contra a seletividade, a discriminação e o preconceito ao gerar uma maior conscientização e mudança de atitudes.

Por ser uma ferramenta interdisciplinar, a participação dos alunos cria o hábito de ouvir o rádio criticamente, de debater, questionar e discutir, desenvolvendo o senso crítico e a cidadania.

Com relação à configuração e montagem de uma rádio escola, tem-se que a tarefa não apresenta maiores dificuldades técnicas, uma vez que na maioria dos casos, utilizam-se os computadores do Laboratório de Informática da própria escola. Os demais aparelhos necessários podem ser adquiridos sem desembolsar elevada soma, faz-se necessário ainda a utilização de ferramentas livres para diminuir o custo envolvido.

A iniciativa representa uma grande oportunidade de potencializar o ensino, onde os alunos produzem seus próprios programas, obtendo experiência de criação e articulação de conteúdo. A linguagem utilizada é atual e condizente com o entendimento do público alvo (alunos da escola), constituindo-se numa aliada dos processos de ensino, desde que o professor e a coordenação pedagógica envolvida saibam como utilizar a rádio.

Conforme Baltar, “diferentemente das rádios comerciais, educativas e comunitárias, que já estão ‘legitimadas’, a rádio escolar ainda está em um processo embrionário em nosso país” (BALTAR *et al.*, 2009, p. 31).

A literatura a respeito do tema é escassa e baseia-se em experiências desenvolvidas em alguns espaços escolares, que em sua maioria foram descontinuadas devido à falta de uma política pública educacional pertinente e por depender em grande parte da vontade individual de membros da comunidade acadêmica, não havendo uma maior preocupação com a continuidade do projeto. Dos trabalhos existentes sobre a rádio escola, grande parte se baseia não no conceito ou nas experiências, mas em aspectos práticos, também válidos, que ensinam como iniciar uma rádio na escola, como criar o projeto, ideias para a programação a ser veiculada, a linguagem a ser utilizada pela rádio, e demais assuntos práticos pertinentes. Muitos desses projetos nunca chegaram a ter uma construção textual acerca de sua iniciativa, os

quais sobrevivem, em muitos casos, apenas na memória dos envolvidos. Por fim, a título de informação e de mapeamento, vejamos a próxima tabela com a relação das experiências com rádio escola em vigor no ano base de 2013 nas escolas municipais de Florianópolis, segundo dados levantados:

Tabela 3 – Rádio Escola – Situação por escola/2013

Escola Básica Municipal	Início	Tipo	Bairro	Nome da rádio	Situação atual
José Amaro Cordeiro	2008	Municipal	Morro das Pedras	MDP	Ativa
Brig. Eduardo Gomes	2005	Municipal	Campeche	Rádio Brigadeiro: doce é cuidar do Campeche	Atividades suspensas temporariamente
Dilma Lucia dos Santos	2009	Municipal	Armação do Pântano do Sul	Onda Jovem	Ativa
Batista Pereira	2008	Municipal	Ribeirão da Ilha	Nova Geração	Ativa
M ^a Conceição	---	Municipal	Rio Tavares	----	Intenção Prevista para 2013
João Alfredo Rohr	---	Municipal	João Alfredo Rohr	----	Intenção não efetivada/2012-2013
Dr. Paulo Fontes	2012	Municipal	Santo Antonio de Lisboa	Galerinha	Ativa
Oswaldo Machado	2007	Municipal	Ponta das Canas	Rádio OM	Atividades Suspensas
EBM Mâncio Costa	----	Municipal	Ratones	-----	Intenção não efetivada/2012-2013
Almirante Carvalhal	2010	Municipal	Coqueiros	----	Inativa
Vitor Miguel de Souza	2012	Municipal	Itacurubi	Rádio Corredor	Atividades suspensas temporariamente

Fonte: NTM/PMF.

4. REVOLUÇÃO MOLECULAR E EDUCAÇÃO

A análise da experiência de rádio escola levada a cabo na Rádio Morro das Pedras (MDP), iniciativa produzida no âmbito da Escola Básica Municipal José Amaro Cordeiro, será orientada pelo deslocamento de alguns conceitos desenvolvidos por Félix Guattari e Gilles Deleuze.

Conceitos como revolução molecular, micropolítica, máquina desejante, territorialização/desterritorialização, agenciamentos coletivos de desejo, podem ser empregados na leitura da experiência desenvolvida na Rádio MDP, no intuito de avaliar como a iniciativa de produção do conhecimento na mídia rádio produz sentidos nos sujeitos envolvidos.

Portanto, faz-se necessário iniciar esta tarefa com uma abordagem dos conceitos desenvolvidos por Guattari, inclusive os desenvolvidos em conjunto com Deleuze, a respeito das rádios livres, uma vez que Guattari considerava essa mídia como uma força para a produção de autonomia e educação de si.

Nossa incursão na já citada EBMJAC, *locus* da Rádio MDP, possibilita um estudo de caso à luz da carga conceitual acima mencionada. Aspectos estruturais da escola, a história do desenvolvimento da experiência, o questionamento e as entrevistas com os envolvidos (alunos, professores, ex-participantes, diretora, coordenadora, monitora da oficina de rádio e o responsável pela sala informatizada), como são conduzidas as atividades da rádio, projetos dela derivados, o envolvimento da prefeitura, a produção do conteúdo a ser veiculado, a emissão, a recepção e o impacto.

Ao final da análise, serão apresentadas sugestões, inovações que a participação do projeto trouxe para a pesquisadora e para a própria rádio e seus alunos.

4.1 REVOLUÇÃO MOLECULAR

Félix Guattari, assim como quase todos os pensadores de sua geração, compartilhava uma admiração confessa por Jean-Paul Sartre⁵⁸, que seguramente teve influência na formação de seu pensamento.

⁵⁸ Jean Paul Sartre (21.06.1905 a 15.04.1980) é um filósofo e escritor francês representante do existencialismo. Acreditava na atuação ativa dos intelectuais na sociedade. Recusou o Prêmio Nobel da Literatura em 1964.

Logo no início de seus estudos, marcados pelo pensamento de Jacques Lacan, Guattari inicia o desenvolvimento de sua análise institucional na clínica La Borde⁵⁹, em colaboração com Jean Oury⁶⁰. A análise institucional implicou uma crítica progressiva à psicanálise estruturalista de Lacan⁶¹, com o propósito de inserir as implicações do desejo na vida cotidiana.

Uma amizade em comum, Jean-Pierre Muyard, possibilita o encontro de Guattari e Gilles Deleuze⁶². Em junho de 1969, Muyard leva Guattari a Limousin, onde se encontra Deleuze. Na época, ambos se encontravam em fases distintas de suas carreiras. Deleuze já era um filósofo reconhecido⁶³, tendo consagrado estudos à história da filosofia, com base em Hume, Kant, Espinosa e Nietzsche, e publicado suas obras mais importantes: *Diferença e Repetição* (1968) e *Lógica do Sentido* (1969). Guattari, por sua vez, era administrador de uma clínica psiquiátrica, autor de alguns artigos e militante da psicanálise e de práticas políticas marxistas. A respeito do encontro, onde “a sedução mútua é imediata”, as ideias de Guattari desafiam Deleuze, oferecendo-lhe oportunidade para responder à contestação que a filosofia vinha sofrendo por parte do estruturalismo e do lacanismo (DOSSE, 2010, p. 13-14).

Esse encontro dá passo a uma construção intelectual comum entre 1969 a 1991, com as obras *O Anti-Édipo*, em 1972, *Mil Platôs*, em 1980, *Kafka: por uma literatura menor*, em 1975 e *O que é a Filosofia?*, em 1991.

Em 1972, Guattari publica seu primeiro livro, *Psicanálise e Transversalidade*, com prefácio de Deleuze. A obra é emblemática na caracterização do pensamento do autor, que lança as bases de seu pensamento crítico, afirmando que toda a existência se conjuga em dimensões desejantes, políticas, econômicas, sociais e históricas.

Guattari radicaliza sua crítica à psicanálise a partir do encontro com Gilles Deleuze, passando a desenvolver a ideia de equivalência entre capitalismo e esquizofrenia. Em sua primeira obra conjunta, *O Anti-Édipo*, os autores trazem conceitos clássicos de Freud e de Karl Marx, mesclando alguns desses conceitos, introduzindo o que viria a ser

⁵⁹ Localizada em Cour Cheverny, França.

⁶⁰ Amigo de Guattari e diretor da clínica La Borde.

⁶¹ Guattari contestava o lacanismo quanto à triangulação edipiana e quanto ao caráter reducionista de sua tese do significante (DOSSE, 2010, p. 14).

⁶² Nascido em 18 de janeiro de 1925, formou-se em Filosofia pela Sorbonne. A convite de Michel Foucault, Deleuze passa a lecionar na Universidade de Paris VIII. Apresentou sua tese de doutorado em 1968.

a diferença de sua proposta para com a psicanálise, qual seja, o conceito de esquizoanálise. A esquizoanálise inclui nos estudos da psicanálise à dimensão política, criticando a psicanálise convencional em sua relação entre o desejo e o inconsciente, introduzindo o desejo no mecanismo de produção e a produção no desejo, favorecendo a criação dos conceitos de máquinas desejantes e inconsciente maquínico.

Guattari e Deleuze sustentam que os elementos do inconsciente tornam-se máquinas desejantes, construindo assim o inconsciente maquínico. Essa teoria critica o caráter edipiano dado por Freud, bem como tudo o mais que consideram reducionista na psicanálise, que desconsidera, em seus conceitos, a influência do campo social, histórico, trabalhando o desejo em um caráter individual. A utilização do termo máquina diz respeito tanto a uma máquina que representa a interação do homem com a natureza quanto a maquinaria mecânica, que produz.

Em consonância, Sueli Rolnik, em prefácio ao livro *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo* de Félix Guattari, publicado em 1977, assim se manifesta:

Do Guattari teórico, acompanhamos momentos do trabalho minucioso de conceitos no encontro com Marx, com Freud, com Proust, com os estruturalistas e com muitos outros. Vamos assistindo a construção de uma teoria do desejo no campo social, onde economia política e economia libidinal são inseparáveis. A economia libidinal é a subjetividade da economia política. O inconsciente é ‘maquínico’ – o que não tem nada a ver seja com mecânico, seja com maquinas perversas – inconsciente da produção de ‘máquinas de desejo’ no campo social. Volatiliza-se a barra pesada que separa um campo privado do desejo de um campo público do trabalho rentabilizado, da realidade e da luta. A produção dos ‘fluxos esquizo’ na economia do desejo é a mola propulsora de mutação pessoal/social, condição de história (ROLNIK, 1981 *apud* GUATTARI, 1981, p. 7-8).

A esquizoanálise busca abrir caminhos para os ‘fluxos esquizo’, construindo novos ‘agenciamentos coletivos de enunciação’, novos devires.

A respeito da produção desejante, Deleuze e Guattari defendem que existem máquinas em toda parte, máquinas com seus acoplamentos,

suas conexões, tudo compõe máquina. Não há homem, nem natureza, e sim um processo de produção que os produz um no outro, que acopla as máquinas. As máquinas produtoras ou desejantes, as máquinas esquizofrênicas estão por toda a parte. Édipo reprime as máquinas desejantes (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 11-13).

Máquinas desejantes são máquinas binárias, sempre uma máquina acoplada à outra, onde o desejo não para de efetuar acoplamentos de fluxos e objetos. “O desejo faz correr, flui e corta.” Quando uma máquina se conecta a outra, a primeira corta o fluxo da outra ou vê seu fluxo cortado por ela, sendo que a “produção desejante é produção de produção”, cuja “regra de produzir sempre o produzir, de inserir o produzir no produto” é sua característica (*Ibid*, p. 16-17).

Segundo Deleuze e Guattari, a concepção clássica do desejo, concebida por Freud, diz respeito ao desejo como libido, volúpia, ao desejo sexual, configurando numa concepção reducionista. Freud concentra sua concepção em torno da triangulação edipiana, pai-mãe-eu, fórmula neurótica, obedecendo a uma perspectiva individualista da sexualidade, sem considerar a influência do social, do coletivo. Para os autores,

A grande descoberta da psicanálise foi a da produção desejante, a das produções do inconsciente. Mas, com o Édipo, essa descoberta foi logo ocultada por um novo idealismo: substituiu-se o inconsciente como fábrica por um teatro antigo; substituíram-se as unidades de produção inconsciente pela representação; substituiu-se o inconsciente produtivo por um inconsciente que podia tão somente exprimir-se (o mito, a tragédia, o sonho...) (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 40).

Para os filósofos, a individualização é redutora, reduzindo a complexidade da subjetividade. Por isso deve-se falar em singularização, que pode operar entre os diferentes níveis de subjetividade.

Defendem que “[...] a esquizofrenia é o processo da produção do desejo e das máquinas desejantes.”

A concepção psicanalítica do desejo como falta do objeto dá ensejo a uma produção, mas a uma produção fantasma e não produção industrial. Para os autores, “[...] o desejo e o seu objeto constituem uma só e a mesma coisa: a máquina, enquanto máquina de máquina. O desejo

é máquina, o objeto do desejo é também máquina conectada [...]”. As necessidades derivam do desejo e não o desejo das necessidades, sendo que o desejo está sempre próximo às condições de existência objetiva, abraçando a vida com uma potência produtora e a reproduz. O campo social, portanto, é percorrido pelo desejo, mesmo quando ocasiona perversidades. Dessa maneira, existe uma medida comum, uma coexistência do campo social e do desejo (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 42-47).

As máquinas desejantes são ao mesmo tempo técnicas e sociais, configurando categoria fundamental da economia do desejo. Toda a produção social decorre do desejo, de sua produção desejante, mas a produção desejante é primeiro social, depois se liberta. Nesse sentido, o problema social tem sido um só, direcionar, codificar os fluxos do desejo, para que não corram de forma não canalizada (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 48-51).

A máquina capitalista desterritorializa o campo social, ao mesmo tempo em que seus aparelhos anexos, burocráticos e policiais, reterritorializam à força (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 53).

Os autores levantam a problemática do enquadramento da vida da criança na visão psicanalítica, no Édipo, que não aborda experiências não-familiares, condenando-nos a desconhecer a produção do consciente e os mecanismos coletivos que lhe incidem diretamente (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 68-69).

Assim, em vez de participar de um empreendimento de efetiva libertação, a psicanálise se inclui na obra mais geral da repressão burguesa, aquela que consistiu em manter a humanidade europeia sob o jugo do papai-mamãe (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 71).

Guattari já expressava sua preocupação com o problema de como se evitar que as crianças se prendam às práticas dominantes, perdendo, assim, a sua liberdade de expressão. A modelagem da criança pelo mundo vem se dando cada vez mais precocemente, principalmente por meio da televisão e dos jogos educativos (GUATTARI, 1981, p. 50).

Em sintonia com essa problemática, os autores assim se manifestam a respeito do ensino:

A professora não se questiona, quando interroga um aluno, assim como não se questiona, quando

ensina uma regra de gramática ou de cálculo. Ela ensina, dá ordens, comanda. Os mandamentos do professor não são exteriores nem se acrescentam ao que ele nos ensina. Não provêm de significações primeiras, não são a consequência de informações: a ordem se apoia sempre, e desde o início, em ordens, por isso é redundância. A máquina do ensino obrigatório não comunica informações, mas impõe à criança coordenadas semióticas com todas as bases duais de gramática (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 11-12).

Desde cedo, as vítimas do capitalismo/socialismo burocrático padecem de uma angústia e culpabilidade inconscientes, que constitui a base principal do sistema de autossujeição dos indivíduos à produção, perfazendo o mais eficiente julgador e repressor, o interno. Mundo imaginário, estimulado pela mídia, em contrapartida a uma realidade totalmente diferente, que perpetua a dependência absoluta em relação à máquina de produção capitalista, já que o indivíduo se vê despreparado para enfrentá-la (GUATTARI, 1981, p. 13).

O capitalismo, além de explorar os indivíduos, se insinua na economia desejante dos explorados, por isso a luta de classes deve se desenvolver em todos os níveis contaminados pelo capitalismo (indivíduo, família, escola, sexualidade, prisões etc.).

Os autores, em especial Guattari, defendem a promoção de uma ruptura com essa lógica capitalista de ensino. Nesse sentido, o envolvimento de Guattari com os movimentos sociais/políticos da época vem a corroborar com esse pensamento e a mostrar um possível caminho a ser seguido no sentido de se alcançar a libertação do domínio capitalista. Neste diapasão e ao encontro dos propósitos do presente trabalho, vale salientar a experiência vivida por Guattari no tocante às rádios livres europeias.

4.2 GUATTARI E A MICROPOLÍTICA PELA PRODUÇÃO RADIOFÔNICA

Guattari era um homem de movimentos, que se envolveu em processos de singularização. Teve participação ativa no Maio de 1968 francês, participou do movimento de rádios livres na Itália e na França na década de 70 e se envolveu na luta de várias minorias em diversas partes do mundo, dentre eles destacam-se a luta palestina, o movimento

operário italiano e o movimento pela redemocratização do Brasil (ORLANDI, 2010, p. 558).

A respeito do envolvimento de Guattari com as rádios livres, vemos que no prefácio do seu livro *Rádios Livres a reforma agrária no ar*, Guattari sustenta que se trata de um fenômeno a ser estudado de maneira indissociável ao contexto das lutas emancipatórias. Para ele,

O fenômeno das rádios livres só toma seu sentido verdadeiro se o recolocarmos no contexto das lutas de emancipação materiais e subjetivas. Na Itália e na França, ele foi um dos últimos florões das revoluções moleculares que se sucederam aos movimentos de contestação dos anos 60 (GUATTARI, 1987 *apud* MACHADO *et al*, 1987, p. 9).

Segundo ele, milhares de pessoas veem-se marginalizadas diante da economia dominante, e é através do caráter emancipatório de novas formas de luta e de expressão que elas poderão afirmar seu direito à existência (GUATTARI, 1987 *apud* MACHADO *et al*, 1987, p. 10).

É esse o caráter emancipatório que luta contra o ideal social dominante, visto que aquele inova, enquanto encontra outro uso para a utilização dos meios de comunicação. Um uso, vale dizer, associado às minorias, o qual tem por objetivo fazer falar e fazer ouvir a voz desses segmentos marginalizados.

Para o pensador francês, o movimento das rádios livres é fruto de uma inteligência alternativa e práticas sociais inovadoras, pertencendo justamente àqueles que se encontram sem voz nas mídias oficiais, representando uma utopia concreta, ajudando os movimentos de emancipação a se reinventarem (GUATTARI, 1987 *apud* MACHADO *et al*, 1987, p. 10-12).

[...] as rádios livres democráticas desempenharam um papel ‘transversalizador’, ou seja, elas podiam atravessar todas as singularidades, dar-lhes presença e expressão, sem entretanto, enquadrá-las ou reduzi-las a um denominador comum (MACHADO *et al*, 1986, p. 68).

Para Guattari a ideia do movimento é romper com a lógica exploratória do capitalismo, que reduz a vida do indivíduo ao trabalho e o pensamento à lógica dominante. Dessa forma, tornam-se perceptíveis

as rachaduras que se encontram na ordem econômica, política e moral e a pluralidade de mutações moleculares de desejo que já se desencadeou (GUATTARI, 1981, p. 62). Segundo o autor, os envolvidos querem:

Acabar com a chantagem da miséria, a disciplina do trabalho, a ordem hierárquica, o sacrifício, a pátria, os interesses gerais. Tudo isto calou a voz do corpo. Todo o nosso tempo sempre foi consagrado ao trabalho, 8 horas por dia, duas horas de transporte, e depois descanso, televisão, refeição em família. Tudo que não se encaixa no interior desta ordem é obsceno para a polícia e os magistrados (GUATTARI, 1981, p. 58).

Ainda para o filósofo, trata-se de um movimento que não se contenta em questionar a forma capitalista de dominação, mas também a vida cotidiana, atravessada por aquela. O corpo social e a sociedade como um todo são cotidianamente atravessados pelo capitalismo, pelo consumo, pela produção nas relações humanas com os meios de comunicação, a cultura, o lazer.

Não nos contentamos em questionar a forma das relações entre exploradores e explorados, nós atacamos a raiz, a matéria da exploração capitalista-burocrática, isto é, o trabalho assalariado, a aceitação passiva de um corte entre o trabalho e o desejo, o investimento do trabalho como droga de abolição de todos os desejos abertos ao mundo (GUATTARI, 1981, p. 61).

Seu texto “Milhões e Milhões de Alices no ar”, presente em seu livro *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo* e o prefácio realizado para a obra *Rádios livres a reforma agrária no ar*, são representativos sobre o pensamento de Félix Guattari acerca da temática *Rádios Livres*, e revelam um Guattari em sintonia com as possibilidades futuras do rádio, possibilidades essas oferecidas numa era pós-midiática, que deixam transparecer ainda suas ideias emancipatórias, de ruptura e transformação do global pelo local.

Com base na teoria do desejo desenvolvida por Deleuze e Guattari, procuraremos nessa dissertação analisar as implicações do desejo na vida cotidiana, no micro e no macro dos alunos envolvidos no projeto, a fim de verificar ou não o surgimento de um agenciamento

coletivo. Isso porque a introdução de uma rádio no ambiente escolar pode configurar um importante catalisador de transformações no contexto das relações aluno-escola, aluno-sociedade, aluno-família, escola-sociedade, escola-família. O indivíduo traz consigo as marcas de seus agenciamentos.

A condição de coprodutores transversaliza, os alunos se apropriam da ferramenta midiática a sua disposição.

Articulação entre o microscópio e o macroscópico: os agenciamentos coletivos estão em uma relação de simetria entre um nível molecular e um nível global (Entrevista de Guattari⁶⁴).

A questão micropolítica – ou seja, a questão de uma analítica das formações do desejo no campo social – diz respeito ao modo como o nível das diferenças sociais mais amplas (que chamei de “molar”) se cruza com aquele que chamei de “molecular”. Entre esses dois níveis, não há uma oposição distintiva, que dependa de um princípio lógico de contradição. Parece difícil, mas é preciso simplesmente mudar de lógica. Na física quântica, por exemplo, foi necessário que um dia os físicos admitissem que a matéria é corpuscular e ondulatória, ao mesmo tempo. Da mesma forma, as lutas sociais são, ao mesmo tempo, molares e moleculares (GUATTARI; ROLNIK, 2008, p. 149).

⁶⁴ Entrevista com Félix Guattari – Parte 5. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=CV_w--Wir50>. Acesso em: 27 abr. 2012. Cf. 07:17 a 07:31.

5 O CASO DA RÁDIO ESCOLA MDP

Antes de adentrar especificamente na pesquisa de campo, faz-se necessário um relato um pouco mais minucioso da trajetória percorrida por mim enquanto pesquisadora para definição do objeto da pesquisa. Por conseguinte, eu relato a seguir todo o processo percorrido para a definição do objeto da pesquisa e a metodologia adotada para ir a campo.

5.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para a realização do trabalho de campo, escolhi inicialmente a Escola Básica Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes – EMBBEG, situada no bairro Campeche. Esta escola, além de ter o projeto Rádio Brigadeiro, possui parceria com a Rádio Comunitária Campeche. A escolha dessa escola se deu porque esta, segundo informações obtidas através de uma amiga durante a elaboração do projeto de pesquisa, já desenvolvia há algum tempo atividades com rádio escola. Após definição do campo da pesquisa, contatei pessoalmente o responsável pelo projeto da rádio na escola, apresentando a proposta do estudo de caso e, conseqüentemente, solicitei permissão para conduzir minha pesquisa naquele ambiente escolar.

Obtido o consentimento, ficou combinado o meu retorno à escola somente após a qualificação, para tratarmos sobre os procedimentos necessários para a efetivação da realização do estudo de caso previsto para início de março do próximo ano. Tendo em vista a proximidade da qualificação do projeto de dissertação e o retorno àquela escola, prossegui com os estudos teóricos e pesquisas sobre a mídia rádio em livros e *internet*. Durante as pesquisas, descobri que no *site* da PMF existia o NTM, e então resolvi contatar pessoalmente o responsável por esse núcleo para obter informações precisas quanto à existência ou não de projetos nas escolas municipais com a mídia rádio. Para minha surpresa e felicidade, obtive a informação que este núcleo além de dar suporte técnico às escolas com iniciativa de rádio, também oferecia curso de formação denominado ‘oficina de rádio’ aos professores e funcionários das salas informatizadas, interessados em implantar ou não uma rádio dentro do ambiente escolar. Na mesma oportunidade, recebi o convite para participar desse curso, que, naquele momento, contou, principalmente, com a participação de funcionários das salas

informatizadas das escolas municipais de Florianópolis e teve como principal objetivo deixar claro os fundamentos da implantação de uma rádio no ambiente escolar, bem como a importância da rádio nas escolas. Ressalto que a oficina de rádio representou um marco inicial para a pesquisa, sendo que foi a partir do contato com essa realidade que pude perceber o cotidiano da introdução dessa mídia no ambiente escolar.

Decorrido o prazo, retornei à EBMPEG e, para minha surpresa, fui informada que as atividades com a rádio haviam sido suspensas por motivos técnicos. Como alternativa, recorri ao NTM para saber acerca da existência de outro campo de pesquisa para realizar minha empiria, já que não poderia ser mais na escola do bairro Campeche.

Segundo informações desse núcleo, algumas das escolas estavam nas fases iniciais de implantação do projeto, enquanto outras passavam por uma reestruturação e retomada de projetos anteriores relacionados ao rádio e outras já se encontravam em fase de produção de conteúdo e veiculação dele para a comunidade escolar. Fui direcionada pelo NTM para a Escola Básica Municipal Batista Pereira – EBMPE, no bairro Ribeirão da Ilha, que se encontrava em processo de reestruturação. Porém, como era já final de ano e faltavam poucos dias para as escolas municipais de Florianópolis encerrarem as suas atividades do ano letivo, segui a recomendação do NTM para entrar em contato com a escola um mês antes do início das aulas do próximo ano. Assim, no início de 2012 fui conversar com a direção da EBMPE para saber mais acerca do projeto de rádio da escola, denominado ‘Rádio Nova Geração’, e se havia possibilidade de lá realizar minha investigação. Logo de início, fui informada pela escola que o projeto contava somente com o auxílio de uma funcionária, coordenadora da sala informatizada, que, no entanto, devido a sua sobrecarga de atividades, iria receber proximamente a ajuda de um funcionário da escola que teria, entre suas atividades, a função de contribuir com a oficina de rádio. Fui ainda informada pela direção da escola que mesmo com a falta de pessoal, poderia realizar minha pesquisa na EBMPE.

Só em março de 2012, logo após a autorização do setor responsável do NTM e posterior encaminhamento do meu projeto à direção da escola, pude dar início às minhas atividades de campo, passando a buscar todas as informações necessárias ao desenvolvimento da pesquisa. A coleta de dados aconteceu no período de março a maio de 2012, no turno vespertino durante as atividades escolares, uma vez por semana. As atividades desenvolvidas neste período focaram a descrição do local da pesquisa, entrevista com funcionários, quem eram e quantos

alunos participavam da rádio, qual era a história do projeto, seus objetivos, sua metodologia, propostas e possível cronograma de atividades para o ano de 2012. Todavia, apesar de todo o esforço empregado, as atividades dos alunos com a Rádio ‘Nova Geração’ não estavam acontecendo, uma vez que o processo de designação do colaborador para o projeto não ocorria, o que comprometeria a pesquisa, principalmente o processo de recepção proposto da pesquisa. Dessa forma, comuniquei a situação à EMBBP e procurei novamente o NTM para designação de outro campo de atuação.

Recebi como encaminhamento pelo NTM a Escola Básica Municipal José Amaro Cordeiro – EBMJAC, situada no bairro Morro das Pedras, também localizada no sul da ilha. Após contatar pessoalmente com os responsáveis pela Rádio Escola e assim obter o consentimento para realização da minha empiria naquela escola, refiz mais uma vez a atualização do meu projeto e encaminhei posteriormente esses documentos à Gerência de Informação com os dados da EBMJAC para autorização da PMF.

Assim, dando início a minha pesquisa, contei com o apoio da direção, coordenadora do projeto Mais Educação⁶⁵, participação de alunos, auxiliar da oficina de rádio e da sala informatizada.

A EBMJAC conta com trezentos e cinquenta e cinco (355) alunos regulares e esse projeto atende hoje cerca de 150⁶⁶ alunos da escola no horário do contraturno e oferece diversas oficinas⁶⁷. Destes, 87 encontram-se matriculados na oficina de rádio, sendo que apenas 41 dos alunos frequentam a oficina⁶⁸.

A escolha dos sujeitos da pesquisa foi definida por mim, pelo responsável da sala informatizada, pela coordenadora do projeto Mais Educação e também de acordo com o interesse/vontade dos alunos em participar da pesquisa. Com relação à divulgação das imagens relativas à pesquisa, na primeira semana foi entregue aos alunos participantes da oficina de rádio o *Termo de Consentimento para Participação Livre e Esclarecido*. Apenas quatorze crianças foram autorizadas pelos pais a participarem e divulgarem as suas imagens. A identidade dos sujeitos da pesquisa foi mantida em sigilo para evitar qualquer tipo de prejuízo e

⁶⁵ Acerca do Projeto Mais Educação cf. <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12372:mais-educacao&catid=312:mais-educacao&Itemid=586>. Acesso em: 18 out. 2012.

⁶⁶ Dados fornecidos em entrevista realizada pela pesquisadora com a direção da escola.

⁶⁷ As oficinas são de Ciências, Informática, Inglês, Jornal, Karatê, Matemática, Percussão, Português, Programa Saúde da Escola e Rádio. No APÊNDICE C – DVD encontra-se o cronograma das oficinas do *Mais Educação*, bem como de programas antes do *Mais Educação*.

⁶⁸ Os números foram informados pela auxiliar da oficina de rádio ao longo da pesquisa.

foram “tratados respeitosamente e de modo a obter a sua cooperação na investigação” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 77).

A abordagem teórico-metodológica adotada foi a análise qualitativa, valendo-se de aporte quantitativo, a partir do método de estudo de caso. Vale mencionar que a abordagem qualitativa abrange a complexidade que envolve os sujeitos da pesquisa ora analisados, além do que verticaliza e responde questões. “A finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão.” (BAUER *et al.*, 2002, p. 68).

A identificação do que se pretendeu com essa pesquisa suscitou a recorrência da observação participante, considerada “a melhor técnica de recolha de dados” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 90), pois “implica saber ouvir, escutar, ver, fazer uso de todos os sentidos” (VALLADARES, 2007, p. 154). Ao mesmo tempo, fez-se a análise dos depoimentos transcritos das entrevistas dos envolvidos e as falas dos alunos, para que estes pudessem embasar e enriquecer minha pesquisa.

As entrevistas foram realizadas com o intuito de verificar a postulação teórica da pesquisa, que associa pulsão, desejo e controle do meio de produção midiática, detectando a proporcionalidade entre controle e criação. Isto posto, acompanhei a abordagem dos discursos feitos pelos alunos da escola, respeitando o calendário de atividades do projeto Mais Educação. A pesquisa ocorreu entre os meses de junho a dezembro de 2012, no contraturno, durante as oficinas de rádio e informática, com visitas semanais, nos dias que ocorriam estas oficinas, quarta e quinta-feira. Assim, o contato com o público-alvo da pesquisa foi direto e deu-se alternadamente com as atividades desenvolvidas pelos alunos durante o processo de criação, produção, veiculação e recepção do conteúdo.

Como auxílio, utilizei um diário de campo para fazer anotações durante as observações participantes, fiz uso de gravação de entrevistas e depoimentos, além de imagens fotográficas e vídeos para qualificar ainda mais a pesquisa. As visitas de estudo⁶⁹, exibição de filme⁷⁰ e

⁶⁹ Visita à Rádio Comunitária Campeche (em 31/08/12, onde fomos recebidos pelo Sr. Nilo Aguiar); à RBS TV (em 03/10/12, estúdio da rádio Atlântida FM, Itapema FM e CBN diário, onde fomos recebidos pelo Sr. André Leonardo de Oliveira) e à Rádio Escola Onda Jovem, pertencente à Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos – EBMDLS, situada no bairro Armação do Pântano do Sul, em Florianópolis, no dia 05/12/12.

⁷⁰ Exibição do filme “Uma onda no ar”, nos dias 23 e 24/10/12, obtido no site: <http://www.youtube.com/watch?v=NeNL_WCT-0Y>; Vídeo palestra elaborada e enviada pelo ministrante senhor Leandro Brazuna, sobre “Rádio Livre”, em 06/11/12, pois ele se encontrava no Rio de Janeiro. Vídeo sobre o início da Rádio MDP elaborado pela auxiliar de

palestras⁷¹; programadas junto à coordenadora do projeto Mais Educação, também receberam esses registros, configurando vivências no campo. A proposta desses eventos foi incentivar, motivar, compartilhar experiências e mostrar *in loco* algumas das tipologias de rádio existentes, fazendo com que os alunos vivenciassem a teoria da academia no seio da prática escolar, de modo que venham a transformar o mero conhecimento em experiência, que “[...] é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA BONDIA, 2002, p. 21), transformando-os, e, conforme a teoria de Guattari, desterritorializando-os e reterritorializando-os.

A seguir, faço um relato da história da Rádio MDP, segundo informações obtidas através de pesquisa realizada na *internet* e entrevistas com os principais envolvidos com a Rádio MDP.

5.2 A CONSTITUIÇÃO DA EXPERIÊNCIA (HISTÓRIA DA RÁDIO MDP)

A Escola Básica José Amaro Cordeiro – EBMJAC – fica situada no bairro Morro das Pedras, em Florianópolis/SC. Sua fundação ocorreu em dezembro de 1988, passando por uma reforma geral em março de 2003. Seu funcionamento é das 08hs às 12hs e das 13hs às 17hs, atendendo a educação infantil no período da tarde e ensino fundamental (5º e 6º ano e 7ª e 8ª série) no período da manhã.

sala G. C. (disponível na biblioteca da escola) e documentário “Intervozes – Levante sua voz – Parte 1” exibidos nos dias 06 e 07/11/12 (Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=gf3Votr52QQ>>. ; Vídeo imagens de Mídia e documentário História do Rádio na educação, estes exibidos no dia 28/11/12. Fontes: <http://www.youtube.com/watch?v=XM3mmN_FeRk>; <http://www.youtube.com/watch?v=_clQa0lGwwc>, respectivamente.

⁷¹ As palestras foram as seguintes: 1. “(In)Vento: Performance e Experiência”, ministrada pela senhora Renata Ferreira da Silva – doutoranda em Educação/UFSC, em 28/09/12; 2. “WEB Rádio”, palestra proferida pelo jornalista e repórter da RBS TV, senhor Héilton Luiz, em 19/10/12; 3. “A História do Rádio e Rádio Educativa”, ministrada pelo senhor Paulo Roberto Santhias, coordenador da Rádio UDESC FM (Florianópolis) 100.1, em 25/10/12.

Imagem 2: Espaço físico da EBMJAC – Parte externa



Fonte: Arquivo Pessoal

Segundo informações da diretora da escola, a vontade de ter uma rádio na instituição se deu em 2005. O primeiro projeto foi elaborado em conjunto com o coordenador da sala informatizada, quando ela na época, era administradora escolar. Juntos fizeram um levantamento do material necessário, bem como o orçamento para a montagem de uma rádio na escola. Em seguida, o projeto foi levado à Prefeitura, mas infelizmente não teve continuidade. Em 2006, houve uma parceria do NTE⁷² com a UFSC, ocasião em que foi oferecido um curso aos alunos e profissionais das escolas municipais interessados em rádio. Ainda em 2006, houve uma parceria com uma aluna do curso de graduação em Jornalismo da UFSC, que possuía o projeto educativo “Fazendo Rádio na Escola”⁷³, este tinha como proposta implantar uma rádio na escola que contemplaria todos os alunos. O objetivo era “possibilitar ao aluno a aquisição e aprimoramento das habilidades de leitura, escrita interpretação e oralidade levando-o a adquirir valores que norteiam a vida em sociedade”. Todavia, apesar da formação que alguns alunos obtiveram com o mencionado projeto, a iniciativa, devido à falta de

⁷² Em 1998 foi criado o Núcleo de Tecnologia Educacional – NTE, como parte do Programa Nacional de Informática na Educação (ProInfo/MEC), com o objetivo de introduzir as tecnologias de informática e telemática nas escolas da rede pública do país, mediante a implantação de laboratórios de informática em unidades escolares com mais de 150 alunos. No final de 2009, a terminologia foi modificada por necessidade do PROINFO/MEC, devido à ampliação dos NTEs nos estados e municípios brasileiros. Assim os NTEs referem-se aos Núcleos de Tecnologias Estaduais e os NTMs aos Núcleos de Tecnologia Municipais.

⁷³ O curso de graduação de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina possui, desde 2002, o projeto Fazendo Rádio na Escola, que começou através de uma parceria com a Escola Básica Beatriz de Souza Brito, no bairro Pantanal, em Florianópolis. Este projeto tem por objetivo a capacitação dos “alunos do ensino fundamental para a instalação de uma emissora de rádio interna e a produção, apresentação e edição da programação radiofônica.” Desde então o projeto tem sido desenvolvido em algumas escolas de Florianópolis, obtendo reconhecimento nacional durante a 11ª edição do Premio Expocom, em Porto Alegre, alcançando a segunda colocação na categoria Comunicação e Cidadania. Fonte: Fazendo Rádio na Escola, Projeto de Extensão do Curso de Jornalismo da UFSC, Dezembro de 2004. O projeto foi cedido em meio impresso pela diretora da Escola Básica Municipal José Amaro Cordeiro.

recursos materiais e financeiros, não foi adiante. Apesar da não implantação do projeto, a direção da escola manteve seu interesse quanto à criação de uma rádio dentro de seu espaço escolar. Assim, quando em 2007 foi oferecido pelo Núcleo Tecnológico Municipal – NTM uma oficina de rádio, a servidora auxiliar de ensino, que na época era a responsável pela sala informatizada, interessou-se em participar. Segundo informações extraídas da entrevista com a auxiliar, logo após o curso, ela conversou com a direção da escola sobre seu desejo de implantar uma rádio escola e como também já havia um interesse anterior, a diretora gostou e aprovou a ideia. Houve então uma parceria com a professora de português, que resultou na elaboração de um projeto enviado à PMF. Como os objetivos eram distintos, estes foram escritos de forma individualizada, contemplando o interesse de cada uma.

A parceria aconteceu de 2008 ao início de 2009, sendo que a auxiliar de ensino ficou responsável pela rádio até o final de 2010. No ano de 2008, as responsáveis pela implantação da rádio definiram que as atividades se concentrariam na formação dos alunos que participariam da rádio, alunos de 7ª série, e em aspectos práticos, como a definição do nome a ser adotado pela rádio, seu *slogan*, logotipo, espaço físico a ser utilizado e equipamentos, fazendo com que a iniciativa produzisse, nesse primeiro momento, somente o programa piloto do projeto e mais dois programas. As atividades eram realizadas durante a disciplina de português, no período da manhã. A professora ao fazer seu planejamento dividia as atividades que seriam feitas em sala e na sala informatizada.

Os alunos, quando precisavam pesquisar, utilizavam a sala informatizada ou a biblioteca. Aos poucos, a sala informatizada deixou de ser um instrumento, uma ferramenta de atividade, passando a ser mais um espaço na escola de aprendizagem para docentes e discentes. No mesmo ano, participavam do projeto duas turmas de 7ª série, sendo que uma turma trabalhava o jornal e a outra a rádio, em semestres diferentes. Esses alunos faziam parte do programa TOPAS⁷⁴ e mesmo com a passagem dos alunos para a 8ª série, alguns destes continuaram a fazer programas e ajudaram na formação dos alunos novos ingressantes na 7ª série. Quanto à realização das atividades do projeto, tem-se que nesses primeiros anos estas ocorriam somente no horário de aula da professora de português, no período da manhã. No entanto, alguns

⁷⁴ TOPAS, *Todos Podem Aprender Sempre*, para os alunos com distorção de idade/série concluir o ensino fundamental no tempo certo. Os alunos possuíam o blog: <<http://topasebmjac.blogspot.com.br>>.

alunos vinham no período da tarde para editar os programas. A oficina de rádio também não contava com instalações ou equipamentos próprios, fazendo uso da sala informatizada para a gravação dos programas. Os alunos que participaram do projeto em 2008 ainda puderam contar com formação oferecida pelos profissionais do NTM e com palestras de jornalistas. A oficina foi oferecida aos alunos dentro das instalações da própria escola, e seguia um cronograma de ensino, onde as atividades tinham como pauta a apresentação da rádio, uso da ferramenta *Audacity* para edição dos programas, divisão dos grupos de trabalho e criação, e edição de programas. Depois da formação com o NTM, os alunos foram divididos em grupos, que trabalhavam com diferentes temas e decidiam o que veicular como notícia, recado, entrevista e piadas, além das tarefas de cada membro. Os conteúdos eram definidos com as professoras, que davam sugestões e opiniões. Os grupos tinham total autonomia para definir seus programas e a organização de trabalho do grupo.

Os alunos, que tinham no máximo duas semanas para fazer o programa, se organizavam, escolhiam a temática a ser abordada, pesquisavam e faziam a produção do programa, usando sua imaginação e criatividade. Pensando numa maior integração do rádio com a escola, era reservado um espaço para os alunos que não eram da rádio interagirem, como, por exemplo, mandar uma música, poesia, recado etc. A escolha do nome da rádio foi feita de forma democrática, através de votação. A turma piloto fez uma enquete para levantar as sugestões existentes, que foram levadas a uma votação que englobou toda a comunidade escolar. As alternativas escolhidas foram “Rádio MDP” e “Rádio JAC Escola”. O nome Rádio MDP foi o escolhido com 53,25% (139 votos), enquanto o nome Rádio JAC Escola recebeu 46,75% (121 votos)⁷⁵. Os alunos escolheram o nome “Rádio MDP” por causa das iniciais do bairro e porque acharam que o nome os relacionava mais intimamente com a comunidade, uma vez que não queriam que a rádio só tratasse de assuntos da escola, mas também da localidade a que pertenciam, adotando o *slogan* Rádio MDP: Atitude para aprender! Quatro desenhos foram selecionados por uma comissão técnica composta por professores e funcionários da escola. Esses desenhos foram escolhidos através de uma votação com a participação de todos os alunos da escola. Com 213 votos, foi escolhido o desenho da aluna F. R., da turma 72.

⁷⁵ Fonte: Blog da sala informatizada. O endereço do blog é: <http://salainformatizadaebmjac.blogspot.com.br>.

Imagem 3: Logotipo da Rádio MDP



Fonte: Blog da sala informatizada.

Nos registros do Blog, a auxiliar de ensino conta que prestigiando a iniciativa da rádio MDP, em 18 de setembro de 2008 foi feita uma reportagem sobre a rádio pela emissora de televisão TVBV. Foram entrevistados pela reportagem 4 alunos dos 26 participantes e a coordenadora da sala informatizada. No dia seguinte, foi realizado na escola um coquetel de lançamento da rádio. Quando foi ao ar o programa piloto⁷⁶, a comunidade escolar (professores, alunos e servidores) elogiou a iniciativa e pode perceber o potencial que esse movimento poderia ter dentro e fora da comunidade escolar. Não obstante, não houve manifestação por parte dos demais professores em participar da rádio, cuja interação com esses profissionais envolvia unicamente o envio de sugestões. Depois do lançamento, foram gravados mais dois programas, sendo um deles sobre a eleição de diretores⁷⁷ e outro sobre preconceito⁷⁸. Tendo em vista a promoção das atividades da rádio e da sala informatizada, foi criado o já mencionado Blog da sala informatizada da EBMJAC, que veiculava, entre outras, informações sobre as atividades da rádio. Os monitores da sala informatizada foram incentivados para criarem um blog próprio, onde disponibilizariam informações de interesse dos alunos⁷⁹. Os programas produzidos nessa primeira etapa da iniciativa de rádio escola na EBMJAC⁸⁰ foram repassados à comunidade escolar através da

⁷⁶ Informação disponível em:

<http://www.podcast1.com.br/programas.php?codigo_canal=5100&numero_programa=7>.

⁷⁷ Informação disponível em:

<http://www.podcast1.com.br/programas.php?codigo_canal=5100&numero_programa=5>.

⁷⁸ Informação disponível em:

<http://www.podcast1.com.br/programas.php?codigo_canal=5100&numero_programa=6>.

⁷⁹ O endereço do Blog dos monitores é: <<http://monitoresebmjac.blogspot.com.br>>.

⁸⁰ Durante a realização desta pesquisa, tivemos acesso aos programas relativos no período 2008-2009, os quais tratavam sobre eleição de diretores, preconceito, *coffee-break*, consciência em foco e enquete.

referência destes em blog⁸¹, bem como na biblioteca, onde foi disponibilizado um material com informações a respeito da iniciativa (vídeos, fotos e apresentações) em DVD. Esse DVD contém o programa piloto, bem como a gravação de um vídeo descrevendo como tudo foi feito e o resumo do primeiro ano. Todos estes programas também foram disponibilizados em *podcasting*⁸² a partir de outubro de 2009, *online*. A iniciativa foi elogiada em reunião pedagógica e reunião de pais, principalmente por conseguir trabalhar a autonomia e o autodidatismo das crianças participantes do projeto. No ano de 2009, com o afastamento da professora de português, a auxiliar de ensino relata que a rádio passou a contar apenas com a sua colaboração. Ela relatou que trabalhou com os alunos o tema acerca da gripe A. Os alunos realizaram pesquisas na *internet* e biblioteca da escola sobre o assunto, além de irem ao posto de saúde entrevistar profissionais da saúde para saber estatísticas naquela região e em Santa Catarina. Com as informações em mãos, eles elaboraram um texto que seria lido na rádio. Havia uma preocupação por parte da professora quanto ao tom de voz, o falar corretamente, a veracidade da informação a ser veiculada e sua fonte. Também sempre houve um cuidado maior nas escolhas dos conteúdos, das músicas, piadas e poesia, pois os ouvintes eram os próprios alunos da escola. Quando eles escolhiam uma música americana, estas eram traduzidas, porque não era qualquer música que poderia ser tocada, devido ao espaço escolar.

Apesar do entusiasmo dos alunos com o projeto, o ano de 2009 apresentou algumas dificuldades para a Rádio MDP. Isso porque logo no primeiro semestre, segundo informações tiradas do Blog da sala informatizada, iniciou-se uma grande reforma e ampliação na escola, que incluiu a sala informatizada, prejudicando as atividades realizadas pela Rádio MDP, além de uma greve dos professores. De acordo com a diretora da escola, no final de 2009, a rádio passou a fazer parte do Projeto Mais Educação⁸³, o qual tem por objetivo atender alunos com

⁸¹ Os *podcasts* disponíveis são os seguintes:

<http://www.podcast1.com.br/programas.php?codigo_canal=5100&numero_programa=2>;

<http://www.podcast1.com.br/programas.php?codigo_canal=5100&numero_programa=3>;

<http://www.podcast1.com.br/programas.php?codigo_canal=5100&numero_programa=4>.

⁸² Acesse em: <http://www.podcast1.com.br/tudo_sobre_podcasting.php>.

⁸³ Mais educação é um programa que foi criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007, para aumentar a oferta educativa nas escolas públicas, através de atividades optativas agrupadas em macrocampos como, meio ambiente, esporte e lazer, direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde, educomunicação, educação científica e educação econômica e também, acompanhamento pedagógico. “É coordenada pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC), em parceria com a Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC) e com as Secretarias Estaduais e Municipais de

deficiência de aprendizagem que não conseguiram atingir a média escolar para passar de ano. O projeto visa estimular e desenvolver o aprendizado através de oficinas oferecidas no horário de contraturno, ou seja, no período vespertino. A partir daquele ano, a diretora também passou a coordenar o projeto Mais Educação, sendo substituída em 2012. As atribuições da coordenadora são as de supervisão, orientação e organização das oficinas. Inicialmente, as oficinas ofertadas pelo projeto Mais Educação em 2010 eram de rádio, jornal, judô, matemática e língua portuguesa. Mesmo com a mudança, segundo a auxiliar de ensino, a escola optou pela continuação da oficina de rádio, mas a rádio deixou de ser “da” escola para ser “na” escola. Indagada a respeito do significado da “rádio da escola”, a auxiliar de ensino assim se manifestou:

Rádio da escola, ela faz parte da escola, é um espaço da escola, pertence à escola; fazer rádio na Escola, é só trabalhar a mídia, mas não tem essa identificação do grupo com aquele espaço, é como se fosse só uma atividade; rádio escolar era o que a gente tava fazendo né, na verdade a intenção não era ser só escolar, mas ser comunitária, mas a gente não tinha estrutura pra tanto, como a rádio do Campeche que os alunos participam, mas é uma rádio comunitária.⁸⁴

Segundo informações retiradas do *blog* da sala informatizada, além da auxiliar de ensino e alunos da 7ª série, a oficina contou também com a colaboração da professora de música, sendo que a parceria resultou em quatro programas sobre compositores da música clássica como *Mozart*, *Vivaldi*, *Bethoven* e *Chopin*. Dentro do Mais Educação, ela relata que a rádio continuou a operar no mesmo formato dos anos anteriores com um tema, entrevistas, enquetes, piadas e recados. A auxiliar de ensino informa que permaneceu responsável pela orientação dos alunos com a gravação, a edição e transmissão dos programas.

A respeito de seu período de envolvimento com a rádio, a professora destaca que a iniciativa foi enriquecedora como um todo, sendo que as atividades da rádio, por seguirem o calendário escolar, fez

Educação. Sua operacionalização é feita por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE)”. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12372&option=com_content&view=article>.

⁸⁴ Entrevista concedida em: 22 de junho de 2012.

com que a escola se envolvesse com a rádio, pois a coordenação pedagógica pedia para divulgar recados de reunião escolar, conselho de classe, pré-conselhos, resultados de notas ou avisos da escola, unindo a comunidade escolar em torno da mídia. Ainda, por não guardar maiores expectativas, surpreendeu-se positivamente com o fato de que os alunos passaram a se dedicar e com isso a se desenvolver mais em sala de aula. Outros professores inclusive observaram melhora dos alunos com relação à produção textual, na apresentação dos trabalhos, fazendo uso mais frequente da biblioteca para leituras e pesquisas, ouvindo mais rádio e lendo jornais. Quanto às dificuldades encontradas, ela relata que no início havia falta de motivação, mas em avaliação preliminar já da primeira turma, observaram que isso acabou sendo superado: houve um crescimento na motivação para ler, escrever, pesquisar. Ela considera que a experiência foi positiva no âmbito particular, pois, a partir do projeto, participou de disciplinas de mestrado, escreveu projeto dentro dessa área e fez pós-graduação em tecnologia da educação.

Ainda, segundo relato da auxiliar de ensino, com as mudanças ocorridas no final de 2010, não houve um maior desenvolvimento das atividades na Rádio MDP, que em 2011 produziu um programa⁸⁵. A realização de um concurso pela Prefeitura Municipal de Florianópolis em 2010 para a contratação de um funcionário efetivo para a Sala Informatizada da EBMJAC fez com que a auxiliar de ensino deixasse suas atividades na Rádio, uma vez que um servidor concursado passaria a ser o novo responsável por esta Sala. Segundo informações da auxiliar de ensino, esse servidor atualmente é responsável pela oficina de Rádio. Sendo assim, sugeriu que eu conversasse com ele para obter informações sobre o funcionamento da oficina de rádio, porque esta, depois que retornou para as suas atividades de auxiliar de sala não teve mais contato com a Rádio.

Então, segundo informações extraídas da conversa que tive com o atual responsável pela oficina da Rádio⁸⁶, após a saída da auxiliar de ensino, a oficina de rádio passou a contar com o apoio de um ex-aluno que foi contratado para orientar as pesquisas e escrita em sala de aula, durante o primeiro semestre de 2011. E no segundo semestre, as oficinas de rádio não aconteceram porque a reforma e ampliação ainda não estavam concluídas. Ressaltou que a Sala Informatizada ficou fechada dois anos consecutivos, 2010 e 2011. No mesmo ano, relata que, a

⁸⁵ Não consegui ter acesso ao programa.

⁸⁶ Em 20/06/2012.

escola recebeu do MEC, através do projeto Mais Educação, um novo pacote de equipamentos.

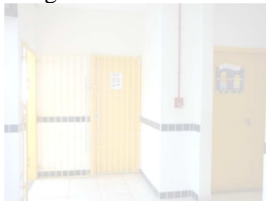
Imagem 4: Equipamentos comprados para gravar os programas



Fonte: Arquivo Pessoal

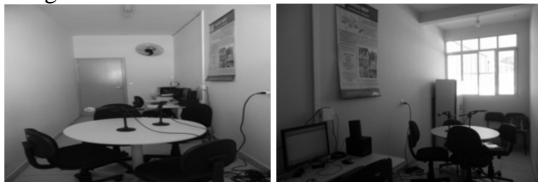
E em março de 2012, a EBMJAC inaugura a reforma e ampliação iniciada em 2009, quando finalmente a oficina de rádio passa a contar com um espaço físico próprio para suas atividades. Os equipamentos adquiridos para esta oficina foram disponibilizados nesta sala.

Imagem 5: Sala da Rádio MDP – Parte externa



Fonte: Arquivo Pessoal

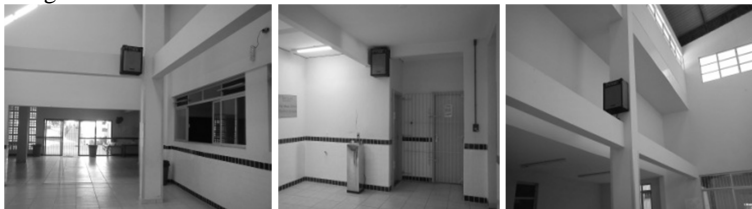
Imagens 6: Sala da Rádio MDP – Parte interna



Fonte: Arquivo Pessoal

Para diminuir os custos, com a ajuda de um pai de um aluno, foram instalados esses equipamentos na sala da Rádio, e juntos distribuíram as três caixas de som pelo interior da escola.

Imagens 7: Caixas de som distribuídas na EBMJAC



Fonte: Arquivo Pessoal

No mesmo ano, segundo relato do responsável pela sala informatizada, com recursos do Projeto Mais Educação, a escola contratou uma aluna egressa⁸⁷, para conduzir as atividades da oficina de rádio juntamente com o auxiliar de ensino de tecnologia. Ainda em 2012, surgem outras modalidades de oficinas que agregam ao projeto Mais Educação, como Ciências, Informática, Inglês, Karatê, Percussão, Programa Saúde da Escola (PSE) e Sala Informatizada. Estas oficinas seguem uma distribuição semanal de atividades do projeto mais Educação da EBMJAC elaborada pela diretora da escola⁸⁸. As oficinas ocorrem de segunda a sexta-feira, duas vezes na semana, sendo que cada turma tem aula uma vez por semana. As turmas são divididas por faixa etária e denominadas de T1, T2, T3, T4 e T5, cada turma tem em média 30 alunos matriculados. As turmas, T1, T2 e T3 são formadas por alunos do 5º, ao 6º ano; e as turmas T4 e T5 por alunos da 7ª e 8ª série, esses alunos na sua grande maioria almoçam e lancham na própria escola. Todas as oficinas iniciam às 13 horas e terminam às 16h 15 minutos.

Para consulta e embasamento do capítulo final, “análise dos resultados”, coloco em anexo as descrições das observações feitas das experiências na EBMJAC, enquanto observadora participante, ou seja, o “diário de campo”, além dos relatos das “atividades complementares” realizadas junto aos participantes da rádio escola.

5.3 LIMITES E POSSIBILIDADES

A partir do acompanhamento das atividades de campo – palestras, visitas externas à escola, passagem de vídeos, entrevistas, questionários, fragmentos do diário de campo⁸⁹, constatei a existência de

⁸⁷ Ela cursou todo o ensino fundamental na EBMJAC, hoje está na 3ª série do ensino médio.

⁸⁸ Ver a tabela de distribuição para o ano de 2012 em: Dvd (Apêndice C).

⁸⁹ Descritas detalhadamente no APÊNDICE A da presente dissertação.

alguns limites e possibilidades no desenvolvimento da rádio escola MDP, os quais descrevo a seguir. Saliento que esses limites e possibilidades não foram os únicos constatados, mas perpassaram toda a pesquisa e foram os que considereí mais relevantes, uma vez que foram os que mais demonstraram impacto, aqueles que me forçaram o pensamento, no desenrolar das atividades dos alunos e da escola com a rádio, assim como nas atividades que eu, como pesquisadora, desenvolvi junto a eles.

5.3.1 Limites

Nas primeiras semanas na escola, pude perceber algumas questões que se tornariam cruciais ao longo da pesquisa e teriam um impacto profundo no resultado final obtido. Tais questões envolviam limitações estruturais como a falta de domínio da tecnologia necessária para a realização dos programas e a falta de capacitação pedagógica para conduzir e planejar as atividades da oficina.

Os assuntos abordados na oficina eram pensados a cada encontro e pesquisados na *Internet*, pois segundo a própria monitora, ela não dispunha de conhecimento sobre o entorno da mídia Rádio, principalmente no que diz respeito à integração desta aos processos educacionais e com o uso da tecnologia.

Tem-se ainda o fato de que algumas das turmas da oficina de rádio serem conduzidas por pessoas diferentes (monitora ou auxiliar da sala informatizada), o que acarretava na realização de atividades diferentes, em momentos diferentes. Não havia uma integração entre as atividades conduzidas pela monitora e pelo auxiliar de ensino. Nesses aspectos, são reveladores os fragmentos das falas abaixo transcritas:

Na verdade como eu e o auxiliar vamos trabalhar juntos eu tenho que ver o que ele tá pensando em fazer [...].

[...] ainda não pude sentar com ele, tenho que ver a opinião dele [...]. (Monitora – Diário de Campo, em 13/06/2012).

Conforme se observa, as situações revelam uma falta de autonomia na tomada de decisões e direcionamento das atividades. Pode-se citar como explicação a falta de experiência dos agentes envolvidos e o fato de a direção escolar não favorecer um

compartilhamento das decisões e do poder. Além disto, constata-se a falta de disponibilidade de tempo necessária para encaminhar melhor as atividades e a falta de formação técnica da função de monitoria.

Entretanto, apesar de todas as dificuldades, era visível uma preocupação por parte da monitora, em tornar a oficina um ambiente agradável, prazeroso e divertido e que, ao mesmo tempo, aguçasse a vontade de aprender:

*E também procuro sempre tá inovando né, pra não cair na mesma coisa. Eu realizo pesquisa na Internet. As aulas são de acordo com o desejo deles, por isso fiz um questionário pra ver o que trabalhar na rádio. Eu realizei um questionário com os alunos perguntando o que eles gostavam na rádio e o que eles não gostavam [...]. (Monitora – Diário de Campo, em 13/06/2012).
Porque justamente o que eles não gostavam a gente ia estar tentando mudar, pra se tornar atrativo para os alunos e não uma coisa obrigatória. (Monitora – Entrevista em 20/06/2012).*

A existência dessa preocupação mostra seu amadurecimento e seu desejo em aproveitar a sua experiência enquanto egressa, de maneira que venha a contribuir com a atual oficina de rádio:

Acrescentou bastante na minha vida, porque foi uma experiência nova quando comecei a trabalhar com rádio, no começo eu pensava... Será que vai ser legal, será que não vai! Mas depois que a gente começou a realizar o projeto, foi bem interessante, acrescentou muito porque adquiri experiência com o rádio, com as entrevistas, com as saídas de campo, com as palestras que a gente também teve, foi bem interessante! (Monitora – Entrevista em, 20/06/2012).

Por outro lado, existia também a preocupação do Auxiliar da sala informatizada com o significado da rádio para os alunos, ao referir que:

Alguns alunos não compreenderam o espaço da rádio na escola. Muitos ainda não entenderam

para que serve, o que eles podem fazer com a rádio. Outros já assimilaram, tem grupo que se envolve bastante, outro a gente tem que correr atrás. A maior parte tem que correr atrás. (Auxiliar da Sala Informatizada – Entrevista em, 15/08/2012).

Tem alguns que agradeceram, mas a gente não sabe até que ponto isso passa para eles. Alguns tem essa consciência muito pouco, uma minoria mas tem. (Auxiliar da Sala Informatizada – Entrevista em, 15/08/2012).

Como a oficina de rádio e as atividades da sala informatizada aconteciam ao mesmo tempo, a monitora e o auxiliar apresentaram várias divergências em algumas informações. Isto foi percebido nos primeiros dias no campo:

Não é rádio então? Não, a rádio tá tendo com a monitora na sala de aula, vou te levar lá, me colocaram no mesmo horário da rádio”. (Auxiliar da Sala Informatizada – Diário de Campo, em 13/06/2012).

[...] eu comecei com eles, a gente estabeleceu alguns pontos, a gente dividiu o papel do produtor, repórter, pesquisador, e aí dentro do grupo eles se organizavam, eu passei [...] o que a gente tava fazendo, eu não sei se ela tá mantendo. (Auxiliar da Sala Informatizada – Entrevista em, 15/08/2012).

[...] a ideia era que saísse no mínimo cinco programas por semana para que sejam tocados na hora do recreio. (Auxiliar da Sala Informatizada – Diário de Campo, em 06/06/2012).

[...] ele disse que não sabia, mas que para ele tudo bem, que o importante era gravar os programas, que o ideal seria que eles fizessem um por semana, cada turma deles fizesse um programa. (Auxiliar da Sala Informatizada – Diário de Campo, em 21/06/2012).

Como não existia um cronograma das atividades desenvolvidas, o tempo limite para a realização era livre:

E você sabe dizer quanto tempo isso vai levar? Não. (Monitora – Diário de Campo, em 13/06/2012).

Para a próxima aula vão trazer o nome do grupo. (Pesquisadora – Durante Entrevista com o Auxiliar da Sala Informatizada, em 15/08/2012).

essa turma aqui ninguém tem grupo ainda, a gente está organizando os grupos ainda, aqui é oficina de rádio, era para ser oficina de informática, mas como a radio não está andando, aí eu tô fazendo rádio com eles também, se quiser acompanhar, eles tão começando agora, eles não tinham nem grupo ainda definido, daí eu organizei agora os grupos. (Auxiliar da Sala Informatizada – Diário de Campo, em 21/06/2012).

A ausência de um planejamento também contribuiu em muito para o estabelecimento de alguns limites a essa pesquisa. Em minha vivência no ambiente escolar, pude perceber como essa questão apresentou consequências muito mais profundas do que a já aparente falta de organização. Isso porque muitos dos próprios alunos da oficina, percebendo o fato, não conferiam o necessário crédito à iniciativa. Outrossim, como as atividades da rádio não obedeciam a um calendário nem a um objetivo específico, a oficina não alcançava a plenitude de seu potencial transformador junto aos alunos, ficando aquém das expectativas de todos os envolvidos.

Outra questão era a não divulgação do projeto da rádio nos outros âmbitos da escola. Em uma das entrevistas realizadas, obtive a seguinte fala, muito significativa quanto à questão de planejamento, organização e envolvimento dos alunos:

De 2008 a 2010 eu sabia quando ia ao ar e os alunos e professores também, pois tínhamos uma programação mais contínua. Também comunicávamos através de cartazes quando a rádio ia ao ar. Os alunos responsáveis pela rádio da semana passavam nas salas pedindo sugestões de músicas e recados. Neste ano, 2012, os programas tocavam nos recreios de surpresa. Os alunos nem prestavam atenção, ao contrário dos

anos anteriores que ficavam ansiosos pelo recreio. (Auxiliar de Ensino G. – Entrevista em 22/06/2012)

Corroborando com essa análise, tem-se os dados obtidos com a aplicação do questionário junto a dezesseis professores/servidores da EBMJAC, realizado em 14/12/2012⁹⁰:

Tabela 4 – Questionário respondido por professores/servidores da EBMJAC, em: 14/12/2012

ENTREVISTADOS	SABEM QUE A ESCOLA TEM RÁDIO	FALTA DIVULGAÇÃO	NÃO SABEM O NOME DA RÁDIO ESCOLA
16	14	07	11

Fonte: Elaboração da autora, 2013.

Pode-se observar que a quase totalidade dos entrevistados tinham ciência da existência da rádio, ainda que um número significativo não soubesse dizer o seu nome. Fica claro também que, conforme já observado, faltava divulgação das atividades da rádio no ambiente escolar, o que contribuía para o seu desconhecimento perante a população de alunos da escola.

Com relação à participação dos professores, nos primeiros dias no campo, percebi que as atividades da oficina de rádio aconteciam sem a intervenção dos professores, que muitas vezes nem tomavam conhecimento do que estava acontecendo. Todo o acompanhamento era feito por uma aluna egressa que estava cursando o último ano do ensino médio. Esta tinha sido contratada para exercer a função de monitora e tinha como suporte e supervisão o auxiliar da Sala Informatizada e a coordenadora do Projeto Mais Educação, respectivamente. Ao perguntar sobre a participação dos professores, a monitora assim se expressou:

Seria bom se eles se envolvessem, aproveitar-se-ia o que eles estão aprendendo em sala e aplicaria na rádio. (Monitora – Diário de campo, em 13/06/2012).

Eu gostaria muito de ver os professores das aulas regulares envolvidos no projeto da rádio, então

⁹⁰ Séries Iniciais, Matemática, Geografia, Português, Educação Física, Inglês, Ciências, Educação Especial, Auxiliar de Ensino, Biblioteca e Secretaria.

acho que essa seria o ápice da utilização da rádio, mas eu não sei quanto tempo, acho que pra esse ano a gente não vai conseguir. (Auxiliar da Sala Informatizada – Entrevista em 15/08/2012).

Percebi na fala dos alunos que, embora eles considerassem a presença da Rádio Escola importante para a EBMJAC, muitos gostariam que ela fosse articulada com a parte pedagógica e melhor divulgada. Outros ainda manifestaram a importância da Rádio para a “*Interação; integração; liberdade dos alunos de expressão; trabalhar oralidade, escrita, interpretação, construção e desconstrução de conceitos que a mídia produz e reproduz*” e ainda “... *estimula os alunos a se envolverem em uma atividade que os auxiliará na leitura, dicção e articulação correta das palavras, além de propiciar as crianças um ambiente de novas descobertas*”. Embora eles reconheçam sua importância, a maioria não participa e nem pretende participar da rádio. Os motivos, quando foram descritos, tratavam da falta de tempo ou do fato de serem ACT’s (Admissão em Caráter Temporário). Acredito que esses motivos não justificam a pouca participação, até porque o reconhecimento do potencial que esta ferramenta pode provocar aparece claramente em suas respostas.

É uma conquista. Para mim, pessoalmente, foi um trabalho de maior valor significativo que deixo para a escola. A rádio é um meio midiático no qual alunos e professores podem realizar o processo de aprendizagem com motivação. (Auxiliar de Ensino G. – Entrevista em 22/06/2012).

Outrossim, perguntei aos alunos da oficina de rádio se os professores da escola deveriam se envolver com a rádio escola, alguns responderam que:

Acho que aprenderíamos mais [...]; Acho que seria bom se eles participassem, principalmente, português, história, ajudaria muito a passar, a história principalmente muito bom, português ajuda a gente a desenvolver o diálogo pra falar direitinho e não fala errado, de maneira que as palavras se encaixam; Eu acho bastante preocupante. Devia ter mesmo. As aulas deviam ser legais para incentivar as crianças; Eu diria

para eles participarem para ajudar nós; Tem certos professores que a gente tem mais afinidade, dão mais confiança assim para a gente. Eles do lado da gente, da mais confiança da gente gravar; Acho que eles deviam estar, tem alguns que tem compromisso e não podem estar, deveriam se envolver mais no assunto; Eu acho que eles deveriam participar, porque é uma coisa boa também pra eles aprenderem; Acho ruim, porque eles estão perdendo muita coisa; Eles podem se envolver, dar ideias, assim para a gente os alunos tem que ter uma relação com os professores. (Alunos – Entrevista realizada de 08 a 12/11/2013).

É visível nessas falas que a maioria desses alunos sabe da importância das aulas serem articuladas com a oficina da rádio, pois, se assim fosse, eles aproveitariam muito mais! As aulas ficariam mais criativas, divertidas e atrativas, e o programa da rádio seria muito mais dinâmico. Além disso, a partir dessa articulação, os alunos sentir-se-iam mais confiantes ao escrever e falar, inclusive promoveria uma aproximação maior entre eles, principalmente para os que não fazem parte deste Projeto, já que muitos não permanecem na escola no horário do contraturno. E mais, provocaria a saída deles da sala de aula para ocuparem efetivamente esse espaço dentro da escola: a Sala da Rádio. Dessa maneira, acredito que a articulação entre as atividades pedagógicas desenvolvidas em sala de aula com as desenvolvidas na oficina de rádio poderia proporcionar um melhor aproveitamento e absorção dos conteúdos. E, desta forma, proporcionaria também um maior comprometimento na elaboração das tarefas desenvolvidas na oficina de rádio, estimulando o senso de responsabilidade, porque, embora esses alunos fossem obrigados a participar da oficina de rádio, não executavam todas as tarefas propostas, prejudicando a meu ver o andamento das atividades que eram desenvolvidas coletivamente em sala. E isto foi visivelmente percebido durante todos os programas (gravados e ao vivo), que tiveram a participação efetiva de apenas um dos grupos⁹¹, que realizou suas tarefas com responsabilidade e afinco. Acredito que isto aconteceu porque os grupos não foram bem orientados sobre a importância de terem em mãos o roteiro do programa. Muitos alunos esqueciam-se de trazer para a oficina de rádio na semana

⁹¹ Floripa FM.

seguinte suas anotações e roteiro, prejudicando a continuidade das tarefas e, conseqüentemente, todo o grupo. E quando o roteiro foi apresentado e explicado aos alunos pelo auxiliar da Sala Informatizada, alguns alunos não prestaram atenção, porém, os interessados fizeram seu registro em cadernos, folhas e tiraram dúvidas, como por exemplo: *o que é vinheta?* (Aluno – Diário de campo, em 21/06/2012).

Valorizem essa oficina, façam com que a rádio caminhe, hoje nós temos até uma pesquisadora aqui na escola, aproveitem essa forma de comunicação, essa ferramenta é da escola, se empenhem um pouco mais, se dediquem. (Auxiliar da Sala Informatizada – Diário de Campo, em 28/06/2012).

Assim é difícil, quem é que vai falar Não precisa ter medo de errar, pode errar. Alguns diziam: *Eu não quero falar.* (Auxiliar da Sala Informatizada – Diário de Campo, em 04/07/2012).

Por último, o não saber mexer nos equipamentos da rádio como, por exemplo, o gravador de voz e editor de áudio *Audacity*, retardava o processo de gravação e conseqüentemente de edição dos programas. E a ausência frequente⁹² do auxiliar da Sala Informatizada impedia não só a realização de pesquisa dos conteúdos na *Internet*, mas a captação e *Downloads* de músicas, já que o auxiliar era o único que possuía treinamento para tal. Por outro lado, percebia o esforço da monitora em estar ensinando e inovando sua prática a partir do desinteresse de alguns alunos, sua vontade de ensinar era visível, o que tornava aparente sua paciência e perseverança quando dialogava com os alunos. É importante ressaltar que hoje a sociedade vive em função das mídias eletrônicas, e é cada vez mais emergente que a escola tenha pessoal qualificado, preparado para atuar junto aos alunos, contribuindo para formar cidadãos críticos, criativos e reflexivos e que saibam ler e compreender a linguagem das mídias (FANTIN, 2006).

Nunca tinha trabalho com a rádio antes. Quando fiz o curso do NTM sobre rádio, eu já sabia que ia ter a radio, que ia ser o responsável, porque Já estava previsto, pois já tinha rádio antes da minha vinda. Eu tinha vontade. É bem recente, ainda tô

⁹² Substituição de professores faltantes.

aprendendo. É um dos pontos principais da minha estadia aqui na escola. Agora que a rádio voltou a funcionar, pois ela ficou um tempo sem funcionar. Já tinha conhecimento sobre a existência da rádio.” (Auxiliar da Sala Informatizada – Entrevista em 15/08/2012).

Tem um controle que faço semanalmente, os professores que querem tem que solicitar. Existe um papel grudado na porta para controle. (uso da sala informatizada) no horário da S. raramente usava o laboratório de informática porque tinha muito alunos. (Auxiliar da Sala Informatizada – Entrevista em 15/08/2012).

[...] conhecer o que cada um gosta e gostaria de estar abordando e aprendendo na oficina, isso possibilitaria adaptar os conteúdos ao gosto deles [...] – Monitora (Diário de campo, em 13/06/2012).

[...] a ideia é que eles mesmos consigam editar, eu gostaria muito que cada turma tivesse um que conseguisse editar, mas não sei se a gente vai conseguir fazer isso, eu tenho duas pessoas que conseguem editar e por enquanto tá dando certo, não sobrecarrega, a gente usa o Audacity, é bem simples de fazer isso, no momento que tu grava numa vez só, tu só corta alguns erros, e coloca as músicas então em vinte minutos você consegue fazer essa edição, ele faz no horário do Mais Educação, no período das aulas de informática por exemplo, ele usou, enquanto outras estão fazendo pesquisa ele tá editando, mas com certeza a ideia é que outras pessoas consigam, até para não deixar ele fazendo só isso, para não se tornar uma coisa repetitiva e que ele não vai aproveitar mais nada e na falta dele não tem outra pessoa que faça, no pior das hipóteses eu edito também, as músicas eles que escolhem durante a pauta durante a pauta que eles estão montando, a escolha é toda deles. (Auxiliar da Sala Informatizada – Entrevista em, 15/08/2012).

Nunca tinha trabalho com a rádio antes. Quando fiz o curso do NTM sobre rádio, eu já sabia que ia ter a radio, que ia ser o responsável, porque já estava previsto, pois já tinha rádio antes da minha vinda. Eu tinha vontade. [...] É um dos pontos principais da minha estadia aqui na escola. Agora que a rádio voltou a funcionar, pois ela ficou um tempo sem funcionar. Já tinha conhecimento sobre a existência da radio. (Auxiliar da Sala Informatizada – Entrevista em 14/08/2012).

[...] havia até os que pediam auxílio para a monitora e para o auxiliar, pois muitos computadores reiniciavam o sistema. (Pesquisadora – Diário de Campo, em 20/06/2012).

[...] são poucos computadores que tem na sala informatizada, muitas vezes apresentam problemas, são na maioria usados por dois alunos, [...] os alunos não têm desenvolvimento avançado na internet, são usuários limitantes que não têm a prática com computadores, precisam aprender fazendo com alguém do lado, porque não conseguem entender as instruções que são passadas oralmente e todos os computadores vieram com o Linux Educacional instalado, o que torna lento a finalização das atividades. (Auxiliar da Sala Informatizada – Diário de Campo, em 06/06/2012).

A gente não tinha uma estrutura boa, não tinha uma sala de rádio, não tinha microfone adequado, a gente usava só mesmo um microfone normal básico, e a gente só tinha um computador.

5.3.2 Possibilidades

Percebendo essas limitações, comecei a me dar conta de que se quisesse efetivamente contribuir com a oficina de rádio e com seu potencial transformador junto à escola e aos alunos, eu deveria abandonar minha postura de pesquisadora-observadora e adotar uma

perspectiva mais interventora. Assim, comecei a refletir a respeito do que poderia sugerir e acrescentar em conhecimento.

Durante a exibição de um vídeo sobre Radionovela, percebi como os alunos ficaram encantados e curiosos com a história da rádio e de como eram feitos os programas na época:

Ah profe o que é radionovela? (Aluno – Diário de Campo, em 20/06/2012).

Que engraçado, olha como eles faziam. (Aluno – Diário de Campo, em 20/06/2012).

Eles estão imitando o barulho de uma fazenda. [...] Que legal. Eles passavam isso aonde? O cara tá metendo um papelzinho e tá saindo um som. [...] nem imaginava que era assim. [...] Nem sabia que existia novela no rádio, parecia que era uma TV. (Alguns Alunos – Diário de Campo, em 21/06/2012).

Agora eles estão cheios de ideias. (Monitora – Diário de Campo, em 20/06/2012).

[...] a gente começou o que cada um queria ser na radionovela. (Monitora – Fragmentos do Diário de Campo, em 27/06/2012).

Achei bem legal o jeito que eles faziam para fazer o som; hoje as coisas são prontas né; Achei muita criatividade; A gente vai gravar assim também?; A gente pode falar sobre música também? (Aluno – Diário de Campo, em 27/06/2012).

Percebi também que de um modo geral, a grande maioria dos alunos participantes da oficina não sabia da existência de rádios não-comerciais. Sendo assim, com o apoio da coordenadora e demais envolvidos com a rádio escola, propus um plano de atividades que denominei *Vivências no Campo*, que contemplasse esse tema. Por acreditar que isso poderia enriquecê-los culturalmente e motivá-los a participar mais ativamente das oficinas de rádio, dediquei-me a planejar experiências vivas do que seria uma rádio, ao invés de simplesmente abordar teoricamente as diversas tipologias, como: rádio *web*, rádio comunitária, rádio livre e rádio educativa. Deste modo, agendei via e-mail e telefone as visitas a campo e as palestras com profissionais da área radiofônica, preferencialmente. Também exibí filmes, vídeos e documentários. Na tabela 5 a seguir, tem-se uma síntese de como essas vivências aconteceram.

Tabela 5 – Cronograma das vivências no campo

DATA	VIVÊNCIAS NO CAMPO	OBJETIVO PRINCIPAL
31/08 – 6ª f.	Visita à rádio comunitária do Campeche	Aprender qual o significado de uma rádio comunitária para a comunidade
28/09 – 6ª f.	Palestra Dona Passa (Aula-Espetáculo)	Aprender sobre criatividade, imaginação e improvisação
03/10 – 4ª f.	Visita às instalações da RBS TV (Atlântida FM e CBN diário)	Aprender a diferença entre uma rádio AM e FM
19/10 – 6ª f.	Palestra com Héilton Luiz sobre Rádio Web e sua história de vida	Aprender o que é uma rádio WEB
23 e 24/10 – 3ª e 4ª f.	Exibição do filme “Uma Onda no Ar” – Fonte: <i>Youtube</i>	Mostrar o processo de construção de uma rádio na favela
26/10 – 6ª f.	Palestra de Paulo/UDESC sobre Rádio Educativa com uma breve exposição sobre a história do Rádio	Aprender o que é uma rádio Educativa
06 e 7/11 – 3ª e 4ª f.	Exibição do documentário Intervezes – Levante sua voz (parte 1) – Fonte: <i>Youtube</i> ; Palestra de Leandro sobre Rádio Livre; Vídeo da rádio MDP,	Mostrar a importância da comunicação e liberdade de expressão; Aprender o que é uma rádio Livre; Saber como foi o processo de criação da rádio MDP
08/11 – 5ª f.	Complemento à palestra do dia 26/10 sobre a História do Rádio no Brasil – Fonte: <i>Youtube</i>	Mostrar de forma ilustrativa a história do rádio no Brasil
28/11 – 4ª f.	Vídeos O que é Mídia; Complemento à palestra do dia 26/10 sobre a História do Rádio no Brasil – Fonte: <i>Youtube</i>	Mostrar de forma ilustrativa o que é mídia; Mostrar de forma ilustrativa a História do rádio no Brasil
05/12 – 4ª f.	Visita à Rádio Escola Onda Jovem da Escola Dilma Lúcia dos Santos, no bairro da Armação do Pântano do Sul	Troca de experiência entre as rádios MDP e Onda Jovem

Fonte: Elaboração da autora, 2013.

Para as saídas a campo, a direção da escola sempre realizava uma pré-seleção antes de entregar a autorização para os pais assinarem, porque o número de alunos da oficina de rádio era superior ao número de vagas no transporte fretado pela escola, o critério adotado foi à participação nesta oficina. Existia um grupo de seis alunos que não participava dessas saídas externas à escola por motivos religiosos. Abaixo, relaciono as vivências no campo com os números de participantes:

Tabela 6 – Quantidade de alunos que participaram das vivências no campo

VIVÊNCIAS NO CAMPO	PARTICIPANTES
Visita à rádio comunitária do Campeche	24
Palestra Dona Passa (aula-Espectáculo)	28
Visita às instalações da RBS TV (Atlântida FM e CBN diário)	26
Palestra com Héltton Luiz sobre Rádio <i>Web</i> e sua história de vida	28
Exibição do filme “Uma Onda no Ar” – Fonte: <i>Youtube</i>	28
Palestra de Paulo/UDESC sobre Rádio Educativa com uma breve exposição sobre a história do Rádio	16
Exibição do documentário <i>Intervozes – Levante sua voz</i> (parte 1) – Fonte: <i>Youtube</i> ; Palestra de Leandro Brazuna sobre Rádio Livre; Vídeo da rádio MDP	26
Complemento à palestra do dia 26/10 sobre a História do Rádio – Fonte: <i>Youtube</i>	18
Vídeos O que é Mídia e História do rádio no Brasil – Fonte: <i>Youtube</i>	28
Visita à Rádio Onda Jovem da Escola Dilma Lúcia dos Santos, no bairro da Armação do Pântano do Sul	12

Fonte: Elaboração da autora, 2013.

Em algumas das vivências de campo contamos com um expressivo número de participantes, qual seja, 28 alunos. Como já mencionado anteriormente, fatores como os diferentes horários das

diferentes turmas que faziam parte da oficina de rádio contribuíam para a participação ou não dos alunos nas atividades daquele dia, por isso em algumas vivências pudemos contar com mais presenças e em outras com menos. A última vivência de campo foi a visita à Rádio Onda Jovem da Escola Dilma Lúcia dos Santos, onde foram distribuídos 20 autorizações na semana anterior ao encerramento das atividades da oficina de rádio, mas apenas 12 alunos compareceram.

Antes de realizar as saídas de campo e palestras na escola, apliquei questionário com os alunos para saber quais eram seus desejos e dúvidas a respeito do assunto e também porque serviria de referencial para o palestrante abordar seu conteúdo. E no retorno, aplicava outro para saber o que eles haviam aprendido sobre o assunto. Veja na tabela 7 a seguir, a quantidade de alunos que responderam estes questionários.

Tabela 7 – Questionário aplicado aos alunos antes/depois das vivências no campo

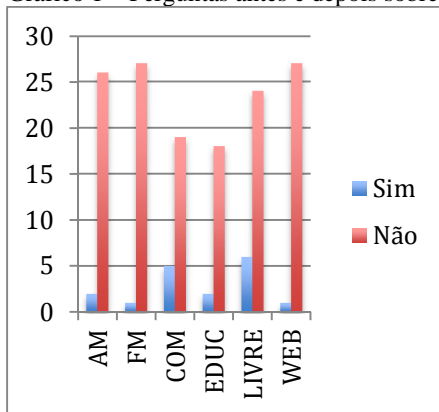
TIPO	QUANTIDADE DE QUESTIONÁRIOS APLICADOS	
Comercial	Antes	26
	Depois	12
Comunitária	Antes	24
	Depois	17
Educativa	Antes	19
	Depois	07
Livre	Antes	30
	Depois	12
Web	Antes	28
	Depois	20

Fonte: Elaboração da autora, 2013.

Conforme os dados constantes na tabela 7, o número total de questionários respondidos foi de 195. Desse total, observa-se uma superioridade de respostas nos questionários aplicados antes das vivências no campo, que perfazem um total de 127 contra 68 questionários aplicados após as vivências. Uma das possíveis razões dessa discrepância é a de que muitos alunos não compareciam regularmente a todas as aulas da oficina de rádio. Além desse fator, a oficina de rádio possuía diferentes turmas, com diferentes dias de atividades semanais que nem sempre eram compatíveis com as visitas, o que também dificultava a participação de todos os alunos participantes nas vivências de campo.

Na sequência, apresento o gráfico 1, referente às respostas dos alunos, aplicadas *antes* das palestras e saídas no campo. O gráfico diz respeito às seguintes perguntas: Você sabe o que é uma rádio AM?; Você sabe o que é uma rádio FM?; Você sabe o que é uma rádio Comunitária?; Você sabe o que é uma rádio educativa?; Você sabe o que é uma rádio livre? E você sabe o que é uma rádio *web*?

Gráfico 1 – Perguntas antes e depois sobre as tipologias de rádio



Fonte: Elaborado pela pesquisadora com base nos dados obtidos das entrevistas aplicadas aos alunos *antes* das Visitas às instalações da RBS TV, à Rádio Comunitária do Campeche e das Palestras sobre Rádio Educativa, Livre e *Web*.

Conforme leitura do gráfico apresentado acima, observa-se que quando perguntados, a grande maioria dos alunos da oficina de rádio desconhecia as diferentes tipologias existentes de rádios não-comerciais, comprovando a falta de conhecimento em torno dessa mídia. Por conseguinte, a partir das respostas obtidas no questionário **de retorno**, percebi que o objetivo principal proposto às vivências mencionadas na tabela 5 foi alcançado.

A pesquisa propiciou certa mudança na participação dos alunos que passaram a desenvolver maior interesse e entusiasmo. Perceberam na oficina a possibilidade de desenvolver um campo de criação e expressão. Por vezes, os alunos eram incentivados e encorajados a participar ativamente da oficina de rádio, deixando de lado medos e receios. Os conteúdos elaborados eram supervisionados e seus erros quando percebidos, eram corrigidos pela Monitora e/ou Auxiliar da Sala Informatizada.

A ideia é que vocês façam, é critério de vocês; vocês decidem; tem que partir de vocês a ideia do tema. (Auxiliar da Sala Informatizada – Diário de Campo, em 21/06/2012).

Vocês têm que falar todas as palavras no mesmo nível, vamos de novo desde o início, não tem problema de errar. Agora vamos gravar tudo de novo? Agora com calma, agora vocês já sabem o texto. A gente vai cortar todos os erros depois. Agora vocês têm que encerrar o programa. Vamos gravar a música e a piada agora. Tá faltando entonação e pontuação. (Auxiliar da Sala Informatizada – Diário de Campo, em 04/07/2012).

Posso fazer sobre não fumar?; O professor vê se tá bom [...]. (Alunos – Diário de Campo, em 04/07/2012).

Eles ficam com a pauta eles fazem a pauta e essa pauta é trazida no dia que vai ser gravado o programa, por fim a gente acaba ficando só com o programa gravado como registro, mas é feita a análise da pauta quando eles trazem, quando vai ser feita a gravação. (Auxiliar da Sala Informatizada – Entrevista em 15/08/2012).

E também procuro sempre tá inovando né, pra não cair na mesma coisa. Eu realizo pesquisa na Internet. As aulas são de acordo com o desejo deles, por isso fiz um questionário pra ver o que trabalhar na rádio. Eu realizei um questionário com os alunos perguntando o que eles gostavam na rádio e o que eles não gostavam. Porque justamente o que eles não gostavam a gente ia estar tentando mudar, pra se tornar atrativo para os alunos e não uma coisa obrigatória. (Monitora – Entrevista em 20/06/2012).

São temas que interessam eles. (Auxiliar da Sala Informatizada – Entrevista em 15/08/2012).

Quanto à participação dos alunos da Educação Infantil e Séries Iniciais na rádio, ao serem entrevistados, demonstraram um grande interesse em participar da rádio escola. Alguns alunos disseram que:

A gente já ouviu, mas não achava que aquela música que tocava era rádio! e Legal, Top10, Muito irado, adorei a ideia, ótima, demais, divertida. (Alunos da Educação Infantil e Séries Iniciais – Entrevista em 21/11/2012).

Ao perguntar o que haviam escutado na rádio, responderam:

Luan Santana, Justin Biber, xuxaxaxa, empreguetes, música. (Alunos da Educação Infantil e Séries Iniciais – Entrevista em 21/11/2012).

Ao perguntar a vinte e dois alunos da educação infantil (G5 e G6) e cento e dois (102) das séries iniciais (1º ao 4º ano) se, eles sabiam que a escola tem rádio, dez (10) alunos da educação infantil e setenta e oito (78) alunos das séries iniciais, responderam que *sim*, mas *ninguém sabia o nome da rádio escola*, caracterizando a falta de divulgação. Veja a tabela 8 abaixo:

Tabela 8: Entrevista realizada com os alunos da educação infantil e séries iniciais em 21/11/2012.

Educação Infantil	Presentes	Sabem que a escola tem rádio	Não sabem o nome da rádio
G5 e G6	22	10	22
Total	22	10	22
Séries Iniciais	Presentes	Sabem que a escola tem rádio	Não sabem o nome da rádio
1ª ano	23	19	23
2º ano	25	16	25
3º ano	28	22	28
4º ano	26	21	26
Total	102	78	102

Fonte: Elaboração da autora, 2013.

Tabela 9: Entrevista realizada com os alunos da educação infantil e séries iniciais em, 21/11/2012.

Educação Infantil	Presentes	Quem gosta de ter rádio na escola	Quem já visitou a rádio
G5 e G6	22	15	02
Total	22	15	02
Séries Iniciais	Presentes	Quem gosta de ter rádio na escola	Quem já visitou a rádio
1ª ano	23	23	07
2º ano	25	25	00
3º ano	28	27	04
4º ano	26	26	03
Total	102	101	14

Fonte: Elaboração da autora, 2013.

Dos cento e dois (102) alunos entrevistados, apenas catorze (14) alunos visitaram a rádio. Todos os alunos disseram que têm vontade de conhecer a rádio. E, ainda, dezesseis (16) alunos da educação infantil referiram que gostariam de participar da rádio e noventa e cinco (95) das séries iniciais também. As atividades seriam:

Colocando as músicas, ajudando a escolher as músicas, ajudando nas notícias, cantar, dar notícias, cantar. (Alunos da Educação Infantil e Séries Iniciais – Entrevista em 21/11/2012).

A organização e definição do nome dos grupos foram realizadas pelos próprios alunos da oficina de rádio que elaboraram ainda, uma caixinha de sugestão de músicas disponibilizadas para a comunidade escolar nas dependências da EBMJAC.

Na tabela 10, a seguir, tem-se o nome dos grupos divididos por turmas, apresentando uma síntese dos programas ocorridos ao vivo na oficina de rádio.

Tabela 10 – Grupos da Rádio MDP

TURMA	GRUPOS	MEMBROS	APRESENTAÇÃO	DATA(S)
1	Americano	4	Não	-
1	Guerreiros	2	Não	-
1	<i>High School</i> (<i>Directioners</i>)	5	Não	-
1	Floripa FM	5	Sim	20, 24, 25, 26 e 27/09

2	Rádio Recreio	9	Não	20/09
3	Jovem Guarda	5	Sim	13 e 20/09
3	Perdidos na Itália	6	Sim	12/09
3	Galera da Hora (Viajando pela Rússia)	4	Não	-
3	Estudantes Culturais	3	Sim	19/09
4	<i>Cone Cuiw</i>	8	Não	-
5	<i>Massacrew</i> (Fala Sério)	4	Não	-
5	Amigos do Som	4	Não	-
5	<i>Neguebas</i>	4	Não	-
5	Branquinho Básico	5	Não	-
5	<i>É Nôix</i>	2	Não	-
5	<i>Champions</i>	3	Não	-
5	<i>Sheíta</i>	3	Não	-
TOTAL		76	04	-

Fonte: Elaboração da autora, 2013.

Na tabela 10, o grupo que mais apresentou programas ao vivo na rádio foi o Floripa FM.

Minhas expectativas quanto à realização desta pesquisa ultrapassaram todas as perspectivas e planejamentos que eu havia feito de início. A busca por conhecer o ambiente escolar pautado pela utilização da mídia foi enriquecida com o conhecer do ser humano, com a descoberta, de minha parte, das potencialidades e do trabalho com os alunos. O conhecimento teórico adquirido com a pesquisa, a ida a campo, a convivência com os alunos e com a realidade deles me transformou. Fiquei encantada e maravilhada com a experiência.

As conversas constantes com os alunos e as entrevistas com os envolvidos na oficina também possibilitaram que tivéssemos uma maior aproximação e reflexão. Compartilhamos dúvidas, desejos, anseios e transformações. Do desconforto inicial que minha presença causava, passamos a uma relação de troca e confiança. Minha presença passou a dar um novo sentido à oficina de rádio, o que também gerou um novo sentido para a pesquisa e para mim como pesquisadora. Fui desterritorializada. Assim como os alunos!

Meu objetivo acadêmico foi sempre o de analisar a experiência da Rádio MDP associando os conceitos de Félix Guattari e Gilles Deleuze sobre micropolítica do desejo e agenciamento coletivo de desejo, tomados como hipóteses teóricas ou dispositivos do trabalho. No entanto, logo percebi que o uso dessa mídia na escola estava aquém de suas possibilidades e que se eu quisesse realmente atingir esses objetivos e fazer com que isto tivesse algum significado para os alunos, deveria abandonar meu papel de pesquisadora-observadora e adotar uma postura participante, em que pudesse aliar a experiência e a prática dos alunos, com os conhecimentos adquiridos na academia. Essa mudança, esse deslocamento, era necessário à realidade ali presente. Ao refletir acerca do papel da escola e do professor, do ensino como um todo, não pude deixar de agir de outra forma. Não podia ficar alheia, estranha aos resultados e atividades. Fui provocada e reagi provocando.

Assim, considerando o potencial dessa mídia e tendo em vista o trabalho teórico já realizado por mim quanto à história da rádio e suas tipologias não comerciais, aspectos desenvolvidos respectivamente nos capítulos II e III desta pesquisa, procurei proporcionar aos alunos um conhecimento básico acerca dessa mídia, algo que lhes permitisse avançar, fortalecendo sua experiência, e oportunizando, quem sabe, uma possível ressignificação da mídia rádio e de seu potencial.

Por isso, não medi esforços na organização das atividades desenvolvidas nas vivências de campo. Participei de cursos e palestras sobre o tema, li inúmeros materiais informativos, elaborei um cronograma de atividades que contemplasse as entrevistas, palestras, mostra de vídeos, visitas. Estava totalmente entregue à pesquisa e a minha vontade se via limitada apenas por questões fora de meu alcance, como a disponibilidade de horários da oficina de rádio e do calendário da escola, assim como questões de agenda dos profissionais e das rádios que iriam ser visitadas. O domínio mínimo das ferramentas necessárias para a realização dos programas de rádio também foi um limite com o qual me deparei, este meu desconhecimento acabou retardando o desenvolvimento dos alunos e da pesquisa.

As vivências de campo nos aproximaram, transformando nossas relações uns com os outros. Compartilhamos momentos e histórias. Transformei-me em uma referência, assim como eles se tornaram referência para mim. Aprendemos e ensinamos. Foram momentos de alegria e de riso, permeados por um sentimento de pertencimento, de confiança. Isso se mostra gratificante, pois apesar de a rádio ter sido uma iniciativa que vinha da direção, de cima para baixo como uma forma de rádio escolarizada e de significar, para alguns, uma obrigação,

ela se transformou em prazer, e, ao mesmo tempo, responsabilidade com o grupo, pois as atividades dependiam da participação de cada um deles.

Assim, mesmo com a constatação inicial de falta de planejamento e objetivos e da carência de desejos coletivos, percebi que existiam fluxos de desejo que atravessavam os alunos, que eles queriam algo e esse desejo não estava sendo bem aproveitado e direcionado. Portanto, busquei motivar uma alteração de valores. De desejos dispersos e diversos, que eram individuais e não coletivos, passamos à ideia de um projeto comum, compartilhado, construído por todos nós. A educação passiva deu lugar a uma educação ativa, onde os alunos assumiam um papel de protagonista, criativo, unindo mente, corpo e emoção. Acredito que por saberem que não representava a figura de uma professora tradicional, os alunos passaram a se sentir mais a vontade com minha presença, em uma relação de respeito mútuo e de igualdade. Eu era vista como uma facilitadora. Não havia desconforto. Pelo contrário, os alunos não se importavam em ser filmados, fotografados e entrevistados. Era uma troca! Da mesma forma como eu havia colaborado com eles, eles queriam colaborar comigo. Nossas atividades eram recheadas de risos, conversas e brincadeiras, o que por si só revela um sentimento de conforto e satisfação com o que estávamos fazendo, dando origem a uma mistura impura, híbrida, onde se confundiu desejo e o prazer.

Por isso, considero que as vivências no campo foram fundamentais para esta pesquisa. Meu papel de motivadora, incentivadora, transformou e produziu valor à experiência, a qual passou a ter um sentido. O que antes eles achavam sem graça, a partir de nossa presença eles passaram a valorizar, além de termos conseguido proporcionar aos alunos um maior desenvolvimento quanto à fala, à escrita, ao trabalho em equipe, à autonomia e ao autodidatismo, contrastando com o primeiro dia em que fui apresentada aos alunos. Eu estava nervosa e não sabia o que esperar, nem como os alunos reagiriam. Lembro-me que um deles me indagou se iria ajudá-los com a rádio. (Aluno – *Diário de Campo*, em 13/06/2012).

Finalizo essa pesquisa com o sentimento de dever cumprido, de uma resposta afirmativa a essa pergunta. Também é difícil expressar em palavras tudo o que vivi, pensei e senti. No final de tudo, o que conta, é a certeza de ter contribuído para o desenvolvimento intelectual e humano daqueles alunos; de ter feito meu papel social. De fato, apenas reguei uma planta que já estava plantada.

Há muito ainda a ser feito. Como sugestão de trabalhos futuros deixo algumas falas dos próprios alunos, tal como eles entenderam o acontecimento:

Acho preocupante os professores não se envolverem com a rádio escola, eles deveriam ser legais e incentivar as crianças, acho que dá pra ser mais organizado. Alguns alunos ficam mexendo no que não é pra fazer, os professores têm que supervisionar melhor para ver o que os alunos estão fazendo, mais passeios, ter convidados pequenos (mais novos), ter mais filmes, que seria legal se a gente começasse a gravar na comunidade, sair da escola, entrevistar o pessoal da comunidade, melhorar o áudio, fazer rádio teatro, arrumar as caixas de som, colocar espumas aqui na porta. (Alunos – Entrevista em 08 a 12/11/2012).

6 CONSIDERAÇÕES (SEMI)FINAIS

Mas afinal de contas, como fica a experiência da Rádio MDP tendo em vista o pensamento de Deleuze e Guattari? De uma maneira geral, se tomarmos a definição de uma micropolítica associada ao desejo, conforme propõe Félix Guattari e Gilles Deleuze, pode-se considerar que a experiência de Rádio Escola MDP apenas tangencia a essência do conceito. Isso porque

A questão micropolítica – ou seja, a questão de uma análise das formações do desejo no campo social – diz respeito ao modo como o nível das diferenças sociais mais amplas (que chamei de ‘molar’) se cruza com aquele que chamei de ‘molecular’. Entre esses dois níveis, não há uma oposição distintiva, que dependa de um princípio lógico de contradição. Parece difícil, mas é preciso simplesmente mudar de lógica. Na física quântica, por exemplo, foi necessário que um dia os físicos admitissem que a matéria é corpuscular e ondulatória, ao mesmo tempo. Da mesma forma, as lutas sociais são, ao mesmo tempo, molares e moleculares (GUATTARI; ROLNIK, 2008, p. 149).

Nesse sentido, como podemos observar no relato das falas dos participantes, o que aconteceu na Rádio MDP pode ser considerado como um evento molecular, à medida que se trata de um movimento sem pretensões de efetuar uma reforma molar na sociedade, tampouco segue uma lógica caracterizada pelo controle desde um *télos* central regulador. Por outro lado, uma “formação do desejo no campo social” parece ter sido bloqueada justamente por uma condição de controle no próprio campo molecular. Vale lembrar, o direcionamento propositivo realizado pelas instâncias administrativas, a direção e os professores, sem que os alunos assumissem um papel primário de sujeitos da enunciação. De fato, muitas vezes ficou caracterizada uma situação em que eles seriam antes sujeitos da reprodução. Além disto, observamos que a ordem curricular da escola acabou funcionando como uma máquina de captura da experiência midiática com o rádio ao incorporar a atividade como extraclasse justamente vinculada à classe, servindo

como preenchimento de carga horária no contraturno dentro de um projeto amplo chamado de *Mais Educação*.

Portanto, como pensar aqui numa formação de desejo mediante esta incorporação e mediante os parâmetros “dever” e “ter que”? Assim, a ideia dos pensadores da diferença de uma revolução molecular que investe no papel político do acesso aos meios de produção, no caso, uma rádio alternativa, ou seja, uso do rádio como instrumento de transformação social dentro de um plano de expressão do sujeito, é também apenas tangencialmente alcançado. Podemos exemplificar com a demanda dos alunos em terem treinamento para operar e produzir com as máquinas tecnológicas diante da carência da escola em suprir tal demanda.

Chegamos, assim, ao segundo conceito que orienta esse trabalho, isto é, o agenciamento do desejo. Vemos que

É do campo do desejo. Mas um desejo é isso, é construir. Ora, cada um de nós passa seu tempo construindo, cada vez que alguém diz: desejo isso, quer dizer que ele está construindo um agenciamento, nada mais, o desejo não é nada mais⁹³.

“Significa isso, o desejo se estabelece sempre, constrói agenciamentos, se estabelece em agenciamentos, põe sempre em jogo vários fatores.”⁹⁴ “Um agenciamento remeta a estados de coisas, que cada um encontre estados de coisas que lhe convenha.” “Um agenciamento tem quatro dimensões: estados de coisas, enunciações, territórios, movimentos de desterritorialização. E é aí que o desejo corre...”⁹⁵.

Confrontando tais ideias que configuram o agenciamento coletivo de desejo, vemos que, quanto ao aspecto construtivo, não resta dúvidas que a experiência que observamos constitui um agenciamento, contudo parece que o papel dos alunos ainda é demasiadamente passivo dentro de um espectro criativo circunscrito a determinadas propostas

⁹³ Abecedário de Deleuze, p. 19. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2012.

⁹⁴ Abecedário de Deleuze, p. 20. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2012.

⁹⁵ Abecedário de Deleuze, p. 22. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>>.

pedagógicas, fazendo com que esta experiência seja muito parcial em relação à estrutura proposta de Deleuze. Vale a pena sempre lembrar as poucas possibilidades de desterritorialização encontradas.

Conclui-se que a experiência possui uma apresentação híbrida, precisamente pelas fronteiras com que se depara. Contudo, fica evidente o potencial da rádio escola dentro de um processo de rádios livres, particularmente em relação ao desenvolvimento de um sujeito de expressão que pensa as forças que o circundam. Não foram poucas as linhas de fuga que se abriram para aqueles jovens que se defrontaram, por um lado, com uma contingência institucional (a proposta pedagógica da escola), e, por outro, com as linhas de fuga construtivas que marcam uma experiência do desejo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Carolina; MAGNONI, Antônio Francisco. Rádio e internet: recursos proporcionados pela *web* ao radiojornalismo. *In*: MAGNONI, Antônio F.; CARVALHO, Juliano Maurício de (Orgs). **O novo rádio**: cenários da radiodifusão na era digital. São Paulo: Editora Senac, 2010. P. 273-290.

ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. **Radio escola**: uma proposta para o ensino de primeiro grau. São Paulo: Annablume, 1999.

AZOR, Gislene Natera. **Música nos anos iniciais do ensino fundamental**: perspectivas para os trabalhos em parceria na rede municipal de Florianópolis.
<<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20102741001010015P7>>. Acesso em: 14 dez. 2011.

BALTAR, Marcos *et al.* **Rádio Escolar**: letramentos e gêneros textuais. Caxias do Sul: Educs, 2009.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com Texto, Imagem e Som**: um manual prático. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 519 p.

BIANCO, Nélia R. Del. A presença do rádio jornalismo na internet – um estudo de caso sobre os sites da Jovem Pan e da Bandeirantes. *In*: **Estudos em Jornalismo e Mídia**. 1. ed. Florianópolis: Insular, 2004, v.1, n. 1, p. 20-32.

BIEGING, Patricia. **Da busca de popularidade às práticas de Bullying**: crianças e produção de sentidos a partir de artefatos midiáticos.
<<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20114841001010015P7>>. Acesso em: 13 dez. 2011.

BLÓIS, Marlene M. Rádio Educativo: uma escola de vida e de cidadania. *In*: FILHO, Barbosa *et al.* (Org.) **Rádio**: sintonia do futuro. 1. Ed. São Paulo: Paulinas Editora, 2004. V. 1. P. 147-176.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Trad.: Maria João Alvarez; Sara Bahia dos Santos; Telmo Mourinho Baptista. Porto Editora, 1994. (Coleção ciências da Educação)

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp. 20-28.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CABRAL FILHO, Adilson Vaz; CABRAL, Eula Dantas Taveira. Que onda é essa? Por uma política de radiodifusão que se pretenda democrática no Brasil. In: BARBOSA FILHO, André *et al* (Org.) **Rádio**: sintonia do futuro. São Paulo: Paulinas Editora, 2004. V. 1. p. 177-200.

CALABRE, Lia. **A era do rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2002.

CANCLINI, Néstor Garcia. Prefácio de Néstor Garcia Canclini. In: MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia/Jesús Martín-Barbero. Trad.: Ronald Polito; Sérgio Alcides. 6. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

CASTRO, Márcia Prado. **O Projeto Minerva e o desafio de ensinar matemática via rádio**. Tese de Mestrado apresentada à Universidade de São Paulo (USP). São Paulo: USP, 2007. Documento eletrônico. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/edmat/mp/dissertacao_marcia_prado_castro.pdf>. Acesso em: 30 out. 2011.

CÉsar, Cyro. **Rádio**: A mídia da emoção. São Paulo: Summus, 2005.

CHAVES, Glenda Rose Gonçalves. **A Radionovela no Brasil**: um estudo de Odette Machado Alamy (1913-1999). Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

COMASSETTO, Ramires Leandro. **A Voz da Aldeia** – o rádio local e o comportamento da informação na nova ordem global. Florianópolis: Insular, 2007.

CORDÃO, Francisco Aparecido. A educação profissional no Brasil. *In*: Barbosa Filho *et al* (Orgs.). **Rádio: sintonia do futuro**. São Paulo: Paulinas Editora, 2004. V. 1. P. 223-236.

CUNHA, Máгда. O tempo do radiojornalismo: a reflexão em um contexto digital. *In*: **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis: Insular, 2004, v.1, n. 1, p. 10-19.

DELEUZE, Gilles. Abecedário de Deleuze. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuz+e.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2012. (Transcrição integral do vídeo).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. 2. Ed. Trad.: Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DETONI, Márcia. Rádios comunitárias: Revolução no Ar. *In*: FILHO, Barbosa *et al* (Orgs.). **Rádio: sintonia do futuro**. 1. Ed. São Paulo: Paulinas Editora, 2004. V. 1. P. 277-287.

Dicionário Oxford escolar: para estudantes brasileiros de inglês: português-inglês, inglês-português. 3. Ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.

DOSSE, François. **Guilles Deleuze e Félix Guattari**: biografia cruzada. François Dosse: Trad.: Fatima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Documentário História do rádio no Brasil. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=_cIQa01Gwwc>. Acesso em: 12 jan. 2012.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação**: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: O veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

_____. Roquette-Pinto e o ensino pelo rádio. *In*: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (Orgs.). **Teorias do rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2008. V. 2. P. 27-35.

_____. O rádio e as formas do seu uso no início do século XXI: uma abordagem histórica. In: MAGNONI, Antônio Francisco; CARVALHO, Juliano Maurício de (Orgs). **O novo rádio rádio**: cenários da radiodifusão na era digital. São Paulo: Editora Senac, 2010. P. 19-53.

FRANCO, Maristela de Oliveira. **O Papel Educativo das Rádios Comunitárias**: a vez da comunidade. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=2009642016010001P9>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

FRANK, Jarsom Elberto. **Vozes do Pântano**: estudo sobre a presença e as possibilidades do rádio no Pântano do Sul, na perspectiva do sujeito-receptor. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20047274100100015P7>>. Acesso em: 11 dez. 2011.

GHEDINI, Fred. **Nas ondas sonoras da comunidade**: A luta pelas rádios comunitárias no Brasil. 2. Ed. São Paulo: Editora Gaia, 2009.

GIRARDELLO, Gilka E. P. A voz quente do coração do rádio. In: PRIETO, Benita (Org.). Contadores de histórias: um exercício para muitas vozes. 1 ed. Rio de Janeiro: Prieto Produções Artísticas, 2011. P. 73-76. Disponível em: <http://issuu.com/prietoproducoes/docs/00livro_contadoresdehistorias_osa23deabril>. Acesso em: 12 dez. 2012.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 9. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. Seleção, prefácio e tradução: Suely Belinha Rolnik. Editora Brasiliense, 1981.

HAUSSEN, Doris Fagundes. Rádio Brasileiro: uma história de cultura, política e integração. In: BARBOSA FILHO, André; PIOVESAN, Angelo Pedro; BENETON, Rosana (Orgs). **Rádio Sintonia do Futuro**. São Paulo: Paulinas, 2004. P. 53.

JORGE, Fernando. **Hitler, retrato de uma tirania**. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

KAPLÚN, Mario. A natureza do meio: limitações e possibilidades do Rádio. *In*: MEDITISCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (Orgs). **Teorias do Rádio**: textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2008. V. 2. P. 81-90.

KWECKO, Viviani Rios. **Educação e Comunicação**: a experiência no desenvolvimento de um programa de rádio. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20091942003016014P2>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

LEMONS, Tatiane Chagas. **Nas Ondas da Rádio Juventude**. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=2011831004016051P0>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

LINO, Fernanda da Silva. **Além da sala informatizada**: a prática pedagógica com as mídias na escola. <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20102741001010015P7>>. Acesso em: 13 dez. 2011.

MACHADO, Arlindo; MAGRI, Caio; MASAGÃO, Marcelo. **Rádios Livres** – A reforma agrária no ar. São Paulo: Editora brasiliense. 2. Ed. 1987.

MANASSES, Branca *et al.* **Tecnologia da educação**: uma introdução ao estudo dos meios. Rio de Janeiro (RJ): Livros Técnicos e Científicos, 1980. P. 26-51.

MARTINS, Fábio. O rádio dos meninos. *In*: PRETTO, N. L.; TOSTA, S. F. P. (Orgs.). **Do Meb à Web**: o rádio na educação. Belo Horizonte: Autentica, 2010. P. 131-142.

MCLUHAN, Marshall. Rádio: o tambor tribal. *In*: **Os meios de comunicação: como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007. P. 334-345.

MEDEIROS, Ricardo; VIEIRA, Lúcia Helena. **História do rádio em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 1999. 144 p.

MEDITSCH, Eduardo. **O Rádio na era da informação**: teoria e técnica do novo radiojornalismo. 2. Ed. revisada. Florianópolis: Insular; Ed. da UFSC, 2007.

MENDONÇA, Valéria Márcia de. **Educação nas Ondas do Rádio**: uma análise de programas radiofônicas de educação para a cidadania. Disponível em:
<<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20084231003010001P0>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

MIGUEL, Oswaldo. **Rádio comunitária**: seu papel social e seu uso como instrumento de educação. Disponível em:
<<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=2008333007012001P8>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2000. 82 p.

MOTA FILHO, João Eriberto. **Descobrimdo o Linux**: entenda o sistema operacional GNU/Linux. 2. Ed. Revista e Ampliada. São Paulo: Novatec Editora, 2007. 544 p.

NUNES, Marisa Meliani. **Rádios Livres**. O outro lado da Voz do Brasil. Dissertação de Mestrado. São Paulo: ECA-USP, 1995.

O que é mídia: Disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=XM3mmN_FeRk>. Acesso em: 12 jan. 2012.

ORLANDI, Luiz B. L. Sobre os autores. *In*: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. Guilles Deleuze e Félix Guattari; Trad.: Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2011.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no Rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

PEIXOTO FILHO, José. O Rádio e a Educação: a experiência do MEB e as contribuições para a Educação popular. *In*: PRETTO, N. L.; TOSTA, S. F. P. (Orgs.). **Do MEB à Web**: o rádio na educação. Belo Horizonte: Autentica, 2010. P. 19-40.

PEREIRA, Silvio da Costa (2008). **Mídia-educação no Contexto Escolar**: mapeamento crítico dos trabalhos realizados nas escolas de ensino fundamental em Florianópolis. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20085541001010015P7>>. Acesso em: 14 dez. 2011.

PERES, Fabio Lessa. **Rolando o engenho**: reflexões sobre a brincadeira de fazer vídeo, na perspectiva da mídia-educação. <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20094241001010015P7>>. Acesso em: 14 dez. 2011.

PERUZZO, Cicília M. K. Rádios livres e comunitárias, legislação e educomunicação. In: PRETTO, N. L.; TOSTA, S. F. P. (Orgs.). **Do Meb à Web**: o rádio na educação. Belo Horizonte: Autentica, 2010. P. 81-92.

PIMENTEL, Fábio Prado. **O rádio educativo no Brasil**. Rio de Janeiro: Soarmec Editora, 2004.

PRATA, Nair. **WEBradio**: novos gêneros, novas formas de interação. Florianópolis: Insular, 2009. 255 p.

PRATA, Nair (Org.). **Panorama do rádio no Brasil**. Florianópolis: Editora Insular, 2011. V. 1. 590 p. (Apresentação)

PRETTO, Nelson De Luca *et al.* Rádio web na educação: Possibilidades e desafios. In: PRETTO, N. L.; TOSTA, S. F. P. (Orgs.) **Do Meb à Web**: o rádio na educação. Belo Horizonte: Autentica, 2010. P. 59-79.

SANTOS, Maria Claudia. Panorama do rádio em Aracaju. In: PRATA, Nair (Org.). **Panorama do rádio no Brasil**. Florianópolis: Editora Insular, 2011.

SILVA, Charles da. **O amor em cena**: um estudo sobre o consumo da telenovela Malhação por jovens educandos das redes de ensino pública e privada. <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20082041001010015P7>>. Acesso em: 14 dez. 2011.

SILVA, Lenice Lucia Cauduro da. **Representações e usos das mídias na escola**: de ferramentas para aumentar a motivação à possibilidade de produção crítica e criativa em mídia-educação. <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20114841001010015P7>>. Acesso em: 13 dez. 2011.

SILVA, Maria Terezinha da. **Gestão e Mediações nas Rádios Comunitárias de Santa Catarina** – Limites e Possibilidades Educativas. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/resumo.html?idtese=20057784101010015P7>>. Acesso em: 11 dez. 2011.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o rádio não contou**: do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo. São Paulo: Negócio, 1999. 316 p.

TRIGO-DE-SOUZA, Lígia Maria. Rádio & Internet: O porquê do sucesso desse casamento. *In*: BARBOSA FILHO, André; PIOVESAN, Angelo Pedro; BENETON, Rosana (Orgs). **Rádio Sintonia do Futuro**. São Paulo: Paulinas, 2004. P. 53.

VALLADARES, Licia. **Os dez mandamentos da observação participante**. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2007, vol.22, n.63, pp. 153-155. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v22n63/a12v2263.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2012.

APÊNDICE A – Descrição da Experiência (Diário de Campo)

Depois do encaminhamento do NTM, entrei em contato com a escola por telefone para realizar agendamento com o servidor responsável pela sala informatizada para conversarmos sobre a possibilidade de estar desenvolvendo minha empiria naquela escola.

Ao chegar à escola no dia marcado, 6 de junho, quarta-feira, às 16 horas e 30 minutos, fui recebida pelo auxiliar de ensino de tecnologia responsável pela sala informatizada, o qual, por uma feliz coincidência, já me era um pouco familiar, pois ele frequentou o mesmo curso de oficina de rádio oferecido pelo NTM, em 2011, intitulado “Rádio na/da Escola”, com carga horária total de 40 horas. Essa proximidade, ainda que superficial, fez com que me sentisse mais tranquila e confiante.

Ao mesmo tempo em que relatava a situação atual da Rádio na escola, ele mostrava seu espaço físico, ressaltando as atividades ocorridas até aquele momento. As atividades eram divididas em duas partes por causa da quantidade de alunos participantes: uma turma ficava com a monitora da Rádio em sala de aula, que supervisionava e desenvolvia atividades em grupos, como escolha e elaboração de temas e, a outra, ficava com ele na sala informatizada fazendo atividades de produção, locução, edição de áudio, reportagens e repórter. Cada programa possui um produtor, um editor de áudio e um repórter, sendo que essas funções não eram fixas, os alunos podiam ter mais de uma função ou essas podiam ser alteradas de acordo com o interesse de cada aluno. Quem fazia essas escolhas era o próprio grupo sob a supervisão dos dois responsáveis pela oficina, que dão suporte, mas ele frisou que “o texto é eles quem fazem, as músicas são eles que escolhem, a ordem que aparece as coisas são eles que definem, eles tem total autonomia, a ideia é essa, dar a ferramenta para eles fazerem”. Todos os programas são gravados, mas se pretende fazer programas ao vivo e, principalmente, trazer os professores das disciplinas para dentro da Rádio. Ele ainda ressaltou que poucos são os alunos que mexem no programa *Audacity*, porque muitos não permanecem quietos, não prestam atenção, e não querem aprender. Os alunos que demonstram interesse, ele traz para o laboratório e os ensina, sendo que atualmente apenas dois alunos sabem mexer nesse programa. Relata que são poucos computadores na sala informatizada, os quais muitas vezes apresentam problemas, são na maioria usados por dois alunos. Além disso, ele chama a atenção para o fato de que os alunos não têm habilidades avançadas no uso da *internet*, são usuários limitados que não têm a

prática com computadores. Eles precisam aprender fazendo com alguém do lado, porque não conseguem entender as instruções que são passadas oralmente e todos os computadores vieram com o *Linux Educacional* instalado, o que torna lenta a finalização das atividades. Ressaltou ainda que os programas eram organizados da seguinte forma: Vinheta, apresentação dos componentes com as atribuições, o que eles eram obrigados a falar, apresentação do tema, o que eles iam trabalhar naquele programa, o programa em si, se iam tocar música, intercalando com reportagem, fechamento do programa e os agradecimentos. Como exemplo, ele mostrou um programa que estava pronto, o tema escolhido era sobre casos de violência física causada por *Bullying*. Ele falou que no momento os alunos estavam fazendo programas sobre outros temas e pretendiam gravar na próxima semana, pois a ideia era que saísse no mínimo cinco programas por semana para que sejam tocados na hora do recreio. Reforçou que nenhum programa foi ao ar, porque estavam retornando as atividades com acesso à *internet*, sendo assim, ele espera que as aulas de informática e rádio possibilitem maior rapidez na produção dos programas. A sala informatizada além de dar suporte à oficina de rádio, também é usada pelos alunos e professores da educação infantil e ensino fundamental, no período da tarde e manhã, respectivamente. O horário das oficinas de Informática, Rádio e Sala Informatizada com seus responsáveis, são:

Tabela 11: Horários de Aula das oficinas de Informática, Rádio e Sala Informatizada

OFICINA	SEGUNDA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
INFORMÁTICA	T2, T3 e T1	T4 e T5		
RÁDIO		T3, T1 e T2 (*)	T5 e T4 (**)	
SALA INFORMATIZADA		T2, T3 e T1		T4 e T5

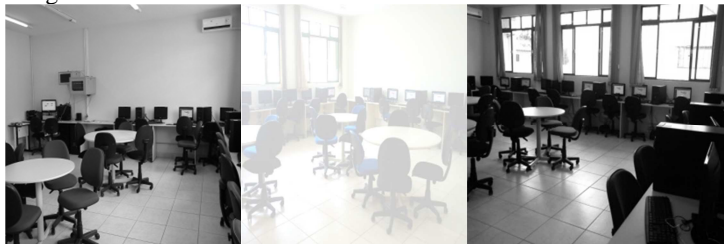
(*) no segundo semestre as turmas passaram a ter aulas às terças-feiras.

(**) a partir de agosto as turmas passaram a ter aulas às quartas-feiras.

Quanto aos ministrantes, ele disse que são pessoas contratadas, sendo que as oficinas de inglês e percussão são ministradas por professores da própria escola, os quais possuem carga horária de 20 horas como docente efetivo da escola. Essas oficinas objetivam ajudar no desenvolvimento de alunos que não conseguiram a média para passar de ano, porém é aberta a todos os alunos que queiram participar.

Ao mostrar a sala informatizada, ele ressaltou que esta não era tão espaçosa antes da reforma, depois desta o ambiente ficou mais agradável, arejado e amplo, e o número de computadores aumentou, pois receberam vários equipamentos. A sala contava com 18 computadores com tela LCD e *software Educacional Linux* instalado, os quais possuem acoplados microfones e fones de ouvido. Além disso, ela tem 18 cadeiras giratórias com rodinhas, uma televisão de 29”, 3 mesas redondas com 4 cadeiras cada, 1 impressora, 1 *scanner*, 1 computador que funciona como servidor, 1 armário de 2 portas, 1 quadro branco, 3 janelas e 1 porta. Os equipamentos foram enviados pelo MEC em fevereiro deste ano e somente agora é que eles foram instalados, atribuiu essa demora a questões burocráticas.

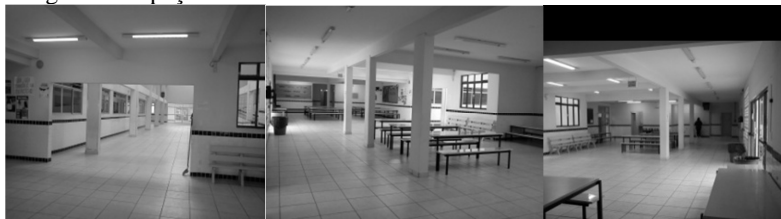
Imagens 8: Sala Informatizada da EBMJAC

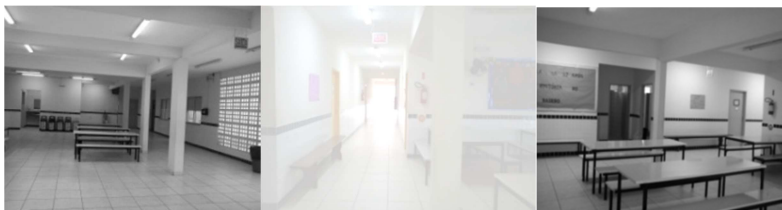


Fonte: Arquivo Pessoal.

Na oportunidade, ainda, além de mostrar os diversos ambientes existentes dentro da escola, como copa, salas de aula, biblioteca, secretaria, coordenação pedagógica, direção da escola, sala dos professores, banheiros, auditório, quadra de esporte, pátio coberto, parquinho, laboratórios, também mostrou, a sala da Rádio.

Imagens 9: Espaço físico da EBMJAC – Parte Interna





Fonte: Arquivo Pessoal.

Ainda enfatizou a importância de minha presença neste ambiente, enquanto pesquisadora e como alguém que poderia colaborar nas atividades e propor melhorias, autorizando minha pesquisa empírica naquela escola. Ao pedir para falar com a direção da escola, ele mencionou que esta estava muito ocupada, mas mesmo assim ele disse que iria fazer uma rápida apresentação, pedindo à pessoa responsável pela direção que, em outro momento, retornasse para conversar mais especificamente.

Ao ser apresentada à diretora, falei sobre minha proposta de pesquisa, enfatizando que faria um estudo de caso, com observação participante e realizaria entrevistas com os envolvidos diretamente com a Rádio Escola. A diretora consentiu a realização da minha pesquisa naquela escola e orientou que tomasse as providências cabíveis perante o órgão competente da prefeitura, para depois retornar à escola e começar a empiria.

Ao ter em vista as dificuldades iniciais e levando em consideração esse primeiro relato, percebi que a EBMJAC apresentava potencial para que eu pudesse realizar minha pesquisa de campo. E por já ter passado por diferentes coordenações, concepções e estágios de desenvolvimento em sua rádio, e por já contar com uma estrutura mínima de equipamentos e de recursos humanos, esta escola representaria, a essa altura da pesquisa, a melhor alternativa. Dessa forma, providenciei e encaminhei toda a documentação necessária exigida para efetivar minha empiria naquela escola.

Na semana seguinte, dia 13 de junho, quarta-feira, voltei à escola para marcar entrevista com a diretora, mas ela não estava, então perguntei pelo auxiliar e este também não estava, iria chegar mais tarde, então pedi para conversar com a coordenadora do Projeto *Mais Educação* para obter informações a respeito deste projeto. A convite, fomos para a sala dos professores conversar. Ao me identificar, falei que já tinha o consentimento do auxiliar e da diretora para realizar minha pesquisa naquela escola e que gostaria de obter algumas informações

sobre o projeto *Mais Educação*. Em seu relato, ela disse que era seu primeiro ano na escola como coordenadora do *Mais Educação*, e que este projeto era direcionado às escolas que não atingiram média no índice de Desenvolvimento da Educação Básica – Ideb, o qual é um indicador criado pelo governo federal para medir a qualidade de ensino e fluxo escolar, é medido a cada dois anos. Sendo assim, o aluno permanece na escola no contraturno e realiza várias atividades que são oficinas de acompanhamento pedagógico (português, inglês, matemática e ciências), rádio, jornal e karatê. O acompanhamento dessas oficinas faz-se diariamente e de vez em quando ela tem que buscar alunos fora da sala, porque eles são muito dispersos. Perguntei se os professores da manhã participavam da oficina de rádio, ela respondeu que não, porque eles não tinham tempo, ficavam na escola apenas no período da manhã. Ao final de nossa conversa, ela se colocou a disposição para ajudar. Quando o auxiliar chegou, solicitei o projeto antigo da rádio para ver, este falou que iria providenciar. Ao saber que a diretora já estava na escola, fui tentar agendar horário para conversarmos, como ela estava muito ocupada, isto não foi possível.

Então, pedi licença ao auxiliar e entrei na sala informatizada. Fiquei observando os alunos e o auxiliar. Havia muitos alunos, alguns estavam de pé, outros sentados e outros em dupla, usando o mesmo computador. A todo momento, eles chamavam o auxiliar que solicitava calma, pois iria atender um por vez. Tentei entender o que estavam fazendo. Ao me aproximar do auxiliar, perguntei:

“Eles estão fazendo trabalho de aula?” “Sim”. “Não é rádio então? “Não, a rádio tá tendo com a monitora na sala de aula, vou te levar lá, me colocaram no mesmo horário da rádio”.

Fiquei sem entender, pois pensei que aquela aula seria a oficina de rádio e que a monitora iria chegar a qualquer momento, mas para minha surpresa, ela já estava na escola e em sala dando oficina de rádio. Pensei então:

“Que pena, perdi de observar um monte de coisa! Imaginem se eu não tivesse perguntado...”

Quando chegamos à sala, pediu licença para entrar e o auxiliar fez minha apresentação. Ele falou que eu iria acompanhar as oficinas de rádio dali em diante e voltou para a sala informatizada. Entrei na sala e sentei-me ao fundo para ficar observando todos. Os alunos estavam muito agitados, dois alunos de pé, seis alunos sentados e três juntos à monitora. Não conseguia entender o que eles estavam fazendo. A monitora chamava a atenção deles a todo momento, pedindo que fizessem as atividades em silêncio. De repente, o grupo de alunos

sentados se virou para trás em minha direção e cochicharam. Naquele momento, pude perceber que estava sendo observada por eles, era como se seus olhos dissessem: quem é essa aí? Como não sabia se iria ter intervalo ou a que horas ia terminar a aula, e também por perceber que a monitora estava sozinha na sua mesa, acenei para a monitora e fui para a sua direção. Neste momento, senti que estava sendo acompanhada por vários olhares, mas não recuei e continuei. Já a frente da monitora, pedi licença e comecei a falar sobre minha proposta de pesquisa salientando que precisaria de sua ajuda para escolher os participantes. Antes de iniciar minha apresentação à turma, solicitou silêncio para que pudessem ouvir o que iria falar, alguns não obedeceram e continuaram conversando. Quando mencionei que iria ficar observando-os, alguns falaram:

“É só rádio”.

“Pra mim tá ótimo”.

“Tipo professora de auxílio”.

“Você vai ajuda a gente na rádio?”

A monitora respondeu para eles que eu estava ali para observar.

Ao finalizar minha conversa, comuniquei que na próxima aula iria entregar para eles um documento para ser assinado pelos seus responsáveis, assim pedi que fossem conversando com eles para que estes autorizassem sua participação. Na oportunidade, aproveitei para obter algumas informações com a monitora. Perguntei se eram apenas os 11 alunos que estavam na sala (7 meninos e 4 meninas), como resposta obtive que:

Não. Têm mais alunos, alguns faltaram hoje. Dei aula antes para duas turmas T3 e T1, essa turma agora é a T2. Na verdade são cinco turmas ao todo, três turmas eu dou na quarta-feira e duas turmas eu dou na quinta-feira, as turmas de hoje são a T3, T1 e T2 e na quarta-feira são T4 e T5.

Perguntei então qual era o horário?

“As aulas começam uma hora da tarde e terminam às quatro horas e quinze minutos, cada turma tem uma hora de aula e ainda quinze minutos de intervalo”.

Mas e a participação deles como é? Perguntei.

“*Alguns faltam, mas tem bastante gente que participa*”. Ela respondeu.

Ainda falou que: “*os alunos das turmas T4 e T5 cursam a 7ª e 8ª série, são alunos maiores e talvez fosse melhor fazer a pesquisa com eles*”. Quando perguntei se ela seguia um cronograma, respondeu que não, que teria que sentar ainda com a coordenadora e principalmente com o auxiliar para defini-lo, porque eles iriam trabalhar juntos, sendo que ela também era monitora da oficina de informática, apesar de até aquele momento ela ainda não ter dado aula de informática, somente de rádio. Acrescentou que havia começado a oficina de rádio em maio, e até então ainda não tinha sentado com o auxiliar. Salientou que:

Na verdade, como eu e o auxiliar vamos trabalhar juntos, eu tenho que ver o que ele tá pensando em fazer, ainda não pude sentar com ele, tenho que ver a opinião dele, tenho que ver se a gente consegue fazer isso amanhã, porque eu só fico na escola as quartas e quinta-feira. Cada semana penso num assunto e faço todos os registros numa ficha quando vou assinar minha frequência. Estudei nessa escola desde o pré e que agora estou fazendo o último ano do ensino médio numa escola perto daqui. Comecei a participar da rádio quando era aluna da 7ª e 8ª série e naquela época gostava bastante da iniciativa. Como recebi o convite da diretora para ajudar na condução das atividades da rádio, estou aqui exercendo a função de monitora.

Quando perguntada a respeito das atividades desenvolvidas na oficina de rádio, disse que os alunos haviam feito três trabalhos com temas diferentes:

Agora essa turma, está quase terminando o questionário aplicado aos funcionários para saber a função e a importância de cada funcionário na escola. O primeiro tema foi uma pergunta sobre como eu gostaria que fosse a oficina de rádio; o segundo foi uma paródia sobre temas já trabalhados, e o terceiro um diálogo sobre Bullying. Esses trabalhos vão formar mais tarde um programa. E os objetivos desses trabalhos foi de conhecer o que cada um gosta e

gostaria de estar abordando e aprendendo na oficina, isso possibilitaria adaptar os conteúdos ao gosto deles e outra era tratar assuntos polêmicos de uma forma mais descontraída, dessa forma deixaria eles mais a vontade, permitindo que se soltem e percam um pouco a timidez, e a questão do Bullying foi para eles terem mais conscientização, uma vez que na escola já houve casos.

Contou que antes de sua chegada, eles tinham outro monitor, mas eles não gostavam do antigo monitor, porque eles não saíam da sala,

era só texto, texto e texto! Então estou fazendo o máximo que posso para tirar eles da sala de aula, usar outros espaços, é interessante para eles verem como é que funciona uma rádio de verdade. É muito importante para eles saírem dessas quatro paredes. Acho que a rádio é um espaço onde eles podem enfrentar o que eles acham. Eles ficaram bem empolgados quando eu falei que eles iam visitar uma rádio, eu já peguei o telefone da regional só falta falar com a Coordenadora a respeito.

Perguntei como era seu relacionamento com a coordenadora e ela respondeu: “Ela não interfere nas minhas atividades.” E quanto aos temas trabalhados como é que eles aparecem? “Ah, eu estudo e faço pesquisa sobre o assunto na internet”. E os alunos demonstram interesse? “Sim, têm alunos que fogem de outra aula”.

Salientou que os trabalhos foram os mesmos para todas as turmas da oficina, e que a maioria estava finalizando as entrevistas com os funcionários. E como sugestão dos próprios alunos, solicitou que realizassem pesquisa na internet sobre radionovela. Quando perguntada sobre como se via como monitora de rádio, respondeu: “Ao mesmo tempo que eu ensino, também aprendo, os alunos saem da monotonia da sala de aula para realizar atividades que lhes dão prazer”.

Durante a primeira atividade, ela percebeu que alguns alunos não gostaram, mas a partir da segunda, já começaram a manifestar interesse. Para estimular uma maior interação entre os alunos, e diminuir as “panelinhas” formou provisoriamente grupos, que aos poucos foram sendo aceitos, porém ressaltou que ainda iria formar grupos definitivos.

“Agora eles estão mais sossegados e estão aceitando melhor fazer as atividades”.

Perguntei para ela qual era a sua opinião a respeito do professor não estar se envolvendo com a rádio, respondeu que: *“Seria bom se eles se envolvessem, aproveitar-se-ia o que eles estão aprendendo em sala e aplicaria na rádio”.* Perguntei se ela teve acesso ao projeto da rádio e ela disse que “não”. E o que eles estão fazendo agora? *“Estão no processo de criação de matérias para a rádio”.* E você sabe dizer quanto tempo isso vai levar? *“Não”.*

Falou que eles ficam sempre na mesma sala fazendo as atividades, mas ela não era fixa. Como já estava no final da aula, ela solicitou que a turma ajudasse a arrumar as carteiras. Ao final de nossa conversa, além de agradecer sua atenção, solicitei um horário para entrevistá-la. Como ela só podia vir para a escola nos horários da oficina de rádio, combinamos de conversarmos no intervalo do recreio. Aproveitando a oportunidade, procurei novamente a direção da escola para marcação de entrevista, infelizmente, já havia passado do horário de expediente da escola, estando a secretaria e direção de portas fechadas.

No dia seguinte, 14 de junho, quinta-feira, voltei à escola e fui para a sala de aula. Ao entrar na sala, acenei para a monitora e sorri, um grupo de alunos olhou para mim, então os cumprimentei e sentei ao fundo da sala. Os demais nem deram importância para minha presença, é como se eu nem existisse. As atividades já haviam iniciado, ao todo havia 16 alunos (T5) na sala. Eles falavam o tempo todo e a porta da sala de vez em quando era aberta por alunos que entravam e saíam da sala, sendo que alguns saíam com um papel e caneta na mão. Os que permaneciam em sala ficavam escrevendo ou ditando para o colega. A monitora de vez em quando circulava entre as carteiras e supervisionava suas escritas. Os que apresentavam erros de português ela corrigia. Antes de terminar aquela aula, ela pediu silêncio a todos e fez minha apresentação aos alunos, solicitando a colaboração de todos. Quando terminou a aula, alguns alunos ao sair da sala, se despediram da monitora. Aproveitei a saída deles e fui perguntar a ela que atividade eles estavam fazendo. Ela respondeu que eles haviam elaborado um questionário e que estavam organizando suas perguntas e respostas, sendo que havia grupos que estavam ainda fazendo as entrevistas com os funcionários da escola e por isso entravam e saíam da sala.

A próxima turma que entrou, entrou já fazendo barulho, falando alto, rindo e brincando uns com os outros. Entraram na sala apenas 10 alunos, eram da T4. Após realizar a chamada, a monitora me apresentou

aos alunos. Estes apenas olharam e depois se organizaram em grupos. Apesar de eles conversarem alto entre si, a aula foi tranquila. Eles estavam fazendo a mesma atividade que a turma anterior.

Na semana seguinte, dia 20 de junho, quarta-feira, compareceram apenas sete alunos da T3. A monitora os levou para a sala informatizada para pesquisarem no *site* do *Google* e *Youtube* sobre radionovela. Alguns alunos ficaram ouvindo trechos de radionovela no *Youtube* e outros escutando música e brincando de jogos no computador, sem o auxiliar perceber. Ao me aproximar de alguns alunos ouvi a seguinte frase: “*Eu já sei o que é radionovela, já tá bom, posso jogar?*” Outro dizia: “*Que engraçado, olha como eles faziam*”.

Havia ainda conversas paralelas, assuntos que não tinham que ver com o que estavam fazendo e também alunos sentados e girando as cadeiras, mas o fone permanecia no ouvido. Eram várias ações ao mesmo tempo, havia até os que pediam auxílio para a monitora e para o auxiliar, pois muitos computadores reiniciavam o sistema. Antes do término da aula, a monitora fez minha apresentação à turma. Quando acabou a aula, a turma seguinte (T1) não compareceu, porque foi liberada para outra oficina, então aproveitei o horário dessa turma para fazer a entrevista com a monitora.

Após a entrevista, ela relatou que na semana passada já havia comentado com duas turmas (T3 e T1) sobre eles começarem o projeto da radionovela, então hoje quando entrou na sala teve gente que perguntou: “*ah profe o que é radionovela?*” Então

por terem muitas dúvidas, levou a T3 para a sala informatizada para pesquisarem primeiramente sobre radionovela, ou seja, como é que são as radionovelas através de texto, depois foram para o Youtube para pesquisarem no vídeo sobre radionovela e escutaram trechos de radionovela, agora eles já tem a base.

Então perguntei para ela se eu poderia estar trazendo dois vídeos do *Youtube* interessantes para ela passar para eles, um era um trecho da primeira radionovela em *Busca da Felicidade*⁹⁶ e o outro mostrava como eram realizados os efeitos sonoros⁹⁷. Ela consentiu. Ressaltou que: “*Eles*

⁹⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1ZJ-EACzE5k>>. Acesso em: 20 Jun. 2012.

⁹⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xpAPjdLOT3c>>. Acesso em: 20 Jun. 2012.

já estão ciente que têm que trazer os temas para a próxima aula sobre radionovela para estarem em conjunto com o colega definindo alguma coisa, o tema é livre". Salientou que a maioria nunca tinha ouvido falar em radionovela, mas alguns conheciam por isso colocaram como tema. *"Agora eles estão cheios de ideias"*. *"Agora vou levar a turma T2 para fazer a mesma coisa na sala informatizada"*. Enquanto a T2 (12 alunos) ficou vendo vídeos no *Youtube* e pesquisando no *Google* a respeito do assunto, o auxiliar de ensino de tecnologia e a monitora aproveitaram para conversar e decidir se iam gravar ou não o programa no dia seguinte. Este programa envolveria o que já estava pronto de entrevistas com os funcionários, paródias e diálogos sobre *Bullyng*. Como o programa teria que ter 10 minutos no máximo de duração, eles decidiram que a radionovela ficaria para o próximo programa, pois assim este seria somente de radionovela. Entretanto, o auxiliar lembrou que não poderia ser no dia seguinte porque não estaria na escola. Assim, marcaram para decidir outro dia e definir os critérios de escolha dos melhores trabalhos para fazer um programa de rádio. Ao terminar a aula na sala informatizada, procurei a antiga responsável pela rádio para agendarmos horário para entrevista. Conseguimos agendar para o dia 21 de junho no horário de intervalo das aulas.

No dia seguinte, 21 de junho, quinta-feira, os alunos da T5 assistiram na sala informatizada os dois vídeos que entreguei para a monitora sobre radionovela, um que mostrava como eram feitos os efeitos sonoros e o outro um pequeno trecho da primeira radionovela de nome *Em Busca da Felicidade*.

Imagem 10: Sala Informatizada



Fonte: Arquivo Pessoal.

Durante a exibição, alguns alunos falavam: *"Eles estão imitando o barulho de uma fazenda"*. *"Depois disso a gente vai fazer o quê"*; *"Que legal"*; *"Eles passavam isso aonde?"*; *"O cara tá metendo um papelzinho e tá saindo um som"*. Após a exibição, a monitora perguntou se eles imaginavam que era assim? Alguns responderam: *"Sim"*; *"Não"*; *"Era tudo feito com coisas bem simples para poder gravar essas"*

coisas"; "Achei legal"; "Nem imaginava que era assim"; "Nem sabia que existia novela no rádio, parecia que era uma TV"; "Gostei muito dos efeitos dos americanos, tem muito mais gente, dá mais efeito". Antes de terminar a aula, a monitora comunicou que na próxima aula eles iriam fazer uma radionovela e que deveriam definir os personagens.

Aproveitei o intervalo e marquei entrevista para o dia 22 de junho com a ex-auxiliar da oficina de rádio. Depois do intervalo, fui para a sala informatizada e lá havia 13 alunos, o auxiliar e a coordenadora do *Mais Educação*, a monitora não estava, tinha ido embora. Comentei com o auxiliar sobre os textos prontos, ou seja, as entrevistas com os funcionários e as paródias, os quais apenas faltavam gravar. Então ele disse que "não sabia", mas para ele estava tudo bem, visto que "o importante era gravar os programas", que "o ideal seria que eles fizessem um por semana, cada turma deles fizesse um programa". Ele falou que

essa turma aqui ninguém tem grupo ainda, a gente está organizando os grupos ainda, aqui é oficina de rádio, era para ser oficina de informática, mas como a rádio não está andando, aí eu tô fazendo rádio com eles também, se quiser acompanhar, eles tão começando agora, eles não tinham nem grupo ainda definido, daí eu organizei agora os grupos.

Realmente, os alunos estavam organizados em grupos e estavam definindo seus temas. Perguntei para ele: "Que turma é essa?" Ele respondeu: "É a T4". Nesse momento, um aluno se aproximou e perguntou: "Qual o nome da rádio?". Ele respondeu: "Morro das Pedras, MDP". E o aluno pergunta novamente: "o que é vinheta"? Ele respondeu: "Eu vou tentar colocar agora para vocês escutarem". E pede atenção para os alunos: "Pessoal, agora presta atenção pra vocês ouvirem o que é vinheta. Vou colocar um programa que o pessoal fez, vou colocar desde o início, olha só o que é vinheta".

Os alunos solicitavam muito a sua ajuda, o qual explicava o que era vinheta para quem não tinha entendido ou escutado. Após ele explicou o roteiro, escreveu no quadro branco os passos do roteiro explicando cada item, dizendo que o tempo para cada programa era de dez minutos. Solicitou que os alunos copiassem e seguissem o roteiro escrito no quadro branco que era: O que fazer; Como gravar; A ordem; Duração e Música. Não esquecendo que eles deveriam estar atentos à

qualidade da música, seu tempo de duração e à ordem em que ela seria veiculada, principalmente que o programa deveria ter vinheta, apresentação dos componentes e suas atribuições, apresentação do tempo, o programa em si, o fechamento e os agradecimentos. Reforçou que deveriam formar um grupo com no máximo cinco pessoas para cada atividade e escolher um tema para falar. Porque “*a ideia de apresentar o grupo é que quem está ouvindo, saiba identificar quem está falando e os colegas de vocês que vão escutar. “Como vocês vão organizar em grupo, vocês é que vão definir entre vocês e o tema.” “A ideia é que vocês façam, é critério de vocês; vocês decidem; tem que partir de vocês a ideia do tema”*”. Ao mesmo tempo, ele pedia calma dizendo que iria atender a todos, pois eles falavam ao mesmo tempo e solicitavam sua ajuda. A coordenadora também reforçou que eles deveriam seguir o roteiro do quadro. Os alunos utilizaram a *internet* para pesquisar sobre o tema que haviam escolhido. Alguns alunos que já haviam decidido seu tema pesquisavam músicas e piadas. Havia grupos que estavam decidindo se colocavam enquete ou entrevistas, mas não tinham decidido quem ia falar o que no programa. O auxiliar de tecnologia ao se aproximar de um grupo, ressaltou que não era para copiar da *internet*, tinha que ler e escrever com as próprias palavras. Em um determinado instante, ele tirou do armário o gravador que utilizava para gravar os programas e colocou-o sobre a mesa. Ele explicou que “*o gravador tira todos os ruídos, é um gravador profissional mesmo, a gravação fica excelente*”.

Imagem 11: Gravador de voz



Fonte: Arquivo Pessoal.

Antes mesmo de acabar aquela aula alguns grupos haviam definido seus temas, ficando assim: o primeiro sobre Drogas, o segundo *Bullying* e o terceiro Rede Sociais. Foram formados 3 grupos, um grupo com 4 alunos e os outros com 3 e 6 alunos. Quando terminou a aula, os alunos e a coordenadora foram embora. O auxiliar ficou organizando a sala, fechando as janelas e desligando os computadores.

Na sexta-feira, voltei à escola para entrevistar a funcionária responsável pela implantação do projeto rádio escola quando do seu surgimento.

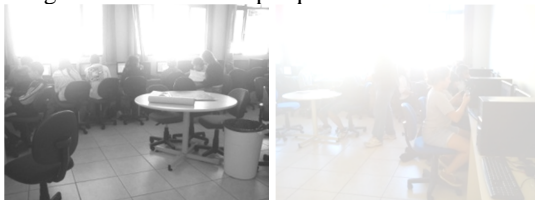
No dia 27 de junho, quarta-feira, estavam presentes 10 alunos da T3. Perguntei à monitora o que eles estavam fazendo, ela respondeu que *“a gente começou o que cada um queria ser na radionovela”*. Um aluno falou: “ah eu sou o vagabundo”. A monitora falou que eles não tinham decidido o título nem os personagens, mas já estavam fazendo isso naquele momento. Naquele dia, havia muito barulho, eles falavam muito alto, três escreviam no quadro, um menino lia um livro e duas meninas estavam sentadas quietas. Quando a monitora solicitou a definição dos personagens para anotar, os alunos pararam o que estavam fazendo e responderam: “Eu sou a misteriosa”; “Eu o vilão disfarçado de mocinho, professora”; “Eu o vendedor”; “Eu sou a mocinha”; “Eu vou ser o outro vilão”; “Ah, quero ser uma vilã”; “Eu serei uma estilista”; “Eu sou um padre”; “Eu serei o detetive, professora”; “E eu sou a malandra”. Entre essas escolhas, havia muitos risos e brincadeiras, os alunos não paravam quietos, se divertiam quando escutavam o colega mencionar o que seriam. Quando terminou a aula, os alunos foram saindo da sala aos poucos.

Enquanto estávamos aguardando a chegada da próxima turma, lembrei a monitora que não havia me apresentado para esses alunos e que gostaria de me apresentar. Ela disse que estava tudo bem, e para que eu esperasse todos entrarem em sala. Falei ainda que não tinha entendido porque semana passada o auxiliar formou grupos que estavam vendo outros temas, dentre eles inclusive havia um grupo que ia tratar sobre *Bullying*. Ela falou então que não sabia de nada, ficando sem entender também o porquê tinha aulas com ela e com ele de rádio. Falei para ela que estava confusa, mas que iria conversar com ele para obter mais informações. Entraram na sala 21 alunos, a monitora perguntou onde eles estavam e eles responderam que estavam na aula de informática fazendo pesquisa. A monitora iniciou a chamada e depois perguntou para eles se haviam assistido ao vídeo sobre radionovela. Eles responderam que não. Então ela avisou a eles que iria ver com o auxiliar de tecnologia para usar o auditório para passar os vídeos para eles. Ela disse que eu iria conversar com eles enquanto isso. Durante minha apresentação um aluno perguntou: *“O que é isso no teu braço”*, se referindo ao meu sinal no braço. Aí outros alunos se encorajaram e perguntaram: *“Você estuda aqui na escola? Você tá com uma blusa da cor da nossa”*; *“Estamos gostando de rádio, é massa”*; *“É legal”*. Nesse momento, o auxiliar entrou na sala e solicitou que eles subissem

em silêncio para o auditório para assistirem aos vídeos sobre radionovela porque a sala informatizada estava ocupada. Antes da exibição, a monitora solicitou que eles ficassem em silêncio para escutarem, dizendo-lhes que o importante era que eles percebessem como era feito os efeitos sonoros antigamente e a radionovela. O primeiro a ser colocado foi o trecho da radionovela *Em busca da Felicidade*. Todos ficaram atentos e mostraram-se surpresos. Após a exibição alguns se manifestaram: “*O rádio era caro*”; “*A qualidade do som é ruim*”. Durante a exibição dos efeitos sonoros, alguns demonstraram surpresa e muitas vezes riram durante a passagem do vídeo. Como veio o intervalo, não foi possível para eles debaterem sobre o filme. Todos foram para o recreio lanchar. Quando retornamos, eles entraram na sala de aula nove alunos da T2, estes já haviam assistido aos vídeos sobre radionovela. Quando a monitora perguntou o que tinham achado, responderam: “*Achei bem legal o jeito que eles faziam para fazer o som*”; “*hoje as coisas são prontas né*”; “*Achei muita criatividade*”; “*A gente vai gravar assim também?*”; “*A gente pode falar sobre música também?*”. A monitora explicou que eles iriam escolher o nome dos personagens para a radionovela. Aos poucos, eles foram dando os nomes dos personagens. Ela falou que eles teriam que pensar nos detalhes dos personagens, se seriam bons ou maus. Os alunos não paravam de fazer bagunça. A todo momento, a monitora pedia para ficarem quietos. Apesar da bagunça, no final da aula, todos deram o nome dos personagens para a monitora anotar.

No dia seguinte, dia 28 de junho, quinta-feira, o auxiliar entrou na sala de aula e pediu silêncio aos 10 alunos da T5 presentes e falou da importância que possui a rádio escola, dizendo: “*valorizem essa oficina, façam com que a rádio caminhe, hoje nós temos até uma pesquisadora aqui na escola, aproveitem essa forma de comunicação, essa ferramenta é da escola, se empenhem um pouco mais, se dediquem*”. Após, solicitou que todos fossem para o auditório para assistirem ao vídeo sobre radionovela. A maioria dos alunos não tinham assistido ainda. Durante a exibição, houve muita conversa paralela e teve até brincadeira de truco, os que não tinham visto prestaram atenção. Faltava apenas cinco minutos para o término da aula, quando a monitora os avisou que na próxima aula eles iriam definir o nome dos personagens.

A próxima turma foi para a sala informatizada, alguns pesquisaram sobre a radionovela e outros continuaram pesquisando sobre *Bullyng* e Drogas. Alguns alunos ficaram escutando músicas no *Youtube* e jogando. A monitora ficava passando pelos alunos para ver o que estavam fazendo e o que tinham anotado.

Imagens 12: Realizando pesquisas na *Internet*

Fonte: Arquivo Pessoal.

Enquanto pesquisavam, o auxiliar subiu para o auditório para preparar o *datashow* para exibir os vídeos sobre radionovela e efeito sonoro. Durante a exibição, os alunos mostraram-se surpresos ao ver como eram produzidos os sons. Aproveitei que estavam todos distraídos com o vídeo e falei para o auxiliar sobre a minha vontade de trazer alguém que trabalha com rádio para a escola para dar uma palestra, este mostrou-se interessado e falou que a diretora iria reinaugurar a rádio e que talvez seria interessante que fosse nesse dia, pois iria convidar também os pais dos alunos. Neste dia, recebi do auxiliar uma cópia do projeto da rádio escola referente ao ano de 2005.

No dia 04 de julho, quarta-feira, ao chegar à escola, fui à sala informatizada para ver qual atividade o auxiliar estava passando para os alunos. Ao entrar na sala, o auxiliar estava pedindo a colaboração de todos porque havia alguns alunos que iam gravar seus programas. Então decidi ficar ali para acompanhar a gravação. Havia 13 alunos, a maioria estava no computador pesquisando sobre seus temas.

Imagem 13: Pesquisa de temas para a realização dos programas



Fonte: Arquivo Pessoal.

O auxiliar pegou o gravador dentro do armário e colocou sobre a mesa redonda, chamando os alunos que iam gravar para sentarem ao redor da mesa. Um aluno perguntou: “*É só quem vai gravar?*” O auxiliar respondeu que sim e pediu silêncio, alegando que não poderia ter barulho, caso contrário iria tirar quem estivesse fazendo barulho. Ele

falou para os dois grupos que eles iam gravar as falas e testou o gravador. Os alunos estavam atentos e rindo ao mesmo tempo, pois pareciam que estavam com vergonha. O auxiliar explicou que mesmo que errassem não haveria problema, pois poderia repetir quantas vezes fosse necessário até ficar bom, porque era gravado. Perguntou então, quem ia falar primeiro. Alguns alunos se negaram a falar, então o auxiliar disse: *“Assim é difícil, quem é que vai falar. Não precisa ter medo de errar, pode errar.”* Alguns diziam: “Eu não quero falar”. O grupo formado por cinco componentes então se manifestou dizendo que ia gravar primeiro. O outro grupo ficou decidindo quem iria falar e ficou olhando o outro grupo gravando. O auxiliar então repetiu: *“Quem não vai gravar é para ficar em silêncio”*, pois tinha alunos nos computadores que estavam falando alto. Falou então para o grupo: “É o grupo que organiza quem vai falar, vocês que se organizam”. Dois alunos que estavam sentados diante de um computador se aproximaram e perguntaram: *“Posso fazer sobre não fumar?”*; *“O professor vê se tá bom”*. O grupo que ia apresentar então aproveitou o momento para decidir quem iria falar, então uma menina disse: *“É aquele que é o microfone, eu vou ler”*. Então os outros disseram: *“Eu vou ler, depois ela e depois ela”*. Aproveitei e perguntei aos alunos se eles sabiam se a monitora estava com alunos, eles disseram que sim, que ela estava vendo os personagens da radionovela, que eles estavam sentados no chão em roda. O auxiliar pediu que quem fosse falar, falasse pausado, mas que não fosse interrompido pelo colega e quando parasse de falar, desse o microfone para a colega. Pediu para o grupo identificar na fala quem ia falar o que, para que as pessoas que fossem ouvir soubessem que eram eles. Novamente, ele chamou a atenção dos alunos e pediu que não ficassem jogando no computador. Depois olhou para os alunos e disse: “Gravando” e apertou o botão do gravador. De vez em quando, parava e solicitava silêncio, pedia para não acessarem o *Facebook* e jogos. Foram várias tentativas para conseguir gravar. Numa dessas tentativas, deu *pause* no gravador e disse ao grupo: *“Escuta a entonação de voz, é assim que vocês querem que eles escutem?”* O grupo respondeu que *“Sim”*. Quando o grupo mencionou o futebol, perguntou se eles tinham feito uma enquete sobre o futebol, e se era com o pessoal da escola. Salientou que as perguntas tinham que ser mais específicas. À medida que os alunos iam falando, o auxiliar ia questionando algumas coisas que eles haviam escrito. Deu algumas sugestões como, por exemplo: *“Agora vamos falar sobre as regras do futebol”*. E continuou: *“Agora vamos gravar, pessoal agora silêncio de novo, tá?”* As meninas do grupo estavam muito nervosas, ao lerem, erravam e repetiram várias

vezes as falas. Ao dar *pause* falou: “*Vamos ouvir como é que ficou*”. Como ia diminuindo ao ler o que estava escrito no papel, o auxiliar falou:

Vocês têm que falar todas as palavras no mesmo nível, vamos de novo desde o início, não tem problema de errar. Agora vamos gravar tudo de novo? Agora com calma, agora vocês já sabem o texto. A gente vai cortar todos os erros depois. Agora vocês têm que encerrar o programa. Vamos gravar a música e a piada agora. Tá faltando entonação e pontuação.

Antes de chamar o próximo grupo, copiei todos os temas abordados pelos grupos para meu controle: G1 – A fome da África; G2 – *Bullyng*; G3 – Tony Jaa; G4 – dança; G5 – Design Gráfico; G6 – *Bullyng*. Os membros do grupo G6 estavam digitando, pesquisando o assunto para complementar e escutando música no *Youtube*. O G4 estava fazendo a parte da escrita e escolhendo a música; o G1 estava também fazendo a parte da escrita e escolhendo a música e o G3 estava escrevendo.

O outro grupo que ia gravar tinha cinco componentes. O auxiliar falou para eles que não poderiam esquecer de se apresentarem e também não esquecerem da entonação, pontuação, letra maiúscula e travessão nos parágrafos. Então apertou o botão e disse: “*Gravando*”. Os alunos erravam também e o auxiliar dava *pause* no gravador e dizia: “*Pessoal silêncio que tô ouvindo cochicho*”. Quando deu o intervalo, todos saíram da sala para lanche. Quando retornamos, o auxiliar pediu silêncio para a turma que entrou e disse que ia gravar o programa com alguns grupos. Um aluno então perguntou: “*O que é editar? Quem vai fazer? É tu que edita V.?*”

O auxiliar falou: “*Sem barulho, sem conversas laterais, a gente vai fazer a gravação aqui*”. E ligou o gravador. Depois ligou novamente para ouvir e disse

Vamos ver o que a gente gravou? Esse ruído é da caixinha, mas depois vai sair. Vocês têm que avisar de quem é a voz, quem vai falar no lugar da coordenadora. Está faltando coisas, vocês podem explorar no programa de vocês, várias coisas, por exemplo, ver porque foi escolhido o dia 12; vocês têm que dizer quem vai reproduzir as respostas e avisar que fizeram entrevista com a

coordenadora do Mais Educação. Tá estranho essa frase, vocês têm que rever essa frase. Usa mais entonação naquela parte. Pessoal tem muito barulho!

Perguntei o porquê ele fechou a porta com a chave, ele respondeu que era: *“para não ser interrompido, deixei um bilhete no lado de fora avisando que estamos gravando, pois não quero ser interrompido”*. E retornou a falar com a equipe: *“Se concentra, você pode levar quanto tempo quiser. Ainda falou: “Faltou coisa, vocês vão ter que continuar o trabalho, vão ter que pesquisar mais”*. Um aluno se aproximou dele e disse: *“Você pode ajudar a gente?”* Ele respondeu que *“Sim”*, mas não agora, pois estava gravando, mas depois da gravação e voltou-se novamente para a equipe que estava gravando. *“Por que esse dia é tão especial? Vocês podem colocar, por que esse dia foi criado? Então vocês vão ter que trazer isso, e a música é outra etapa, podem pesquisar agora”*. Virou-se para mim e falou: *“A nossa ideia é que até o final do ano a gente consiga fazer programas ao vivo com eles”*. Outra equipe se aproximou e perguntou: *“A gente pode gravar a pessoa falando?”* Então o monitor disse: *“Vocês têm que fazer a apresentação passo a passo. Entenderam o que é para fazer? Vocês vão complementar o que já têm e deixar num roteirinho só”*. O monitor explicou o roteiro que estava escrito no quadro e pediu para eles fazerem passo a passo. Um grupo falou: *“A gente vai fazer sobre a festa junina”*. Então o auxiliar falou: *“Vocês sabem o que é enquete? É perguntar o que vocês gostam no mês de setembro. Isso é uma enquete, vocês têm que escolher uma música de festa junina, já que é uma programação de festa junina tem que ter uma música de festa junina”*. Quando me virei para ver os demais grupos, somente o grupo 1 estava pesquisando, os demais estão brincando e jogando na *internet*.

Como fiquei na sala informatizada acompanhando as gravações não acompanhei as atividades da monitora em sala de aula, porque não sabia se teria outro momento de gravação de programas, pois até aquele momento os alunos só estavam elaborando e escolhendo temas.

No dia 05 de julho, quinta-feira, acompanhei as atividades em sala com a monitora. Esta dividiu a T5 em dois grupos, sendo que um grupo ficou responsável pela entrevista dos funcionários e outro com o diálogo sobre *Bullying*. Cada grupo tinha quatro pessoas.

Imagens 14: Atividades em sala de aula



Fonte: Arquivo Pessoal.

Um aluno perguntou: “*É aquela entrevista que a gente fez com os funcionários?*”. A monitora respondeu: “*É sim, mas é outra entrevista, vocês vão ter que escrever as falas*”. O grupo que ficou com a entrevista terminou de escrever as falas e mostrou para a monitora que disse ao terminar de ler o que tinham escrito: “*Vocês não colocam a turma, eu peço para vocês colocarem a turma*”. Depois ela falou ao outro grupo: “*Vocês fizeram o diálogo sobre Bullying?*”. Um aluno respondeu: “*O diálogo sobre Bullying já tá pronto professora*”. A monitora disse: “*Agora vocês vão ter que escolher a vinheta. O programa vai levar 10 minutos. Tudo o que o auxiliar explicou na sala informatizada pra vocês*”. Ela pediu para que eles treinassem as falas.

Não esqueçam dos agradecimentos. Quem vai perguntar? Não esqueçam que tem que ter dez minutos. Agora é uma e meia, vocês têm meia hora para fazer isso. Na próxima aula vocês vão gravar esses programas. E vocês aqui, já decidiram quem vai ser o que?

Ela complementou ainda: “*Vão treinando também e já vão pensando que música vocês vão querer colocar*”. Se aproximou e perguntou para o grupo que estava com a entrevista: “*Aonde estão os outros alunos?*”. Alguém respondeu: “*Foram entrevistar*”. E continuou a falar: “*Já decidiram quem vai fazer as falas? Sim professora, já colocamos todo mundo. Então, vão para aquele canto treinar. Façam de conta que estão gravando*”. A monitora ao passar pelas carteiras parava, ficava olhando e quando lia alguma coisa que achava que não estava correto, corrigia junto com eles. Mais uma vez lembrou: “*Não esqueçam de fazer os agradecimentos e também manter o mesmo tom, falar devagar e pausadamente*”. Depois daquela aula os alunos iriam para a aula de português, porém a monitora falou para eles que iria pedir para a professora liberá-los para gravar aqueles programas. Então me ofereci

para ir até a sala informatizada para saber com o auxiliar se eles poderiam gravar os programas que haviam terminado, este disse que não seria possível porque estava ocupado fazendo uma atividade que a diretora lhe havia solicitado com urgência. Então retornei a sala e perguntei para a monitora se ela sabia usar o gravador, ela respondeu que não. Então os alunos foram para a aula de português. Como a turma seguinte não apareceu para a aula, fui embora.

No dia 11 de julho, quarta-feira, os alunos não tiveram oficina de rádio, então aproveitei para bater fotos da escola.

No período de 14 a 28 de julho aconteceu as férias escolares.

No dia 09 de agosto, quinta-feira, realizei a entrevista com a diretora da escola.

No dia 13 de agosto, segunda-feira, aconteceu a reinauguração da rádio no período da manhã pela diretora da escola, que tinha o intuito de mostrar a comunidade escolar que a rádio havia retornado suas atividades. Os pais e/ou responsáveis foram convidados por meio de bilhete entregue aos alunos na sexta-feira, mas infelizmente não compareceram, entretanto, estiveram presentes o antigo monitor da rádio e a atual monitora. Em seu pronunciamento, a diretora salientou que a partir daquela data, ou seja, *a partir de hoje, todos os dias, na hora do recreio a rádio vai ao ar*⁹⁸. O programa que foi ao ar consistia numa entrevista realizada com a diretora sobre *Bullying*⁹⁸. Quando o programa foi ao ar, muitos alunos curiosos, ficaram na frente da sala da rádio observando a movimentação do auxiliar nesta sala.

Imagens 15: Reinauguração da Rádio MDP – Agosto 2012



Fonte: Arquivo pessoal.

No dia 14 de agosto, terça-feira, os alunos estavam na sala informatizada pesquisando sobre alguns países. Conforme orientação da

⁹⁸ Este programa está no **APÊNDICE C – DVD**. Ele foi gravado/editado e passado para a comunidade escolar na reinauguração da rádio (Ver Dvd: 1Programa_no_ar_entrevista_diretoraBullying. In: 2Programas editados_gravados); o outro programa apenas foi gravado/editado, não houve veiculação para a comunidade escolar (Ver Dvd: 2programa_no_ar_dia dos namorados. In: 2Programas editados_gravados).

monitora, eles tinham que relatar, os hábitos, costumes, curiosidades e músicas tradicionais do país escolhido. Os alunos já estavam divididos em equipes e ficaram escolhendo o nome dos grupos e definindo qual país pesquisar. Houve muita conversa, muitos grupos haviam definido os países, mas não tinham definido o nome do grupo, que agora seria fixo até o final da oficina. Os países escolhidos foram: EUA, Inglaterra, Itália, Japão e o número de componentes era muito variado, tinha grupos com 3, 4 e até nove alunos.

No final da aula, realizei entrevista com o auxiliar de ensino de tecnologia.

No dia 15 de agosto, quarta-feira, a T4 não teve aula do *Mais Educação*, somente a T5. Estavam presentes quatorze alunos. Eles haviam se dividido em grupos e estavam definindo o nome dos grupos.

Imagem 16: organizando os trabalhos em equipe



Fonte: Arquivo Pessoal.

Os grupos que iam falar sobre a Inglaterra e o Brasil, não haviam definido o nome do grupo, mas os que iam falar sobre os EUA, França e Jamaica, definiram, assim: Jovem Guarda, Negueba e Branquinho Básico, respectivamente. Quando foram para a aula da sala informatizada, eles ficaram escolhendo a piada e as músicas tradicionais. Essa pesquisa sobre os países era porque havia chegado à escola uma aluna do Japão. Nesta tarefa, era para eles verem as músicas tradicionais de cada país. O grupo Jovem Guarda ficou pesquisando sobre as olimpíadas de 2012, pois seu país escolhido era Londres (Inglaterra). Cada membro do grupo ficou responsável em pesquisar uma parte, alguns foram no *Google Maps*, outros procuraram música para a vinheta, mascote das olimpíada, medalhas, comida típica e piadas. Os alunos não sabiam baixar música e chamavam o auxiliar para ensiná-los, este os orientava como proceder. Como já havia programas prontos, o aluno que era responsável por editar, aproveitou essa aula para fazer a edição dos programas prontos. Alguns alunos se aproximaram dele e ficaram observando como ele editava, de vez em quando o auxiliar se aproximava para ajudar, quando solicitado.

Imagens 17: Edição de programa



Fonte: Arquivo Pessoal.

No dia 21 de agosto, terça-feira, os alunos estavam na sala de aula, sentados em grupos. A monitora então pediu que eles se concentrassem nas atividades. Apenas três alunos do grupo maior estavam fazendo as atividades, os demais ficaram conversando. O grupo com seis componentes, solicitou que a monitora lê-se o que eles tinham escrito para ver se estava correto. Antes do término da aula, ficou definido que aqueles programas seriam gravados na próxima aula.

Imagens 18: Atividades em sala



Fonte: Arquivo Pessoal.

Quando a T2 entrou na sala, a monitora pediu que sentassem com seus grupos para continuarem a atividade da aula passada. Os alunos estavam fazendo muito barulho e bagunça. A monitora ao se aproximar de um este falou: *“Estamos esperando ela copiar, se ela não fizer o trabalho eu também não vou fazer”*. A monitora falou que todos tinham que fazer. O grupo que ia falar sobre Paris e Rússia não haviam definido o nome do grupo. Um dos integrantes falou: *“Que tipo de piada pode por?”* Outro aluno falou: *“Isso é chato meu! Ninguém ouve o programa é muito barulho”*. Já o grupo que ia falar sobre Londres comunicou à monitora o nome do seu grupo: Recreio. Também falaram que, iam escolher a música, a vinheta e só na aula que vem iriam pesquisar. A monitora então falou: *“Se vocês já têm a pesquisa da internet agora vocês têm que montar”*. No final da aula a monitora disse: *“Gente a próxima aula é para trazer o programa pronto para gravar!”* Depois do recreio, os alunos da T3 entraram na sala e a monitora começou a fazer a

chamada. Após a chamada falou: “*Turma! Vocês fizeram a pesquisa da aula passada? Juntem os grupos da pesquisa sobre os países, vamos lá! Pare o barulho! Todos os grupos já têm a pesquisa?*” Alguns responderam que não.

Prestem atenção! Hoje vocês vão formular certinho o programa no papel: apresentação, vinheta, piada e o nome do grupo que eu quero até o final da aula, ok? Coloquem no papel agora o nome do grupo, o país e os integrantes para me entregar agora!

Os grupos que já tinham esses dados definidos escreveram num pedaço de papel e entregaram para a monitora. Os grupos eram: Perdidos na Itália e Galera da Hora. Os demais ficaram ainda conversando entre si para definir o nome do grupo.

No dia 22 de agosto, quarta-feira, quando os alunos da T5 entraram em sala, a monitora perguntou “*quem trouxe a pesquisa da aula passada?*” Alguém respondeu: “*Tá tudo no computador e o auxiliar não está*”. Então ela pediu para os que não tinham ainda, que escolhessem um país para pesquisar,

tem que ser um grupo de até cinco pessoas. O auxiliar já passou o esquema pra vocês na aula passada vinheta, quem vai ser o locutor, pesquisador, definir as funções, pensar o nome do grupo, não esqueçam que o nome da rádio é MDP! O esquema que o auxiliar explicou está no quadro, é só seguir! Os grupos definidos também estão. Quem chegou agora vai ter que escolher um país para pesquisar e quem não tem grupo tem que formar um ou então se juntar com algum grupo.

Nessa aula os nomes dos grupos formados foram, É Nóix e Champions. No quadro estava escrito: Roteiro (escolha do tema) – vinheta – apresentação grupo – apresentação do tema – programa (entrevista, pesquisa, enquête e música) – fechamento. Com a T4 a monitora também solicitou que seguissem o esquema que o auxiliar havia explicado em sala, o qual estava no quadro. Explicou que se quisessem poderiam colocar piadas desde que estas não fossem ofensivas.

Se quiserem podem ir na biblioteca pegar livro sobre piadas. Não esqueçam que o público a tarde é crianças. Não pode colocar nada ofensivo e preconceituoso. Semana que vem vocês vão ter que trazer o programa pronto, já com a pesquisa. Vocês podem dividir as tarefas.

O nome do grupo definido foi como *Cone Criw*.

No dia 03.09.2012 (segunda-feira), não teve atividades do *Mais Educação*. Foi reunião escolar. A diretora não nos comunicou.

No dia 07.09.2012 (sexta-feira), a diretora decidiu fazer os programas ao vivo. Todos os dias terá programa de rádio, manhã e tarde.

No dia 12 de setembro, quarta-feira, ao chegar à escola, fui para a sala de aula acompanhar as atividades com a monitora e solicitar se poderia ser aplicado o questionário de retorno da visita à rádio comunitária. A monitora disse que como não tinha atividade, poderia sim. Então propus que os alunos depois de responder o questionário fossem para a sala informatizada acessar o *site* da rádio comunitária do Campeche, isso possibilitaria que aqueles alunos que não tiveram autorização para fazer a visita pudessem também estar conhecendo a rádio comunitária do Campeche. Então fui falar com o auxiliar se poderia trazer os alunos para a sala informatizada. Ele estava mostrando a sala da rádio para os alunos. Sem entender, entrei e fiquei observando. Mostrou todos os equipamentos, inclusive fez uma demonstração para mostrar aonde o som iria sair. Neste momento, ouvi-o perguntar: “*Quem é a equipe que vai gravar amanhã?*” e se estavam com o roteiro pronto. Quando voltou para a sala informatizada perguntou quem já tinha o roteiro pronto para apresentar hoje. Aproveitou para pedir aos alunos para estes não acessassem *sites* de relacionamento e nem jogos. Havia ainda alunos que não tinham grupo. Ele pediu aos alunos para se organizarem. Fiquei surpresa ao saber naquele instante que o programa seria ao vivo. O auxiliar disse que na sexta-feira a Diretora mandou fazer o programa ao vivo, porque não “*tava dando certo gravar e que agora vamos fazer programa ao vivo*”. “*Mandaram eu fazer então eu tenho que fazer agora programa ao vivo*”. O auxiliar avisou que todos os dias haverá programas de rádio na parte da manhã e tarde. Perguntei então como é que seria a partir de agora então. Ele respondeu que não sabia, que não tinha visto nada, inclusive o roteiro que os alunos haviam feito com a monitora. Disse-lhe que a monitora havia comentado que não tinha atividade para hoje, assim na semana passada havíamos combinado para eu estar aplicando meus questionários aos alunos, e

hoje gostaríamos de vir no laboratório acessar a página da rádio comunitária, ele respondeu que não havia problema. Argumentei que mesmo que o programa seja ao vivo, eles teriam que fazer toda a parte da produção, que os alunos continuariam a fazer com a monitora em sala a produção dos programas. Voltei para a sala. Na sala de aula, a monitora disse que não havia um aluno sequer que tivesse ido visitar a rádio comunitária do Campeche. Falei para ela que o auxiliar concordou em ir para a sala informatizada, então ela falou que a diretora esteve ali e disse para eles que cada grupo iria gravar ao vivo e quem não estivesse pronto deveria continuar o trabalho e aqueles que estivessem pronto deveriam agora ensaiar. A monitora pediu que eles treinassem as falas. Alguns grupos treinaram, outros ficaram conversando. Enquanto isso, na sala informatizada, os alunos estavam pesquisando músicas e redigindo o roteiro do programa.

Falei que a outra turma que estava com o auxiliar estava finalizando o roteiro para ser apresentado ao vivo. Os alunos estavam agitados. Na sala com a T5, a monitora passou pelos grupos para ver o que eles tinham escrito. Os grupos que trouxeram a atividade ficaram treinando as falas. O grupo que um dos membros não trouxe a atividade não pode treinar. Outros foram para a sala informatizada pegar música e fazer as atividades. Os grupos presentes eram Sheita, Negueda, Amigos do Som, Cone Criw e É Nóix. Ao chegar à sala, o auxiliar estava na sala da rádio arrumando os fios, testando. Os alunos que iam apresentar estavam ansiosos. Eles estavam na sala informatizada pesquisando para ter conteúdos para apresentarem ao vivo o programa.

Imagem 19: Pesquisando conteúdos na *internet*



Fonte: Arquivo Pessoal.

O grupo que ia apresentar era o Perdidos na Itália, estavam definindo a música na sala da rádio. Eles haviam dividido os assuntos entre o grupo: história, esporte, arte. O auxiliar deu as instruções para mexer no equipamento. Os outros grupos presentes eram o Radio Recreio e o Jovem Guarda. Falei que estava meio bagunçado e que seria interessante conversar com a diretora. Questionei como é que fariam o

programa de manhã, sendo que não há o *Mais Educação* pela manhã, além de observar que neste período os alunos estão em sala de aula. O auxiliar perguntou para alguns alunos: “*Já está pronto o roteiro de vocês para passar amanhã na rádio? Quero que vocês se organizem*”. Chamou todos à mesa. Dei aula ontem, hoje e vou dar amanhã. Estava tudo desorganizado.

Como é que vocês vão apresentar? Quais são as músicas? Já definiram quem vai falar? Eu não vou falar. Não gosto de falar. Eu também não. Vão falar sobre funk. Por que sobre funk? Será sobre a história do funk. Eles não querem falar, eu não vou falar. Eu que fiz a pesquisa. Só porque fez a pesquisa não quer falar. Ele não sabe ler. Me dá que eu vou ler. Que grupo é esse? Ah, esse é meu grupo. Genteeee colabora! Ai cara que piada sem graça! E a música? A música antiga a gente vai ainda ver. Tá tudo ensaiado? Sim. Pessoal quem estava ensaiando lá?

O grupo Perdidos na Itália dividiu o roteiro para que todos falassem. “*Vocês são que grupo? Jovem Guarda, vamos falar sobre a copa de 2014*. Neste grupo só iam falar três alunos. O auxiliar, na sala informatizada, pediu silêncio aos grupos T2 e T3 e falou o seguinte: “*Agora os programas são ao vivo, prestem atenção no primeiro grupo para saber como fazer depois quando apresentar*”. Ao falar com a Coordenadora, esta não sabia explicar o porquê foi colocado o rádio ao vivo. Os grupos presentes eram: Cone Criw e É Nóix. Esses grupos ainda nada tinham que estivesse pronto. Durante a apresentação ao vivo, o grupo mesmo nervoso conseguiu apresentar até o final. A diretora da escola foi convidada para falar sobre a escola aberta que vai acontecer aos sábados.

Imagem 20: Apresentação do primeiro programa ao vivo



Fonte: Arquivo Pessoal.

Depois da exibição do primeiro programa ao vivo na hora do recreio, os alunos foram para a sala informatizada e convidados a sentar para conversarem sobre as suas performances:

Hoje foi o primeiro programa da rádio ao vivo que não foi gravado. A gente observou que faltou o grupo trazer a vinheta, como vocês falaram rápido não deu para ouvir a apresentação do grupo, vocês prestaram atenção no que a rádio falou? Não deu para ouvir, porque todo mundo falava, barulho no recreio. Gostaria que o grupo que falou agora contasse sobre sua pesquisa, o que vocês aprenderam sobre isso, a gente aprendeu que a Itália é um dos primeiros países a ser campeão do mundo de futebol, a gente colocou a história, cultura, arte e linguagem. Cada grupo que se apresentar na rádio a gente vai vim aqui e fazer uma roda e vai falar o que falou na rádio. Agora temos que resolver o barulho do som, ninguém pode ficar na porta. Quanto ao lanche, primeiro é melhor vocês se servirem para depois passar a rádio. O que você achou de ter apresentado? Eu cheguei no grupo ontem, a gente tem que treinar mais. Eu achei a experiência boa e me sinto motivado para apresentar mais. Vamos ver com o grupo se vamos manter essa sequência ou se vamos mudar. Agora vocês já podem providenciar outro assunto para falar. Na vinheta a gente já grava o slogan.

A T2 e T3 que estavam tendo aula na sala informatizada ficaram pesquisando música, sendo que o grupo chamado Perdidos na Itália havia apresentado ao vivo seu programa.

O grupo Jovem Guarda também ficou pesquisando música, pois iam apresentar no dia seguinte.

No dia 13 de setembro, quinta-feira, o grupo Jovem Guarda foi para a sala da rádio para se organizarem porque eles iam apresentar seu programa naquela tarde ao vivo. Depois da apresentação, eles se manifestaram com os seguintes dizeres: “É ruim quando erra, a gente começa a rir. Não dá para errar”; “É ruim porque a gente não pode ouvir”, “Se errar não dá para consertar”, “Ao vivo dá um nervosismo”, “Medo de errar”.

Imagem 21: Apresentação do segundo programa ao vivo



Fonte: Arquivo Pessoal.

Os alunos que estavam no recreio tentaram ouvir, mas havia muito barulho, tinha alunos dançando. A gente quer saber o que vocês acharam?

Primeira vez dá um nervosismo. Apesar de vocês esquecerem o material, vocês foram ali na sala informatizada e pesquisaram rápido e conseguiram apresentar, falaram sobre algumas curiosidades dos EUA. Vocês topam fazer um programa sem ler? Lanço o desafio. Vamos colocar uma mesa redonda aí vocês fazem como se fosse uma conversa. Pode ser semana que vem. Eu vou colocar três microfones aí fica melhor para vocês falarem. O que vocês estão tendo de geografia? Sobre África, então vocês poderiam fazer alguma coisa sobre o que vocês estão vendo, para que a gente possa aproveitar para a rádio, a gente tá tendo sobre a Europa migração.

No dia 18 de setembro, terça-feira, pela manhã não houve apresentação dos grupos, porque nenhum grupo quis apresentar. À tarde, o auxiliar não estava na escola. Os alunos da T1 e T2 ficaram passando as falas e dividindo as tarefas. A turma T3 ficou fazendo coisa semelhante.

No dia 19 de setembro, quarta-feira, aconteceu a exibição do terceiro programa ao vivo no período da tarde. O grupo que se apresentou foi Estudantes Culturais, dois alunos somente, a outra componente do grupo não estava. Este grupo falou sobre o direito dos animais. Quando eles terminaram de falar na rádio, disseram que se sentiam empolgados para realizarem os próximos programas. Apesar de gaguejarem, suarem e tremerem, eles ficaram muito contentes.

Imagem 22: Apresentação do terceiro programa ao vivo



Fonte: Arquivo Pessoal.

Ao ser perguntado o que eles acharam de seus feitos de apresentar, eles disseram que gostaram, apesar de terem ficado nervosos e de terem sido cometidos erros. Um deles disse: *“Depois dessa experiência deu vontade de fazer outras coisas”*. O professor de música se aproximou e referiu: “educar é um processo lento, e o mundo tá rápido”. Ele vai ajudar os alunos na rádio, vai gravar a voz dos alunos para eles escutarem a própria voz, depois do programa e também com a monitora. Concordou em fazer a vinheta e as músicas para o *Spot*. Ele falou que os alunos são muito dispersos. Além disso, ele observou que a partir do momento que contou aos alunos a sua história, estes começaram a prestar mais atenção nas suas aulas e a participarem mais.

O grupo Floripa FM ficou organizando para apresentar no dia seguinte, faltando a música. Os alunos, na sala informatizada, estavam fazendo trabalhos de aula. Alguns avisos foram dados na sala da monitora: *“Respeitem o colega que está ao microfone, procurando ouvir o que ele está dizendo”*. Os grupos Branquinho Básico, É Nóix, Amigos do Som, Fala Sério, Champions, Neguébas e Jovem Guarda, ficaram organizando seus roteiros e definindo qual música iam escolher para tocar. Alguns alunos se manifestaram: *“como é que se baixa música”*; *“como é que se para a vinheta”*; *“vamo treina tudo, se ela não vier”*; *“anda copia rápido”*; *“não vai te música hoje”*.

No dia 20 de setembro, quinta-feira, foi a vez do quarto grupo se apresentar, o Floripa FM, que iria falar sobre a Itália, no período da manhã.

Imagem 23: Apresentação do quarto programa ao vivo



Fonte: Arquivo Pessoal.

A tarde foi a vez do grupo Jovem Guarda, o quinto a se apresentar. Falaram sobre a mascote da copa de 2014, que foi em Londres. Este grupo foi o que concordou em fazer um programa sem papel.

Imagem 24: Apresentação do quinto programa ao vivo



Fonte: Arquivo Pessoal.

No dia 24 de setembro, segunda-feira, pela manhã não foi possível o grupo Viajando pela Rússia apresentar porque o auxiliar estava em sala com alunos. No período da tarde, alguns alunos haviam sido dispensados da oficina de rádio para participarem do aulão ministrado pela diretora da escola no auditório, os outros alunos foram liberados para irem embora. Porém, o grupo Floripa FM apresentou o seu programa, sendo dessa forma o sexto grupo.

Imagem 25: Apresentação do sexto programa ao vivo



Fonte: Arquivo Pessoal.

No dia 25 de setembro, terça-feira, à tarde, aconteceu a sétima apresentação, o grupo que se apresentou foi o Floripa FM, com o assunto sobre migração e abolição. Este grupo se apresentou nesta ocasião porque o grupo Rádio Recreio não compareceu.

Imagem 26: Apresentação do oitavo programa ao vivo



Fonte: Arquivo Pessoal.

No dia 26 de setembro, quarta-feira, pela manhã o grupo Floripa FM apenas colocou música, porque não estavam conseguindo ligar os microfones. No período da tarde, o Grupo Floripa FM apresentou o tema: O que precisamos para o organismo funcionar bem.

Imagem 27: Apresentação do nono programa ao vivo



Fonte: Arquivo Pessoal.

Neste dia à tarde, os alunos aprenderam a fazer *Spot*⁹⁹ com o auxiliar. Os alunos foram levados para a sala de aula e foi explicado pelo auxiliar o que era *Spot*. Os alunos foram então divididos em grupos, cada grupo ficou responsável por um *Spot*. Ao todo foram gravados cinco *Spots*, que são: escola aberta, uso do uniforme, chegadas tardias, palavrinhas mágicas, campanha do lixo da escola – descarte ecológico. Alguns alunos falaram: “*É ruim porque a gente não pode ouvir*”; “*Se*

⁹⁹ *Spot* “é um formato de propaganda falada, narrada ou interpretada por profissionais da voz. Uma ou mais vozes, dependendo da idéia e mensagem que o produto, empresa ou marca deseja transmitir. Com efeitos sonoros e uma trilha musical que tenha haver com a proposta da peça.” Veja em Radialist.as: O que é um Spot – Radialist.as. Disponível em: <<http://radialist.as/profiles/blogs/o-que-e-um-spot#ixzz2YXbARaMx>>. Acesso em: 27 set. 2012.

errar não dá para consertar”; *“Ao vivo dá um nervosismo*”; *“Medo de errar*”.

Imagens 28: Elaborando *Spots*



Fonte: Arquivo Pessoal, 2013.

No dia 27 de setembro, quinta-feira, o nono grupo a se apresentar foi o Floripa FM. À tarde foi a vez do grupo Jovem Guarda se apresentar, sendo este o décimo grupo a apresentar.

Imagem 29: Apresentação do décimo grupo ao vivo



Fonte: Arquivo Pessoal.

A seguir, faço um relato dessas vivências por ordem cronológica.

Em todas as atividades, eu fiz registro das imagens e gravação de áudio através de máquina fotográfica própria. Antes de realizar cada atividade, apliquei questionários aos alunos para saber quais eram os seus desejos e dúvidas a respeito do assunto, e também porque estes dados serviriam de referencial para o palestrante abordar seu conteúdo. E no retorno, aplicava outro para saber o que eles haviam aprendido sobre o assunto.

O transporte que nos conduziu à Rádio Comunitária do Campeche e RBS TV foi um micro ônibus fretado pela direção da escola, e os alunos da Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos – EBMDLS – foram transportados por uma Van cedida pela PMF.

A visita à Rádio Comunitária do Campeche aconteceu no dia 31 de agosto, no período da tarde e contou com a participação de 28 pessoas, destas, 24 eram alunos, os demais eram a coordenadora, a monitora, a

pesquisadora e o professor de karatê. Esses alunos pertenciam aos grupos Americanos, *Cone Crew*, *Directioners*, *É Nóix*, Floripa FM, Perdidos na Itália, Rádio Recreio e Viajando pela Rússia. Antes de sairmos a campo, entreguei um questionário aos alunos, para saber o que eles conheciam sobre a rádio comunitária. A maioria deles respondeu que não conhecia, nem sabia o que é e para que serve, mas reconhecia que essa visita seria importante para seu aprendizado. Além de sentirem vontade de conhecer, havia muita curiosidade sobre aquela visita. Abaixo transcrevo algumas respostas selecionadas às seguintes perguntas: Você acha importante conhecer uma rádio comunitária?

Sim. Porque eu posso conhecer varias coisas legais;

Sim. Porque eu acho importante, porque nós vamos saber algumas coisa nova sobre uma rádio;

Sim. Porque ajuda no conhecimento de uma radio comunitária;

Sim. Para aprender algo novo e diferente;

Sim. Pra saber mais;

Sim. Para aprender o que não aprendeu no rádio;

Sim. Para aprende sobre a radio pode ajudar no futuro;

Sim. Porque os alunos precisam conhecer lugares novos e porque alguns irão pela 1ª vez. (Sic)

E, o que você espera aprender com essa visita?

Várias coisas como saber como funciona um programa de radio como acontece as programações;

Eu espero gostar e aprender sobre a radio;

Algo que eu nunca aprendi e que eu goste muito;

Aprender sobre algumas coisas que eu não sabia;

Aprender como ela funciona, para que serve, quais são seus objetivos, etc;

Espero aprender como funciona como é e o que eles fazem de interessante. (Sic)

Ao chegarmos à sede da rádio, fomos recebidos por um dos cinco responsáveis pela rádio comunitária que, gentilmente fez um breve relato sobre a história de seu funcionamento, implantação e seu significado para a comunidade local.

Imagem 30: Chegada à Rádio Comunitária do Campeche



Fonte: Arquivo Pessoal.

Imagem 31: Apresentação da Rádio Comunitária do Campeche.



Fonte: Arquivo Pessoal.

Mesmo ansiosos para conhecer o interior da rádio, muitos alunos prestaram atenção nas informações, o que resultou em algumas perguntas:

A rádio tem dono? Dá pra falar que ela tem dono?;

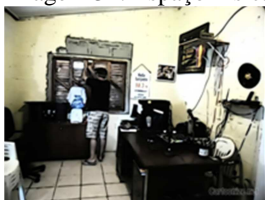
Quais são os materiais que precisam para essa rádio funcionar?;

O que vocês anunciam?;

Essa banda que você falou, a banda da nossa igreja pode vir tocar aqui também? (Sic)

Como não havia mais perguntas, organizamos grupos de no máximo cinco alunos cada, para conhecerem o interior do estabelecimento, pois este tinha um espaço físico limitado.

Imagem 32: Espaço Física da Rádio Comunitária do Campeche



Fonte: Arquivo Pessoal.

Enquanto as janelas eram abertas, os alunos permaneceram do lado de fora aguardando para serem chamados.

Imagens 33: Aguardando ser chamado



Fonte: Arquivo Pessoal.

Quando os alunos entraram na rádio, surpresos observavam tudo, desde móveis a equipamentos.

Imagem 34: Conhecendo a Rádio Comunitária do Campeche por dentro



Fonte: Arquivo Pessoal.

Cada grupo que entrava, recebia a explicação sobre o funcionamento dos equipamentos e sobre a diferença entre uma rádio comercial e comunitária, dando ênfase ao espaço físico, instalações, *layout*, mobílias e músicas. Inclusive era ressaltado que os móveis eram provenientes de doações e as músicas tocadas eram da cultura local. Nesse momento, surgiram várias interrogações, como:

*“Mas a rádio tá ao vivo?
Qual o programa que vocês utilizam?
Mas ela tá no ar?
E o pessoal escuta?
São quantas horas da rádio?
Se eu quiser entrar ao vivo agora, eu posso?
Eu posso entrar ao vivo a hora que eu quiser?
Quantas pessoas trabalha na rádio comunitária?”*

Imagens 35: Demonstração do programa



Fonte: Arquivo Pessoal.

Os alunos estavam muito curiosos em saber como o responsável colocou a rádio no ar e, principalmente, como a comunidade participava.

Antes de encerrar nossa visita, recebemos de brinde 10 CDs que continham histórias infantis. Estes CDs foram elaborados por atores de teatro voluntários da rádio, premiados com o premio Roquette-Pinto, onde sua premiação dava o direito de gravar um CD, porém, preferiu-se que o próprio pessoal voluntário da rádio gravasse um CD com histórias infantis.

Como ainda era cedo, resolvemos lanchar num local próximo à rádio para depois retornarmos à escola. No decorrer do lanche, aproveitamos e sorteamos os CDs entre os alunos.

Imagem 36: Parada para o lanche



Fonte: Arquivo Pessoal.

Finalizando nossa visita, nos despedimos agradecendo a acolhida e retornamos à escola. Ao perguntar no ônibus o que eles acharam da visita, alguns falaram: “*Conheci coisas novas*”; “*Foi divertido*”; “*É interessante*”.

No dia seguinte, 17 alunos responderam o questionário de retorno. Ao responder as perguntas *O que mais lhe chamou a atenção?* *O que você aprendeu com a visita?*

Alguns escreveram que:

Nunca tinha visto uma máquina de mesa de som foi muito legal;

Que não é um lugar muito grande mas mesmo assim é super legal;

Que uma das pessoas que tem um programa na rádio disse que as pessoas podem enviar músicas pelo computador que eles iram tocar;

A construção que ela possui, pois é uma pequena casinha;

Como é feita a rádio, os instrumentos, botar no ar;

Como funciona a rádio;

Os equipamentos;

É que já era tudo gravado;

O jeito que a rádio funciona;

O lugar eu pensei que fosse como as outras rádios.

Aprendi que se uma pessoa precisa comentar algo importante, ex. se alguém perder um animal as pessoas podem ajudar;

Eu aprendi o que significa a rádio comunitária e como funciona;

Tudo, que a rádio faz parte da comunidade, e que todos podem ir lá. E que não por ela ser bem pequena, mais tem muitos equipamentos;

Como funciona uma rádio, como é colocada às rádios;

Eu aprendi que todo mundo pode visita a radio;

Que uma Rádio Comunitária é importante, para uma comunidade;

Eu aprendi muitas coisas;

Aprendi como se constrói uma radio.

Esta visita, eu considero como tendo sido muito importante para os alunos, porque eles perceberam que para existir uma rádio comunitária não é preciso ter um espaço físico grande, mas pessoas da comunidade comprometidas com a rádio, pois além de ser um espaço gerenciado por um grupo de pessoas todos da comunidade podem participar.

Para estimular a criatividade e imaginação dos alunos, convidei a doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação/UFSC, Renata Ferreira da Silva, para dar uma aula-teatro sobre Performance. Pensando em aproveitar essa oportunidade, sugeri ao auxiliar da rádio, que essas perguntas e respostas fossem gravadas para posteriormente serem incorporadas em um programa de rádio feito pelos alunos. Todos os equipamentos necessários como, gravador, caixa de som e microfone, foram providenciados e instalados com sucesso para fazermos esse registro. Assim, no dia 28 de setembro à tarde, contamos com a brilhante apresentação desta doutoranda ao incorporar uma personagem da comunidade do Pântano do Sul, chamada Dona Passa.

Imagens 37: Visita da Dona Passa na EBMJAC



Fonte: Arquivo Pessoal.

Durante sua performance, os alunos permaneceram sentados e em silêncio, prestando atenção em cada gesto, palavra e movimento da

doutoranda. Na hora de fazer as perguntas, alguns alunos se sentiram encorajados e perguntaram:

“Você deu aula de teatro?”

Quantos anos você é formada em teatro?

Tens algum familiar que fez teatro?

O que tu acha mais importante no teatro?

Que outra coisa você trabalharia sem ser o teatro?

Você pretende fazer teatro até quando?

Você tem filhos e você iria gostar que eles fizessem teatro?

Porque você botou o nome de dona Passa?”

Imagem 38: Momentos de perguntas



Fonte: Arquivo Pessoal.

Ao final da apresentação, agradecemos sua gentileza em nos proporcionar tal deslumbramento.

Neste evento, percebi que os alunos demonstraram muito interesse em saber como aconteceu o envolvimento da doutoranda com o teatro.

A próxima atividade foi a visita à instalação da RBS TV no Morro da Cruz no dia 3 de outubro, no período da tarde. Esta visita tinha como objetivos, conhecer o estúdio de rádio comercial e a diferença entre uma rádio AM/FM. Nesta visita, além da coordenadora, da monitora e da pesquisadora, estavam presentes 28 alunos dos grupos Americanos, Amigos do Som, Branquinho Básico, Champions, Estudantes Culturais, Estudantes Perdidos, Floripa FM, Guerreiros, High School e Jovem Guarda.

Ao responderem o questionário, muitos alunos escreveram que gostariam de saber:

“Como ela funciona;

Coisas importantes e legais;

Saber mais sobre a radio;

Entender mais, para fazer os programas;

Eu quero aprender como se monta uma radio completa como

ex: FM e AM;

*A fazer uma radio comercial;
 Eu não sei, preciso chegar lá para saber;
 Eu espero aprender mais sobre radio;
 Tudo;
 Aprende o que é uma rádio comercial e como é feita;
 Muitas coisas, para podemos colocar em nossa radio”.*

Quando chegamos às instalações da RBS TV, fomos recepcionados pelo funcionário de *Marketing* e conduzidos até uma área aberta, considerada espaço de lazer desta emissora de rádio e tv.

Imagem 39: Visita a RBS TV



Fonte: Arquivo Pessoal.

Muito bem acomodados, antes de irmos conhecer os estúdios das rádios Atlântida FM, Itapema FM e CBN Diário (AM), os alunos receberam várias informações referente aos tipos de rádio que faziam parte daquele Grupo.

Imagem 40: conversa com os alunos



Fonte: Arquivo Pessoal.

Ainda, sobre as informações, foi explicado a importância de se ter um planejamento, responsabilidade, comprometimento e o conceito de segmentação¹⁰⁰. E como forma de descontração e obter a participação

¹⁰⁰ Este conceito “refere-se a um critério de abordagem dos ouvintes, levando-se em conta sua heterogeneidade e adequando a publicidade conforme o público específico que se visualiza para a emissora. A segmentação pode dirigir-se a um programa ou ao todo da programação da

dos alunos na conversa, o funcionário da Rádio Itapema FM optou por fazer perguntas aos alunos para que eles respondessem, fazendo um comparativo entre a rádio comercial e a rádio MDP.

Imagem 41: conversa com o funcionário da Rádio Itapema FM



Fonte: Arquivo Pessoal.

Sendo assim, durante a conversa, alguns alunos se manifestaram:

“O que é uma rádio comercial?”

Como resposta, o funcionário fez um comparativo entre a rádio comunitária e comercial.

Ao ser perguntado sobre:

“O que é rádio AM?;

O que é rádio FM?”

Explicou de forma simples a diferença entre as duas, utilizando uma linguagem de fácil entendimento.

Como o espaço físico interno era limitado, dividimos os alunos em grupos de oito e nove para conhecer internamente os estúdios dessas rádios.

Imagens 42: estúdio Itapema FM e Atlântida FM



Fonte: Arquivo Pessoal.

emissora. Consideram-se características como classe social, faixa etária, sexo, escolaridade, preferências de grupos, etc.” Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Programa%C3%A7%C3%A3o_radio%C3%B4nica>. Acesso em: 20 out. 2012.

O primeiro estúdio visitado foi da Itapema FM, que ficava entre dois corredores, suas paredes de vidro permitiram que os alunos observassem seu interior e funcionamento. Em seguida, eles foram guiados até o estúdio da Atlântida FM e convidados a entrar em silêncio, para observarem o programa que estava acontecendo ao vivo. Suas paredes eram revestidas de esponjas que segundo mencionou um aluno “*lembravam caixas de ovos*”.

Como não foi possível que os alunos visitassem o estúdio da CBN Diário, por motivo de reforma, solicitei permissão para filmar seu interior, pois assim poderia mostrar para os alunos na escola.

Imagem 43: estúdio CBN diário



Fonte: Arquivo Pessoal.

Terminada a visitação aos estúdios, os alunos além de receberam brindes, ganharam autógrafo do jornalista e repórter Helton Luiz. Aproveitando a oportunidade, agendei horário de visita à Escola para falar sobre rádio Web.

Imagem 44: Helton Luiz com os alunos



Fonte: Arquivo Pessoal.

No dia seguinte, apenas os grupos Americanos, Floripa FM e *High School* responderam o questionário de retorno, os demais não compareceram na aula. Ao ser perguntado sobre o que mais chamou a atenção durante a visita, alguns responderam que:

... locutores;
 ...foi o local e os reportes;
 Como é a rádio e como ele faz para
 funcionar;
 O local da RBS;
 A apresentação ao vivo do locutor da
 Atlântida;
 Como é feito a rádio;
 Como eles fazem a rádio;
 O cara falando na Atlântida.

E quando perguntado o que aprenderam, responderam:

Que significa frequência modulada;
A rádio AM é mais mais forte. (ex. a
rádio AM atravessa o morro, a rádio FM é mais
fraca. Ex: não atravessa o morro;
A rádio FM não é muito forte e por isso
em alguns lugares não funciona.

Como já previsto, no dia 19 de outubro, o jornalista e repórter da RBS TV, senhor Helton Luiz, foi à escola ministrar uma palestra sobre rádio Web e aproveitou para contar um pouco sobre sua história de vida. Participaram da palestra 28 alunos que pertenciam aos grupos Branquinho Básico, *Champions*, *É Nóix*, Estudantes Culturais, Estudantes Perdidos, Fala Sério, Floripa FM, Jovem Guarda e *Neguebas*. Além dos alunos, participaram também, o auxiliar da sala informatizada e a coordenadora.

Ao responderem o questionário antes da chegada do palestrante, 25 e 27 alunos responderam respectivamente que não sabiam o que era rádio Web, e não tinham acessado *site* de rádio Web.

Ao perguntar, o que esperavam aprender com esta visita, alguns responderam que:

... experiências novas, e saber o que é
 rádio web;
 Como funciona;
 O que é e para que serve;
 Passar experiência de trabalho para a
 rádio MDP;
 É mais um conhecimento que podemos
 levar em conta, para nossa vida;
 Deve servir de ensinamento para a vida;

Porque eu acho importante obter mais um conhecimento;

É sempre bom conhecer coisas novas e boas;

Porque é um novo conhecimento para mim;

Para conhecer mais sobre rádios.

A visita foi dividida em três momentos: o primeiro consistiu na exposição do assunto no auditório; o segundo, na demonstração de *sites* de rádio *Web* na sala informatiza; e o terceiro, foi conhecer o espaço físico da rádio MDP. Quando o jornalista chegou, comentei que a maioria não sabia o que era uma Rádio *WEB*. Além disso, fiz a observação de que seria necessário utilizar uma linguagem simples para que todos entendessem.

Durante sua explanação, o jornalista fez várias perguntas aos alunos, e estes responderam com muita descontração. Algumas perguntas foram: “*Vocês sabem a diferença entre radialista e jornalista?*”; “*Vocês sabem o que é um editor de áudio?*”;

Os alunos também fizeram algumas perguntas, tais como:

“Por que todas as rádio não colocam AM?”

O que é uma rádio Web?

Quanto maior é o numero da frequência maior é o sinal?

Depois de falar sobre rádio *Web*, o jornalista relatou sobre sua história de vida, ou seja, sua infância humilde, com dificuldades financeiras, seu esforço para estudar e terminar a faculdade, e, principalmente, como foi seu encontro e paixão pelo rádio.

Ao término, todos foram encaminhados para a sala informatizada, porque ali seria realizada uma demonstração dos *sites* de rádio *Web* aos alunos pelo palestrante.

Imagem 45: Demonstração de *sites* de rádio *Web* realizada por Helton Luiz



Fonte: Arquivo Pessoal.

Além de ensinar como achar *sites* de rádio *Web* na *Internet*, o palestrante mostrou *sites* nacionais e internacionais, na sequência acessou uma rádio estrangeira, para os alunos escutarem.

Imagem 46: Demonstração sites



Fonte: Arquivo Pessoal.

Por último, o auxiliar da sala informatizada mostrou o espaço físico da rádio MDP ao palestrante. Este, ao entrar na sala da Rádio MDP, gostou muito, inclusive fez elogios e deu algumas sugestões e dicas, como por exemplo, usar um pedaço de meia calça fina no microfone para abafar os ruídos. Antes de ir embora, distribuiu brindes aos alunos e bateu fotos com todos para registrar aquele momento.

Na aula seguinte, apliquei o questionário aos alunos para saber o que eles aprenderam da palestra acerca de rádio *Web*. Responderam o questionário 20 alunos, que faziam parte das equipes: Champions, É Nóix, Floripa FM, Estudantes Culturais, Estudantes Perdidos e Jovem Guarda. Quando perguntado o que aprenderam com a visita do jornalista, alguns alunos escreveram:

*Eu aprendi o que é rádio web;
 Como se monta uma rádio web (...)
 (...) como ser um jornalista (...)
 Aprendi tudo que tinha que aprender
 (...) como funciona uma rádio web
 (...) como fazê-lá
 A trabalhar em rádio
 (...) a diferença entre jornalista e
 radialista
 (...) frequência (AM e FM)
 Eu aprendi como funciona o Radialismo
 e o Jornalismo, como funciona a rotina de quem
 trabalha nesses dois setores, e como seguir a vida
 feliz quando se tem muitos problemas sociais: se
 você seguir a vida sabendo distinguir o bem do
 mal e for esperto, você pode ser uma pessoa muito*

simples que você se torna uma pessoa famosa pelos seus bons exemplos;

Aprendi muita coisa, sobre a web rádio, que até aquele momento eu não sabia nem o que era e muito menos como ela funciona e onde posso encontra-la. Também aprendi a fazer rádios online. Também fique sabendo um pouco sobre a vida de Helton Luiz e que não devemos desistir por maiores que sejam os problemas e ainda mesmo se eles forem nossos sonhos.

O seu reconhecimento pelos alunos, o conhecimento de coisas que eu não sabia, ele ensinou a usar as oportunidades da vida, etc. Enfim, foi muito legal.

Outra atividade realizada com os alunos foi a exibição do filme que fora alugado por mim na Videoteca da Trindade, intitulado “Uma onda no ar”, por ser um filme longo, sua exibição ocorreu em dois dias consecutivos, 23 e 24 de outubro. Assistiram a esse filme, um total de 28 alunos, dos grupos Americanos, Floripa FM, High School e Jovem Guarda.

Imagem 47: Exibição de filme



Fonte: Arquivo Pessoal.

Neste filme, os alunos perceberam algumas questões polêmicas apresentadas nele, como exclusão social, racismo, violência, liberdade de expressão e comunicação.

Para abordar o assunto sobre Rádio Livre, contei com a colaboração de um colega que estava no Rio de Janeiro, que gentilmente elaborou um vídeo e enviou-me por e-mail. A seu pedido foi exibido antes o documentário Intervozes – Levante sua voz (parte 1) aos alunos, o qual abordou temas sobre liberdade, comunicação e autonomia. A exibição destes se realizou em dois momentos, no dia 6 e 7 de novembro, no auditório da escola, no período vespertino. Na sequência, os alunos assistiram ao vídeo da rádio MDP, este apresentou a história

do surgimento da rádio, da eleição do nome/*slogan*, reportagens, produção/edição/gravação de programas. Todas essas atividades contaram com a participação de 26 e 11 alunos no primeiro e segundo dia, respectivamente. Os alunos presentes pertenciam aos grupos: Americanos, Branquinho Básico, Estudantes Perdidos, É Nóix, Floripa FM, Guerreiros, High School e Jovem Guarda. Quando perguntado no questionário se sabiam o que era rádio Livre, a grande maioria respondeu que não sabia o que era e que esperava aprender

saber como si faz uma radio livre; como ela funciona; conhecer/saber o que é; Como se divertir e trabalhar ao mesmo tempo; a experiência de trabalhar numa radio livre; Muitas coisas; Espero aprender sobre muitas coisas da radio sobre os países, sobre como aconteceu a radio livre, quando aconteceu a radio livre, etc; Como funciona que tipo de mensagem e informações são passadas nessa rádio.

No dia seguinte, apliquei o questionário de retorno aos 12 alunos presentes, para saber o que eles haviam aprendido sobre a palestra de Rádio Livre. Alguns responderam que:

Aprendi quando surgiu a primeira rádio e o que é uma rádio livre; Rádio livre é diferente da rádio comercial, que visa obter lucro, a rádio livre é para expor pontos de vistas pessoais; (...)eu não sabia o que era rádio livre, qual a diferença de rádio livre e rádio pirata e muito menos como acessar um site de rádio. Eu adorei a palestra; Como funciona e o que precisa para fazer funcionar do jeito que se trabalha que não trocam nada por propaganda; Que a rádio livre é uma gestão, onde todos podem expor suas idéias ou programas; (...) como fazer uma rádio livre e todos os equipamentos essenciais para produzi-las.

Para proferir palestra sobre o tema rádio educativo, contei com a colaboração do locutor da rádio UDESC, que a convite, gentilmente veio até a escola no dia 26 de outubro, no período vespertino, para fazer uma exposição sobre este assunto. Antes da exposição, apliquei o questionário com os 19 alunos presentes para saber o que eles sabiam a

respeito da temática, desses 18 alunos responderam não saber o que era uma rádio educativa.

Imagens 48: Palestra rádio educativo



Fonte: Arquivo Pessoal.

Após a palestra todos foram encaminhados para a sala informatizada, porque o palestrante exibiria *sites* de rádios educativas. Durante a exibição dos *sites*, os alunos ficaram em silêncio prestando atenção.

Imagem 49: Demonstração *site* rádio educativo



Fonte: Arquivo Pessoal.

Ao ser mostrado o espaço físico da rádio, o palestrante demonstrou surpresa e destacou a importância de se ter uma rádio naquele ambiente escolar.

Na semana seguinte, somente 7 alunos estavam presentes e responderam ao questionário. Quando perguntado o que eles aprenderam sobre aquela visita, alguns disseram que:

Aprendi sobre rádio educativa; Como passar a cultura por mídia porque não deixa de ser um grande conhecimento a ser passado; A visita foi muito legal, aprendi a diferença de Web Radio e a Radio Educativa; Como é uma rádio Educativa. Como funciona a rádio Edu.UDESC. Como montar uma Rádio educativa. Como é financiado a Rádio UDESC.

Ainda no dia 8 de novembro, no auditório, como forma de complementar e ilustrar a palestra sobre rádio educativa, exibi para 18 alunos vídeo acessado do *youtube.com*, sobre a história do rádio. Entretanto, após esse vídeo, percebi que muitos alunos apresentavam dúvidas a respeito do termo mídia. Assim, no dia 28 de novembro, mostrei imagens do que seria a mídia. Como estavam presentes 31 alunos, aproveitei para exibir novamente o vídeo sobre história do rádio.

Imagens 50: vídeo sobre a história do rádio



Fonte: Arquivo Pessoal.

Para encerrar as atividades complementares, faltava ainda realizar a visita a EBMDLS, no bairro Armação do Pântano do Sul, para proporcionar a troca de experiências entre as Rádios Escola Onda Jovem e MDP. Infelizmente, por motivos de disponibilidade de horário, somente foi possível agendar essa visita para o dia 5 de dezembro, ou seja, depois do encerramento das atividades da oficina de rádio na escola. Sendo assim, apenas participaram desta visita 12 alunos que manifestaram interesse em realizar a troca de experiências. Além destes alunos, participaram desta visita a auxiliar da sala informatizada, a coordenadora e a pesquisadora. Ao chegarmos à escola EBMDLS, fomos recebidos pela funcionária responsável pela Rádio Escola, que gentilmente nos conduziu até a sala informatizada e explicou que naquele dia a escola estava realizando outra atividade no auditório com os alunos e por isso iríamos somente contar com a participação de 7 alunos que faziam parte da rádio Onda Jovem, da auxiliar e da professora de matemática. Os alunos da Rádio MDP e Onda Jovem estavam a princípio envergonhados, então foi preciso a mediação das professoras para iniciar a conversa. As trocas realizadas foram sobre organização, planejamento, produção, criação e veiculação dos programas pelas duas rádios e a amostra de 1 programa criado pelas duas rádios. Os alunos da Rádio MDP se mostraram muito interessados em saber como os alunos da escola EBMDLS se organizavam, produziam e veiculavam para a comunidade escolar. Ao escutarem o

programa gravado, perceberam que a rádio Onda Jovem seguia um roteiro de programação que era dividido entre os alunos. Diferentemente da Rádio MDP, os alunos não eram divididos em grupos, porque o número de alunos participantes era pequeno, no máximo 20. Nem todos os alunos da escola participavam da rádio, somente os interessados. Ao conhecerem o espaço físico da rádio Onda Jovem, mostraram-se surpresos, este era espaçoso e continha três computadores, uma mesa quadrada no centro, um armário e caixas de som espalhadas no pátio da escola, não havia mesa de som. No final da visita, agradecemos a oportunidade.

Imagem 51: Sala informatizada da escola EBMDLS



Fonte: Arquivo Pessoal.

Imagens 52: Espaço físico da rádio Onda Jovem



Fonte: Arquivo Pessoal.

APÊNDICE B – Documentos

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

A/C Sra. Deisi Cord
Articuladora de Pesquisa e Extensão
Gerência de Formação Permanente
Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis

Vimos através deste, apresentar **PATRICIA DUARTE SILVA DA NATIVIDADE**, mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação/UFSC, na Linha de Investigação: Educação e Comunicação – Turma 2010, sob orientação do Prof. Dr. Wladimir Antônio da Costa Garcia, para realizar pesquisa de campo na Escola Básica Municipal José Amaro Cordeiro, situada no Morro das Pedras, nesta Capital.

Florianópolis, 1º de junho de 2012.

Wladimir Garcia
(Orientador)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PREZADOS PAIS E/OU RESPONSÁVEIS

Estamos desenvolvendo uma pesquisa de mestrado intitulada: **Comunicação e Produção de Subjetividade: o caso da rádio escola MDP**, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Esta pesquisa tem como objetivo analisar a experiência da Rádio Morro das Pedras à luz do conceito de Rádio Escola, considerando a potência política e desejante da experiência de acesso aos meios de produção midiática e relacionar as diferentes vivências de recepção pelos sujeitos da comunidade escolar.

Para isso, farei uso dos seguintes instrumentos para a coleta de informações, no período compreendido entre maio e novembro de 2012: a) entrevistas e depoimentos individuais e/ou coletivas; b) anotações por escrito das observações feitas durante a pesquisa (diário de campo); c) análise documental: documentos oficiais, caderno do monitor/educador/aluno, relatórios, entre outros); d) fotografias, gravações em áudio e vídeo. As questões formuladas serão de cunho profissional não envolvendo aspectos pessoais, familiares, subjetivos ou emocionais dos participantes e serão mantidos o anonimato e o sigilo das informações.

A pesquisa será realizada no contraturno, respeitando o calendário escolar da escola. Espera-se com o resultado dessa pesquisa colaborar para que a comunidade escolar em questão tenha condições de melhorar seu entendimento e compreensão de suas experiências a partir do acesso aos meios de produção midiática. É preciso esclarecer que em nenhum momento da pesquisa empírica (discussões e entrevista) haverá risco, constrangimento ou desconforto aos participantes.

Cabe salientar que o participante poderá retirar-se da pesquisa a qualquer momento, sem penalizações, bastando informar oralmente à pesquisadora pessoalmente, ou se preferir, por telefone **(48) 8481-1968** ou por e-mail **paty@ced.ufsc.br**. Da mesma forma tem o direito assegurado de

solicitar quaisquer esclarecimentos necessários, a qualquer tempo, bem como manter-se informados sobre o andamento ou resultados da pesquisa. Ressalto que não existirão despesas nem compensações pessoais ou financeiras para o participante em qualquer etapa da pesquisa.

Os benefícios são exclusivamente de ordem educativa, voltando-se para a melhoria dos processos de ensino e aprendizagem. Os dados coletados serão utilizados somente para a pesquisa e também poderão resultar em artigos científicos em publicações especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, sem que haja a identificação particular dos participantes da pesquisa.

Eu, Patrícia Duarte Silva da Natividade, aluna do curso de Pós-Graduação em Educação/UFSC, tendo como orientador o professor Dr. Wladimir Antônio da Costa Garcia, na linha de pesquisa Educação e Comunicação, declaro-me responsável pela pesquisa.

Patrícia D. S. da Natividade
Pesquisadora

Nome do Participante: _____

Nome do Responsável: _____

Assinatura do Responsável: _____

APÊNDICE C – DVD¹⁰¹

2Programas editados-gravados
DVD_Surgimento da radio MDP
Entrevistas_Questionários
Primeiras Atividades2012_alunos
Questionários_tabelas
Videos exibidos_Intervozes-parte 1
Videos exibidos_radionovela_efeitos son...
Videos exibidos_midia_hst do radio
Cronograma Oficinas do Mais Educação
Programas_antes do Mais Educação
Projeto Radio Escola 2005
Projeto Radio Escola MDP

¹⁰¹ Veja anexo.